



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – MESTRADO  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: HISTÓRIA E ESPAÇOS  
LINHA DE PESQUISA: RELAÇÕES ECONÔMICO-SOCIAIS E PRODUÇÃO  
DOS ESPAÇOS**

*Em nome da cidade vencida:  
A São Luís republicana na obra de José do Nascimento Moraes  
(1889 – 1920)*

Adriana Gama de Araújo

Natal/RN  
2011

ADRIANA GAMA DE ARAÚJO

*Em nome da cidade vencida:  
A São Luís republicana em José do Nascimento Moraes  
(1889 – 1920)*

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre, no Programa de Pós-Graduação em História, Área de Concentração em História e Espaços, Linha de Pesquisa I, “Relações Econômico-sociais e Produção dos Espaços”, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, sob a orientação do Prof. Dr. Raimundo Pereira Alencar Arrais.

Natal/RN  
2011

ADRIANA GAMA DE ARAÚJO

*Em nome da cidade vencida:  
A São Luís republicana em José do Nascimento Moraes  
(1889 – 1920)*

Dissertação aprovada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre, no Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em comissão formada pelos professores:

---

Prof. Dr. Raimundo Pereira de Alencar Arrais  
(Orientador – UFRN)

---

Prof. Dr. Raimundo Nonato Araújo da Rocha  
(Examinador Interno – UFRN)

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Marly Silva da Motta  
(Examinadora Externa – CPDOC-FGV)

---

Prof. Dr. Hélder do Nascimento Viana  
(Suplente – UFRN)

Conceito: \_\_\_\_\_ .

Natal, \_\_\_\_\_, de \_\_\_\_\_ de 2011.

Pelo conhecimento compartilhado em cada palavra,  
Pela sensibilidade que orgulha meu espírito,  
Pelo amor que corre em minhas veias...  
Para meu pai, Seu Alzindo.

## AGRADECIMENTOS

E nada mais seria como antes... Outra é a vida.

Tenho a serena impressão de ser outra a pessoa que me vem à memória quando lembro de mim, desembarcando numa cidade que parece se aconchegar num azul sempre muito mais azul... E onde decidi começar uma grande aventura longe de casa. Maior que o caminho entre o Maranhão e o Rio Grande do Norte é a distância entre a primeira letra e o ponto final de um texto dissertativo... E quantas são as surpresas e os desvios entre lá e aqui. Conheci muita gente, algumas outras reconheci. E tudo aquilo que vamos perdendo pela estrada, é a vida encarregando-se de nos deixar mais leves para que possamos prosseguir. O carinho e o auxílio de que precisei para começar e, principalmente, continuar, vieram de pessoas sempre atentas, sensíveis e solidárias. O espaço é pequeno para registrar todas que merecem meus agradecimentos. Contudo, suas presenças estão tão inscritas em meu coração quanto as que encontram, aqui, seus nomes escritos. Ei-las:

Meus pais, que são quatro, porque Deus me presenteou com dois de cada, dona Clara e dona Ceíça; seu Alzindo e seu Augusto, pelo amor que recebo diariamente de cada um deles que me faz mais feliz que qualquer outra coisa no mundo;

Meus irmãos, Daniel, Ana Clara, Claudenir, Marco, Alzindo Jr. e Pedro; minhas cunhadas, Luciane e Evelúcia, que me confortam com a certeza de que nosso amor está ali, para o que der e vier; e meus sobrinhos tão lindos, Lucas, Ana Julia e Davi, simplesmente pela alegria que sinto ao vê-los sorrir;

O professor Henrique Borralho, pela atenção e pelo carinho de ler e orientar as modificações de um texto que pretendia ser um projeto de mestrado;

Minhas tão queridas e necessárias amigas, Lília, Ana Cláudia, Juliana, Greice, Naylla, Alice, Roberta e Lilian, por sempre saberem de mim e de como preciso delas para eu me reconhecer;

Ana e Mirian, funcionárias da Academia Maranhense de Letras, por me deixarem pesquisar em seus horários de almoço e pela boa vontade com a qual me

ajudaram a encontrar os documentos necessários para dar encaminhamento a minha pesquisa;

As funcionárias da Biblioteca Pública Benedito Leite, que mesmo em condições inadequadas são incansáveis no cuidado de guardar e disponibilizar os jornais e documentos que contam nossa história;

Dona Ledi por me receber e me hospedar em Natal como se eu fosse da família;

Os funcionários do Programa de Pós- Graduação em História e Espaços pela disponibilidade e compromisso;

As professoras Fátima e Flávia, e dos professores Helder e Durval, pelo carinho, dedicação e atenção;

O professor Raimundo Nonato, pelo carinho, co-orientação e pelas aulas-conversas que me ensinaram a desconfiar do óbvio;

Meus amigos Jossefrânia, Diana, Luciana, Thiago, Rosenilson e Fred que dividiriam tantas dúvidas e alegrias no decorrer desta aventura acadêmica e pela permanência de suas existências em meu coração;

Meus colegas de turma, Michelle, Gustavo, Sonní, Arthur, Bruno, Gabriel, Giovanna, Diego, Hugo, Bel, Ana, Paulo Dário e Flávio, pelas aulas que tinham gosto de festa e pelos debates amigáveis;

Minha querida Kyara, flor de Campina, pelo carinho em forma de SMS que me acarinharam a alma e trouxeram calma em momentos precisos e preciosos;

Paulo Jr., por abrir a porta por onde saí para descobrir que minha casa não encerrava um mundo;

A família Nascimento Moraes, pela disponibilização dos documentos e informações imprescindíveis para essa pesquisa;

Meu professor e orientador Raimundo Arrais, sobretudo, pela paciência infindável, mas também por confiar numa mocinha do Maranhão que queria fazer história no Rio Grande do Norte, pela competência profissional, por não deixar que a poesia se perca em meio a tantos compromissos, por me apresentar Jorge de Sena e pelos e-mails que sempre deixaram meus olhos mais pertos das paisagens do Velho Mundo.

E, finalmente, a Nívia Paula e Saul Estevam, por tantas coisas... E, principalmente, pelo amor imenso e pela família que construímos longe de casa.

Muito obrigada a todos!!!

*“O meu livro, recordo-lho eu, é de história, Assim realmente o designariam segundo a classificação tradicional dos géneros, porém, não sendo propósito meu apontar outras contradições, em minha discreta opinião, senhor doutor, tudo quanto não for vida, é literatura, A história também, A história sobretudo, sem querer ofender...”*

(SARAMAGO, José. História do cerco de Lisboa. São Paulo: Cia das Letras, 1989, p.15).



## RESUMO

*Em nome da cidade vencida:  
A São Luís republicana na obra de José do Nascimento Moraes  
(1889 – 1920)*

O presente trabalho tem por objetivo analisar a cidade de São Luís do Maranhão na Primeira República presente do romance *Vencidos e Degenerados* de José do Nascimento Moraes, publicado em 1915. A partir do diálogo entre História e Literatura, investigamos de que maneira o autor elabora a história de uma cidade que após a libertação dos escravos e a chegada da República permanece atrelada a antigos preconceitos de cor e mergulhada em uma letargia econômica devido a permanências de ordem social e cultural. O romance faz parte de um conjunto de obras científicas e literárias de uma geração conhecida como Novos Atenienses, que pretendia problematizar e propor soluções para a crise econômica e cultural pela qual passava o Maranhão na virada do século XIX para o XX. O discurso elaborado pelos neo-atenienses combinava elementos saudosistas relacionados ao cultivo das letras para a obtenção do reconhecimento literário e os anseios de tornarem a cidade de São Luís condizente com os ideais de progresso e modernização característicos do período republicano. A esse contexto, Moraes insere discussões relacionadas aos preconceitos racial e social que persistiram após a Abolição da Escravidão e a Proclamação da República, considerados, por ele, as causas do atraso no desenvolvimento urbano da capital maranhense e das perseguições literárias sofridas por ele. Analisamos o romance buscando compreender as relações dos indivíduos entre si e com os espaços da cidade a partir dessas questões literárias, raciais e urbanas. Entendemos que a narrativa da obra é construída de maneira que a cidade, povoada por personagens negros, serve para legitimar a obra literária de Moraes, cujo nome foi silenciado nos principais círculos literários da capital durante o período por nós estudado.

Palavras-chave: História, Literatura, Cidade, Primeira República.

## RESUMÉ

*Au nom de la ville vaincue:  
la ville de São Luis républicaine dans l'oeuvre de José do Nascimento Moraes  
(1889-1920).*

Cette dissertation a pour but d'analyser la ville de São Luís do Maranhão pendant la Première République, d'après le roman *Vencidos e Degenerados*, de José do Nascimento Moraes, publié en 1915. À partir des rapports entre l'Histoire et la Littérature, nous nous intéressons à la façon dont l'auteur écrit l'histoire d'une ville qui, après la fin de l'esclavage et l'installation de la République, conserve des anciens préjugés de race et reste plongée dans l'immobilité économique. Le roman fait partie d'un ensemble d'oeuvres scientifiques et littéraires d'une génération connue sous le nom de *Novos Atenienses* (nouveaux athéniens), laquelle discutait la crise économique et culturelle vécue par le Maranhão au tournant des XIXe et XXe siècles. Le discours formulé par les nouveaux-athéniens comprenait des éléments nostalgiques associés au culte des lettres envisageant la conquête de la reconnaissance littéraire et le désir d'adapter la ville de São Luis aux modèles de progrès et modernisation de la période républicaine. Dans ce contexte, Moraes introduit les thèmes liés à la discrimination raciale qui demerait après la fin de l'esclavage, qu'il considérait un obstacle au progrès de la capitale de Maranhão, et aussi la cause des persécutions littéraires dont il était victime. On a analysé le roman en cherchant comprendre les rapports entre les individus et les rapports qu'ils entretiennent avec les espaces de la ville, à partir de questions d'ordre littéraire, raciale et urbaine. En guise de conclusion, la narration de l'oeuvre est développée de façon que la ville, peuplée de gens de couleurs, sert à légitimer l'oeuvre littéraire de Moraes, dont le nom a été oublié dans les principaux cercles littéraires de la capitale pendant la période examinée.

## SUMÁRIO

<i>Introdução</i> .....	15
<i>Capítulo 1 - O Nascimento das letras e das lutas literárias</i> .....	29
1.1. O Projeto Neo-Ateniense .....	29
1.2. Uma retórica de luta .....	42
1.3. A literatura nossa de cada dia: o cronista .....	55
<i>Capítulo 2 - O literal e o literário na República ludovicense</i> .....	63
2.1. Com quantas letras se escreve uma República? .....	65
2.2. A letra (in)formando o moderno .....	72
2.3. Os sentidos do progresso .....	80
<i>Capítulo 3 - A cidade dos vencidos</i> .....	86
3.1. Sobreviventes de um cotidiano inglório .....	88
3.2. Obrigação e diversão: os espaços e seus usos pelos novos cidadãos .....	95
3.3. Esquinas e varandas: as relações com o espaço público e privado .....	105
<i>Considerações finais</i> .....	116
<i>Referências bibliográficas</i> .....	120
<i>Fontes</i> .....	125
<i>Anexos</i> .....	127

## Introdução

*“Ser, eu sei. Quem sabe,  
esta cidade me significa”  
(Paulo Leminski. In: Curitiba)*

*Vencidos e Degenerados*<sup>1</sup> surge no cenário literário maranhense, ao que parece, como uma reclamação. Sua narrativa oscila, de maneira vigorosa, nas duas direções que envolvem o ato de reclamar: a queixa e a reivindicação. É assim que José do Nascimento Moraes escreve seu romance sobre a cidade de São Luís da virada do século.

Ficcionando a vivência urbana que começa a partir do dia 13 de maio de 1888 e elaborando um enredo que se estende pelos primeiros anos da República, José do Nascimento Moraes compartilha com o leitor um olhar sobre a reorganização de um cotidiano cheio de esperança, resignação, disputas e preconceitos. Em meio a tantos sentimentos, o autor oferece uma leitura significativa sobre a cidade naquilo que ela tem de mais íntimo: os costumes, os vícios e os desejos de seus habitantes. A construção do cotidiano, com suas vitórias, derrotas ou simplesmente batalhas que parecem nunca ter fim, se faz com a apresentação de tramas e personagens que tentam reencontrar seu espaço dentro de uma nova ordem trazida com o 13 de Maio e o 15 de Novembro. Casas, ruas, esquinas, becos e praças abrigam um presente que se debate entre romper e cultivar práticas e valores de um passado cujas glórias ainda influenciam o destino de seus habitantes.

Nascimento Moraes era um jornalista seduzido pela escrita. Gostava de tê-la como “arma” e como “casa”. Com ela se defendia e atacava, sob ela se abrigava. Dos seus quase oitenta anos de existência, mais de cinquenta foram dedicados ao labor jornalístico, usufruindo de seus reveses e de suas honras. Acumulava com o dever de informar, o de educar. Era professor. Seu caminho era o das letras, do que se podia ganhar com elas, do que se podia sofrer por elas. Entre aulas e notícias, escrevia contos, crônicas, poesias... Escreveu um romance. Nele, usou de toda sua destreza, ainda que o tenha escrito, como ele mesmo afirma, nos seus “primeiros anos de vida literária”, para

---

<sup>1</sup>MORAES, José do Nascimento. *Vencidos e Degenerados* (chronica maranhense). Maranhão: Typographia Ramos d’Almeida & Comp. Sucessores, 1915. Embora tenhamos acesso a esse volume que corresponde à primeira edição da obra, utilizaremos para fins de referência nas citações posteriores a 4ª edição que é de 2000.

incitar e orientar o olhar do leitor para questões que o afetavam diretamente<sup>2</sup>. Com o seu *Vencidos e Degenerados* narrou lutas e conflitos de personagens fictícios que, a todo momento, parecem se confundir com os de sua própria vida.

Moraes nos conta a história de uma cidade que após a libertação dos escravos e a chegada da República permanece atrelada a antigos preconceitos de cor e mergulhada em uma letargia econômica devido a permanências de ordem social e cultural.

Nascido em 1882, era filho do sapateiro Manoel do Nascimento Moraes, um mulato, ex-combatente da Guerra do Paraguai, que não foi premiado, e tampouco mereceu qualquer promoção ao final desta, por ser analfabeto. E de Maria Catarina Vitória, que de posse de seu “alvará de libertação da escravatura” passou a vender bananas para ajudar no sustento da família. As dificuldades sociais e financeiras legaram à família Moraes um ímpeto de superação e afirmação que é percebido em toda a trajetória do jornalista-professor. O filho de analfabetos que se tornou um fiel e severo defensor da gramática em suas colunas de crítica literária nos jornais em que trabalhou.

O período de formação intelectual de Nascimento, que não ultrapassou o curso preparatório do Liceu Maranhense (e uma rápida passagem pela academia militar, fruto de sonhos da juventude logo dissipados, cuja única herança foi a qualificação nos saberes matemáticos), ocorre durante a transição do século XIX para o XX e que, além das transformações de ordem política e social, traz para o Maranhão um processo de reorganização econômica, com a desagregação da lavoura algodoeira de exportação e uma espécie de “ansiedade” cultural. Pertenceu, pois, a uma geração literária que tem sua movimentação nos anos correspondentes à Primeira República, e ficou oficialmente conhecida como *Novos Atenienses* - denominação oficializada com o título de uma obra de Antonio Lobo, intelectual e um dos expoentes dessa geração, publicada em 1909 com pretensões de servir de subsídio para a história da literatura maranhense. O que chamamos, aqui, de “ansiedade”, pode começar a ser entendido a partir da própria denominação do grupo. Uma necessidade de se afirmar enquanto herdeiros de um destino literário de glórias, os herdeiros da Atenas Brasileira, formada por uma plêiade de nomes como Gonçalves Dias, Odorico Mendes, Coelho Neto, Sousândrade, os

---

<sup>2</sup> No prefácio de *Vencidos e Degenerados*, Moraes explica o seguinte: “Escrevi-o nos meus primeiros anos de vida literária, quando se me rasgavam as primeiras linhas do horizonte, quando sentia as primeiras impressões”. (2000, p.297)

irmãos Artur e Aluísio Azevedo e tantos outros conhecidos nacionalmente e que se afirmaram no cenário das letras nacionais.

Esse orgulho literário do passado animava as rodas de jovens que se colocavam como discípulos de alguns indivíduos dispostos a conduzi-los por meio das obras dos grandes pensadores clássicos e modernos, nacionais e internacionais. Um dos mais importantes era o português Manuel de Bitencourt, responsável pela iniciação de Nascimento Moraes no jornalismo, no jornal *A Pacotilha*, por volta de 1900. Posteriormente, Antonio Lobo e Nascimento Moraes seriam expoentes rivais desse movimento protagonizando polêmicas acaloradas através dos jornais. Era uma geração que se formava sob o signo da decadência, aqui definida pela saudade de um passado áureo, pelo fato de o Maranhão não ser mais um território economicamente próspero com as lavouras de algodão e não podendo mais sustentar uma vida social e cultural ativa no trânsito com os grandes centros do país e do mundo. Como pontua o historiador José Henrique de Paula Borralho:

“O decadentismo dos Novos Atenienses não é estrutura estética, forma poética, influência da forma literária que apareceu em fins do século XIX, cognominado de simbolismo, tendo Cruz e Sousa como expoente. O decadentismo corporificado no simbolismo é distinto daquele presente nos Novos Atenienses. Nestes se apresenta mais um saudosismo, uma idealização do passado, a consolidação do projeto ateniense, um grito para que os maranhenses empunhassem a bandeira das tradições e não sucumbissem ao presente desolador”.<sup>3</sup>

O romance de Nascimento Moraes se insere num contexto onde a problemática e a expectativa desses intelectuais consiste em entender e dar respostas aos seus anseios em relação ao futuro, tendo como referencial para isso um passado cultuado como glorioso e, para eles, condizente com o potencial maranhense (mais objetivamente, o potencial deles próprios). E na tentativa de afastar o que entendiam ser uma “tristíssima e caliginosa noite” que se abatia sobre as letras, para usar as palavras de Antônio Lobo, eles começaram a promover uma série de ações que permitissem o despontar de uma “nova aurora”<sup>4</sup> para a literatura maranhense.

Os anos correspondentes à fase da geração neo-ateniense foram riquíssimos no que diz respeito à criação e organização de meios e atividades para a publicidade dos

---

<sup>3</sup> BORRALHO, *A Athenas Equinocial*, p.39.

<sup>4</sup> Título de uma obra do neo-ateniense Astolfo Marques, uma novela, publicada em 1913 que tratava dos acontecimentos relativos à transição do século XIX para o XX no Maranhão.

letrados maranhenses. Só para mencionar dos periódicos que surgiram nesse período, Manoel Barros Martins nos informa que foram mais de 240, entre publicações diárias, semanais e quinzenais<sup>5</sup>. Pertencer aos grêmios, discursar nos eventos e salões de festas, ser membro das instituições como a Academia Maranhense de Letras (1908) e o Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão (1925), assim como fazer parte da redação dos jornais permitia essa publicidade. Tudo que queriam era fomentar um espaço de reconhecimento para si mesmos, pois sentiam-se herdeiros de uma tradição que faziam questão de resgatar e reavivar, a de serem filhos do que diziam ser um “chão pródigo” no campo da intelectualidade. O Maranhão tornou-se, pois, o objeto de análise e promoção nas obras neo-atenienses. Todos pensando meios para a resolução e denunciando os problemas que deixaram o Estado em condições de atraso econômico e cultural. Ou seja, eles trabalhavam para que seu espaço de atuação e eles próprios pudessem ser associados aos “novos tempos” que chegavam com a República.

Foi, sobretudo, com o jornalismo que Moraes reuniu as condições, material e moral, para o que ele chamou de “luta” de uma vida inteira. Trabalhou em muitos jornais como colaborador ou redator-chefe (*A Campanha, O Maranhão, A Pátria, Diário de São Luís, O Jornal, A Tribuna, A Hora, Diário do Norte, Diário Oficial, Correio da Tarde, A Imprensa, Regeneração, Diário do Maranhão, O Imparcial*, só para citar alguns), chegando, enfim, à chefia do *Diário Oficial do Maranhão* durante o período Estado-Novista na interventoria de Paulo Ramos (1936-1945)<sup>6</sup>. Seu conhecimento vasto sobre o que se passava em sua terra e no mundo permitiu-lhe escrever sobre os mais variados assuntos. Era um polemista. Utilizou-se de pseudônimos diversos, com eles transitando da prosa ao verso, do político ao literário, muito embora seus admiradores afirmassem que podiam reconhecer seu estilo sob qualquer um deles, devido o vigor de sua escrita.

Na maioria das vezes, fazia um jornalismo oposicionista, criticando o que denominava de “maus governos”. O que mais nos chama atenção em seus escritos é a intimidade com o cotidiano da cidade e de seus moradores. Mesmo nos textos predominantemente fictícios nos deparamos com muitos personagens reais da época na qual foram escritos ou os que ainda surgiam das lembranças de infância e juventude bem vivas na memória de nosso escritor. Os becos e ruas percorridos pelos personagens,

---

<sup>5</sup> MARTINS. *Operários da Saudade*, p.169.

<sup>6</sup> MACHADO. *Esferas Lineares*, p.46.

as festas, os pontos de encontro, a “cana-capim” no botequim, o dia-a-dia do comércio, tudo contado com a trivialidade de quem tinha esses caminhos e essas vivências por companheiros diários. O rigor na escrita e na aplicação das regras de gramática não o incluía no rol daqueles que praticavam uma literatura puramente “beletrista”. Moraes primava pelo alcance de suas ideias e pela identificação de sua obra com o público para o qual escrevia, do erudito ao popular. Quase toda ela está dispersa nos jornais. Os livros publicados, salvo seu romance *Vencidos e Degenerados*, surgiram das iniciativas de outras pessoas de reunir seus artigos e contos para que não se perdessem no tempo e dessem uma maior visibilidade à sua obra e ao seu nome de uma forma mais consistente.

Essa intimidade com a cidade, adquirida pelo extenso e intenso labor jornalístico, rendeu-lhe espaço e reconhecimento como homem de letras, pois, seu nome, pelo menos até o início da década de 1930, adquiria a maior parte de seu reconhecimento nessas mesmas ruas, esquinas, quitandas e praças de onde ele tirava a inspiração para escrever suas notícias. Suas rivalidades literárias e políticas o afastavam das instituições oficiais e das benesses do poder. Assim, a aproximação de Moraes com a cidade traz a legitimidade necessária para se afirmar enquanto membro de uma geração de intelectuais.

É buscando entender o sentido dos espaços da cidade de São Luís construídos por Nascimento Moraes em seu romance e a maneira como essa construção se faz a partir de expectativas e questionamentos em relação a uma ordem literária e social que realizaremos o objetivo deste trabalho. Pretendemos observar de modo mais detalhado os elementos utilizados para a configuração da paisagem da cidade pelo autor. Paisagem com nuances que legitimam um desejo literário e outras que incitam o questionamento sobre o quadro social exposto. Tendo em vista que paisagem, de acordo com Simon Schama, “é cultura antes de ser natureza”, analisamos as experiências que dão significado aos espaços físicos narrados para entendermos o sentido que esse espaço urbano ludovicense<sup>7</sup> adquire dentro das intenções de Moraes, num contexto de transformações e expectativas<sup>8</sup>.

---

<sup>7</sup> Adjetivo que designa aquele indivíduo que é natural da capital maranhense.

<sup>8</sup> SCHAMA. *Paisagem e Memória*, 1996.



Nossa leitura da obra é orientada pela tentativa de compreensão de uma cidade que se reorganiza abrigando habitantes cujo destino é o de serem “vencidos e degenerados”. Um lugar onde há uma tensão desencadeada pelo fato de ser republicana e despossuída de escravos, mas que ainda manifesta um forte preconceito racial e uma saudade do “passado glorioso” (tanto econômico quanto cultural). E somando-se a esses paradoxos, um jornalista “de cor” tentando se afirmar enquanto intelectual.

Longe de figurar entre as cidades que implementaram grandes projetos de planejamento urbano no início do século XX, como a cidade do Rio de Janeiro, por exemplo, a capital maranhense viu muitos de seus desejos de reforma, nesse período, permanecerem no papel. Seu processo de transformação relacionou-se, neste momento, às práticas que foram, aos poucos, impondo as novidades na apropriação e reconfiguração dos espaços. A racionalização que estabelece os parâmetros para a conceituação de espaço urbano, a partir de Michel de Certeau, não limita sua existência apenas para o que foi definido por seus planejadores. A organização também dá lugar ao “não-pensado”, às apropriações individuais que traçam os caminhos que divergem do perfil traçado por engenheiros e arquitetos<sup>9</sup>. Aquilo que foi planejado e construído pelo urbanista só se torna espaço pela movimentação da vida de seus moradores. Assim, para uma cidade com planos de modernização impressos mais no papel que nas ruas, pensar o espaço em sua relação com o indivíduo, é mais que acompanhar as práticas que não estão de acordo com o pensado pelo planejamento urbanístico, é perceber uma reapropriação que atualiza o urbano. Práticas que se integram ao cotidiano da cidade e ajudam a recompor a sua espacialidade.

Nos primeiros anos do Maranhão republicano, essas intenções de planejamento e racionalização urbana foram apresentadas por meio de elaboração de relatórios médico e de engenharia para resolução de problemas na capital e leis que almejavam a organização e aformoseamento urbano<sup>10</sup>. Não foram feitas, porém, grandes alterações na planta da cidade além de um alargamento em seu perímetro devido à instalação do conjunto fabril, pois algumas firmas instalaram-se longe do núcleo central da capital<sup>11</sup>. Posterior a esse alargamento, foram feitas concessões de habitação ao redor das fábricas para sua mão-de-obra, originando bairros operários que permitiam uma desconcentração

---

<sup>9</sup>CERTEAU. *A Invenção do Cotidiano* 1, 2007.

<sup>10</sup>PORTO. *Publicações da Câmara municipal de São Luís*, 1910.

<sup>11</sup>RIBEIRO Jr. *Formação do espaço urbano de São Luís*, p. 71-72.

populacional e um maior controle sobre essa camada social<sup>12</sup>. Assim sendo, é a partir da dinâmica urbana que orientamos a percepção do traço dessa paisagem agora republicana e de negros livres.

O alcance do nosso objetivo se dará por duas vias. Em primeiro lugar, a São Luís de *Vencidos e Degenerados* constrói-se sobre perspectivas de mudanças que não ocorrem, pelo menos não da maneira que o século XX e a República pareciam reivindicar, com grandes reformas *à la* Rio de Janeiro em tempos de Pereira Passos. O seu espaço é o do centro comercial erguido com a riqueza da agroexportação e o das novas áreas adjacentes que abrigaram as fábricas e seus operários. Hoje, essa área é o centro da cidade, a parte antiga que compreende o Centro Histórico. São os bairros da Praia Grande, do Desterro, da Madre Deus que abrigam os caminhos para os passos dos personagens. Desta maneira, é o caso de perguntarmos: de que maneira estes indivíduos criados por nosso autor se apropriam desse espaço? Ou melhor, como Moraes se apropria dele para, a partir da narrativa de seus personagens, expressar e legitimar seu discurso? As respostas a esses questionamentos precisam de uma metodologia que entenda que a cidade existe a partir de sua forma, mas, principalmente, do uso que é feito dela.

A cidade é, então, observada e analisada a partir daquilo que Bernard Lepetit chama de “hermenêutica urbana”<sup>13</sup>. Ou seja, o entendimento do que seja realmente a cidade é resultado da apropriação que seus habitantes fazem dela. É assim que ela é percebida, interpretada. Suas mudanças são observáveis a partir das relações estabelecidas pelos personagens de Moraes e do modo como usam o espaço urbano.

A leitura que os indivíduos fazem de seu mundo, a representação que é a expressão de seu conjunto simbólico, perpassa várias linguagens. Assim como a fala, o ato de caminhar, de escolher esse ou aquele caminho, denota e conota o conjunto de intencionalidades do homem e as relações que o envolvem. É deste modo que, apesar de haver uma ordem espacial a ser “seguida”, a escolha dos percursos traçados no cotidiano seguem a lógica da individualidade, no sentido de que ele decide por onde ir, rejeitando e privilegiando caminhos que caracterizarão suas possibilidades de movimentação no espaço em que vive. Ao capturar e narrar os movimentos nos

---

<sup>12</sup> MELO. *O bater dos panos*, p.40.

<sup>13</sup> LEPETIT. *Por uma nova história urbana*, 2001.

ambientes públicos, privados, de lazer, de trabalho, além daquilo que é permitido e proibido nesse cotidiano ludovicense, Moraes nos mostra a estrutura de uma norma, mas também o seu olhar sobre essa ordem. Ele “estabelece as perspectivas do olhar” mediante os elementos que escolhe para compor uma paisagem urbana para a qual o leitor deverá atentar<sup>14</sup>. Ele direciona os passos e as ações e nos convida a acompanhá-lo nesse passeio. Ele conduz aquele que lê pelas mazelas e pela competência literária da capital em que vive. São essas direções e sentidos do caminhar dos personagens que nos apresentam a cidade de Nascimento Moraes.

Em segundo lugar, apresenta-se a questão literária. Preocupada em manter vivo o mito da Atenas Brasileira, uma mitologia construída a partir de uma correlação feita entre “o *principium sapientiae* grego” e a notoriedade que obteve o Grupo Maranhense no desafio de elaborar uma identidade cultural para o Brasil no século XIX, mas que, na realidade representou “um auto-retrato dourado da sociedade senhorial gonçalvina, feito por meio da dimensão literária da intelectualidade”.<sup>15</sup> Com isso, a geração de Nascimento Moraes vê imposta a si a tarefa de reanimar as bases que sustentam a condição de privilégio cultural de que desfrutara o Maranhão desde o século XIX, mas que foi sendo minada pelo desaparecimento de seus expoentes, seja pela morte ou pela migração para outras regiões do país, aliado aos problemas econômicos sofridos pelo Estado. Dentro desse cenário de afirmação intelectual, a visibilidade almejada pelos intelectuais começa a desencadear disputas que expõem os vícios e preconceitos da sociedade. Moraes se vê logo atingindo por sua condição racial. Nem seu conhecimento nem sua habilidade na arte da escrita, sua inserção no grupo letrado, tampouco a República e seus ideais de igualdade e cidadania o isentam de sofrer discriminações. Diante disso, Moraes problematiza em seu romance não só as razões que legam a São Luís o seu estado de decadência, mas também elabora um discurso que legitima o negro enquanto ser apto a fazer parte dessa cidade literária. Interessa-nos, pois, analisar os papéis do homem de cor dentro da narrativa de *Vencidos e Degenerados*, interrogando sobre quais espaços da cidade ele se movimenta, em quais ele é aceito e quais são aqueles em que sua presença ainda é rechaçada. E, principalmente, como essa cidade exposta em páginas o ajudará a alcançar seu pedacinho céu no conjunto da intelectualidade maranhense.

---

<sup>14</sup>ARRAIS. *Escrevendo e cartografando a cidade do Recife na passagem para o século XX*, p.227.

<sup>15</sup>CORRÊA. *Atenas Brasileira*, p.29.

Discutir disputas literárias a partir de um texto literário é uma tarefa duplamente prazerosa. Prazer que se encontra na possibilidade de educar o olhar para as sutilezas que poderão estar além do óbvio. A falta de compromisso da literatura com a verdade não faz do nosso autor um negligente em relação ao cenário ao contexto que ele se propõe mostrar. A São Luís do livro parece a São Luís do cotidiano dos leitores do livro. Contudo, a literatura não tem o objetivo de simplesmente mostrar o que já conhecemos. Ela quer provocar<sup>16</sup>. Moraes mostra a situação da cidade para problematizá-la e levar o leitor a dar-lhe razão e ajudá-lo a mudar esse estado de coisas. Se há negros, espalhados por toda a cidade, tão aptos quanto os brancos a manter uma tradição de privilégio intelectual, porque não aceitá-los? Porque perpetuar vícios e preconceitos que só atrasam o desenvolvimento da capital maranhense?

Ao fazermos uso da literatura, narrativa que elabora “uma maneira” de perceber o mundo, como base para a construção do saber histórico, que é a narrativa que quer elaborar a “maneira verdadeira” pela qual se deve perceber o mundo, estamos nos permitindo discutir como a ficção deixa de ser um mundo confortável por seu distanciamento da realidade para ser um mecanismo de interferência direta sobre esta.

Umberto Eco traz à tona a questão quando se propõe a percorrer os bosques onde texto ficcional e verdade histórica podem se confundir a partir do papel do leitor, figura cuja presença é condição necessária para existência dos textos seja de que natureza for. Ele escreve que “numa história sempre há um leitor, e esse leitor é um ingrediente fundamental não só do processo de contar uma história, como também da própria história”<sup>17</sup>. E quando a linha entre ficção e realidade é tênue demais devido às referências que o autor retira do mundo real, o leitor pode se confundir a ponto de não saber diferenciar uma da outra.

Embora essas intersecções entre os dois tipos de textos sejam bem comuns, a busca pela verdade, ação diretamente associada à narrativa histórica, tornou-se um princípio diferenciador em relação às outras narrativas desde a Antiguidade e vai se institucionalizando à medida que a história ganha caráter de ciência. A coexistência dos caracteres verídico e retórico na história produzida pelos antigos nos mostra que a necessidade do primeiro não descartava o uso do segundo, pelo contrário, este último

---

<sup>16</sup> SANTOS. *Quem ama literatura não estuda literatura*, 2008.

<sup>17</sup> ECO. *Seis passeios pelos bosques da ficção*, p.7.

interferia diretamente na construção daquele. Para diferenciá-la do épico, tanto na Grécia quanto em Roma, a história estava sujeita a regras discursivas específicas, ou seja, o estatuto de histórico dado ao texto era obtido, não pela sua condição de verdadeiro, mas pela disposição da argumentação que o fazia *parecer* verdadeiro.

Tucídides ressaltava o valor de sua narrativa pela serventia que ela teria para os homens. Ele não queria que seu relato fosse uma espécie de monumento, como considerava a obra dos poetas, algo que servia apenas para perpetuar um acontecimento por sua beleza. A narrativa histórica deveria ser “útil e proveitosa”. Deveria ser objeto de reflexão para o homem que faz uso de sua razão e consegue tirar proveito das ações do passado como exemplo. A verdade estava muito mais relacionada à finalidade a que se propunham as obras<sup>18</sup>.

A busca do século XIX em relação à objetividade e ao caráter científico do saber histórico, distanciou o historiador do fato, ou melhor, da produção deste. Ele já estava lá nos documentos, pronto. Contudo, o século XX trouxe de volta a preocupação com a narrativa e redimensionou essa relação. A escrita da história torna-se parte integrante da própria elaboração do fato. E o historiador passa a enfatizar também a dimensão ficcional e poética do seu discurso<sup>19</sup>. Com a intenção de fornecer mais subsídios para essa questão da dimensão narrativa do conhecimento histórico, Luiz Costa Lima chama atenção para a idéia de que “o cuidado com a construção textual pressupõe que já não se tome a linguagem como simples modo de referência dos conteúdos factuais”<sup>20</sup>. Ainda que a busca da verdade seja a aporia da história, é necessário que se compreenda que a verdade não se esgota no fato em si. Se este passa a “existir” a partir do momento que é “acolhido” pelo texto, é a maneira como é (des)escrito que permite as possibilidades de sua legitimação. É aqui que entra a retórica. Não como simples técnica para um melhor escrever, mas como um trabalho de aproximação do texto, da verdade do texto (que é diferente da verdade do fato) com o leitor.

Não perdendo de vista que tudo em nossa proposta de reflexão passa pela linguagem escrita: literatura e história. E que ambas, sem contar com a materialidade das páginas que as abriga, tratam de coisas impalpáveis, abstratas, podendo mesmo dizê-las “irreais”, pois trabalhamos com o entendimento que o real “é apenas aquela

---

<sup>18</sup> MAGALHÃES. *Tucídides: A inquirição da verdade e a latência do heroico*. In: JOLY, p.15-16.

<sup>19</sup> ALBUQUERQUE Jr. *História: a arte de inventar o passado*, p.20-21.

<sup>20</sup> LIMA. *História. Ficção. Literatura*, p.37.

entidade que se impõe independentemente de uma atividade mental”<sup>21</sup>. Assim, ao ficcionar o cotidiano de São Luís logo após a Abolição e sua dinâmica social no início do período republicano, Nascimento Moraes nos mostra o sentido que buscava para esse processo de reorganização urbana onde as questões literárias, sociais e raciais vão influenciar algumas ações e caracterizar uma cidade habitada pelo que ele denomina *vencidos* e *degenerados*. Aquilo que ele escolhe narrar para configurar a cidade e sua dinâmica social, assim como sua retórica, constituem os alvos de nossa investigação.

Nessa perspectiva, nossa pesquisa se insere na temática da cidade e nos propomos ao que François Hartog denominou de “experiência de leitura”, ou seja, um exercício com a intenção de aprender a ler aquilo que nosso autor escreveu sobre a cidade, a que inquietação ele está querendo dar uma resposta e qual seu “horizonte de expectativas”<sup>22</sup>. Objetivamos descobrir que cidade é essa que é a expressão do olhar de um homem que vivia uma espécie de paradoxo em virtude de fazer parte de uma geração de letrados e também integrar o conjunto de indivíduos que por ser negro sofria uma série de discriminações tendo sobre si o peso do preconceito de sua época.

Nossa abordagem dar-se-á, fundamentalmente, a partir da História Cultural, por este viés interpretativo utilizar as fontes, sejam elas literárias ou não, como uma representação e não como um reflexo da realidade, levando em consideração as diferenças dos sujeitos para convertê-las em instrumentos que interferem no entendimento dessa realidade<sup>23</sup>. Não tomaremos, pois, o romance de Moraes como uma narrativa do que havia ou não na cidade, real, de São Luís no começo da República. A intenção é mostrar de que maneira a obra nos indica uma ideia de cidade que revela os anseios urbanos e literários da época a partir dos olhos do autor. E para isso, trabalharemos o texto não apenas usando técnicas concernentes ao saber histórico, mas também uma abordagem literária. É a cidade que está para aquém do planejamento urbano, é a cidade que se caracteriza pela prática dos seus habitantes e pela escrita de Nascimento Moraes.

Temos, então, um romance que objetiva mostrar as práticas diárias de uma sociedade que está, se tomarmos inicialmente a impressão dada pelo seu título, se degenerando e povoada de personagens vencidos. Pretendemos analisar os elementos

---

<sup>21</sup> LIMA. *História. Ficção. Literatura*, p. 264.

<sup>22</sup> HARTOG. *O Espelho de Heródoto*, p.16.

<sup>23</sup> HUNT. *Apresentação: história, cultura e texto*. In: *A Nova História Cultural*, 2001.

dessa degeneração e de que maneira se apresentam as derrotas, mas, principalmente, qual o sentido disso tudo para a configuração desse espaço urbano. É deste modo, considerando a razão do olhar de nosso autor sobre a cidade, que reteremos os objetos que ele utiliza em sua narrativa para moldá-la e torná-la inteligível para os leitores, de acordo com suas intenções.

De acordo com Maurice Blanchot, o estabelecimento de um espaço criado pela literatura é um acontecimento que interfere na realidade na medida em que o autor trabalha um sentido para ela<sup>24</sup>. A metodologia escolhida para a análise desse tipo de categoria espacial a entende como uma imagem criada pela experiência e pelo sonho do escritor, considerando-a, contudo, diversa do objeto que possibilitou a imagem. Ele propõe que a arte literária é uma desvinculação, um desprendimento do escritor do plano real para a instituição de uma realidade outra que é reflexo, não do objeto, mas do modo de perceber esse objeto. A literatura, deste modo, assim como outros tipos de arte, não vem a ser uma imitação do real; é uma imagem dentro da realidade cujo universo de nossos valores está intimamente presente em sua constituição.

Como subtítulo do romance de Moraes, consta “crônica maranhense”. Entendemos que sua proposta não era a de simplesmente fantasiar sobre aquele cotidiano, e sim, a de informar e elaborar uma opinião como um jornalista o faz. Durante a narrativa, ele se coloca como um narrador que interfere. Expressa sua opinião tanto pela fala do narrador quanto pelas de seus personagens. A cidade que ele nos apresenta é dinamizada por personagens que, na maioria, são negros e mulatos com condições sociais e culturais diversas, mas todos envolvidos numa trajetória de luta por sobrevivência ou reconhecimento.

Toda a narrativa gira em torno de João Olivier, jornalista e guarda-livros de escrita admirada por uns e temida por outros; e de seu filho adotivo, Cláudio Olivier, que segue seus passos na carreira jornalística e literária. Ambos mulatos. E mesmo sem terem sentido na pele o peso da condição de escravo, sofrem a perseguição legada pela escravidão.

---

<sup>24</sup> BLANCHOT. *Espaço Literário*, 1987.

Os demais personagens figuram como contraponto daquilo que, para nós, parece ser o objetivo de Moraes ao escrever o romance. Parecem encarnar a crítica do autor a algumas permanências que devem ser combatidas na sociedade maranhense. Como, por exemplo, as reservas em relação aos benefícios da colônia portuguesa na cidade, discutidas a partir das atitudes de João Machado, comerciante português, enriquecido por meios não muito claros e amigo devoto dos Oliviers, amizade que, posteriormente não resistirá aos preconceitos sociais como se observa na parte final do romance. A amizade entre Machado e João Olivier começou no dia da Abolição quando o português sentiu-se arrebatado pela intensidade do discurso de João. Essa relação se manteve com a família mesmo após a morte do jornalista, mas foi rompida quando as atitudes de enfrentamento social de Cláudio puseram em risco a posição social do português.

É interessante notar que a cidade de *Vencidos e Degenerados* é uma cidade de negros. Ex-escravos ou não, todos aparecem num esforço de superação, de luta no cotidiano contra as adversidades materiais e sociais. Todos com predisposição para o conhecimento, sendo alfabetizados ou não. Os personagens assumem um discurso de luta ou resistência contra a discriminação racial, que é também social, em seus respectivos espaços e ambições. Seja para ser reconhecido por seu talento literário e ser aceito na sociedade, seja para ser reconhecido apenas como um homem livre e com condições mínimas de sobrevivência.

Para melhor atender nossos objetivos com esta pesquisa, que é a de perceber a maneira, e a partir de que elementos, José do Nascimento Moraes constrói a paisagem da cidade de São Luís no início do período republicano em *Vencidos e Degenerados*, dividimos nosso percurso em três capítulos que perpassam a trajetória pessoal e literária do autor e toda a narrativa do romance.

O primeiro capítulo se detém na formação intelectual de Moraes e no seu trabalho jornalístico destacando seu papel no grupo neo-ateniense, as polêmicas literárias nas quais se envolveu, as características de sua atuação jornalística e, principalmente, os mecanismos de construção de uma imagem de si que foi absorvida por seus conterrâneos e é reproduzida há várias gerações. Ou seja, buscamos entender o que sua ficção nos oferece a partir dos fatores que possibilitaram seu acontecimento<sup>25</sup>.

---

<sup>25</sup> GAY. *Represálias Selvagens*, p.24.



O segundo capítulo trata da cidade enquanto espaço urbano, sua organização dentro da ordem republicana e seus problemas; e sua participação no projeto Neo-Ateniense. Utilizaremos os relatórios oficiais do governo, relatórios médico e sanitário, assim como as leis que se referem ao planejamento e à avaliação das condições dos serviços públicos, e as obras de alguns intelectuais que pontuam essas questões. Tentamos perceber em que situação se encontrava São Luís no início da República e quais as intenções e ações do poder público e da elite letrada para a organização da cidade.

No terceiro capítulo, analisamos o cotidiano da São Luís de Nascimento Moraes. Percorremos com ele os caminhos da cidade nas suas dimensões pública e privada. Observamos os usos e os comportamentos dos personagens nessas respectivas espacialidades e tudo o que faz parte da dinâmica desse cotidiano. As divisões de ordem social e física que caracterizam os espaços do trabalho e das festas na capital. As tensões e o convívio entre os diferentes grupos sociais e como são dispostos pelo autor no ambiente urbano. As lutas pela sobrevivência e as denúncias referentes às condições em que se vivia nessa cidade do início da República. E, principalmente, como essa cidade literal e literária acolhe e responde às suas expectativas.

## Capítulo 1

### O Nascimento das letras e das lutas literárias

*“O prazer que nos alegra e a dor que nos maltrata  
não dependem de nós... dependem do tempo”  
(Nascimento Moraes. In: Contos de Valério Santiago)*

#### 1.1.O Projeto Neo-Ateniense

Quando José do Nascimento Moraes publicou seu romance *Vencidos e Degenerados* já havia se passado dois anos do término de sua escrita. Em 1915, quando, enfim, os leitores puderam conhecer a obra, eram saudados por um prefácio que soava como justificativa e que se intitulava *Duas Palavras*. O preâmbulo dizia que aquela obra era de um neófito na vida literária. Ali, achava-se, “à vontade, o coração”. Sua publicação, único romance em meio a uma vasta produção jornalística e literária, foi feita pela Typografia Ramos d’Almeida & Comp. Succs., de propriedade do Dr. Manoel Jansen Ferreira, e a demora em ganhar a luz e o burburinho das ruas se deu, de acordo com depoimento de Humberto Ramos de Almeida Jansen Ferreira, filho do editor, que consta na segunda edição do romance em 1968, devido ao “acúmulo de serviço e da pobreza de recursos técnicos da época” naquela que era uma das editoras mais importantes da região. E ressalta também as ligações de amizade entre Nascimento e a família do editor, que possibilitaram a publicação da obra como homenagem.

O livro faz parte de um conjunto de produções que deu visibilidade aos representantes da geração denominada *Novos Atenienses*. A pluralidade de estilos e temáticas não dispersou um ideal comum entre os escritores e cientistas neo-atenienses: a problematização da situação econômica e cultural em que o Maranhão se encontrava no período inicial da República. A fundação do grêmio literário *Oficina dos Novos* em 1900 foi a concretização de um objetivo comum que visava garantir a esses jovens letrados um lugar de destaque, se não no cenário nacional, pelo menos em seu Estado. A organização em torno de associações e grêmios seria o primeiro passo para a difusão de suas produções. De acordo com a periodização proposta pelo historiador Mário Meireles, eles constituíram, então, o terceiro ciclo literário maranhense (1894-1932), caracterizado como ciclo decadentista<sup>26</sup>.

---

<sup>26</sup> MEIRELES. *História do Maranhão*, p. 296.

Neste tópico, vamos abordar as condições em que se gestaram as aspirações neo-atenienses, como estas se converteram em ações em prol da reanimação cultural do Maranhão visando a afirmação de um grupo e de sua prática literária, qual a interferência disso no cotidiano da cidade de São Luís no início do período republicano e como José do Nascimento Moraes participa dessas aspirações.

A preocupação em devolver ao Maranhão o status de espaço importante econômica e culturalmente no conjunto dos estados brasileiros, de novamente fazer jus ao título de Atenas Brasileira adquirido com a primeira geração literária, o Grupo Maranhense<sup>27</sup>, significava assumir e refletir sobre as condições que o fizeram mergulhar e permanecer na letargia em que se encontrava. O grupo de Gonçalves Dias tinha revelado para a incipiente Nação a condição de terra privilegiada no campo das letras. José Veríssimo na sua *História da Literatura Brasileira* registra que:

“Quaisquer que tenham sido suas determinantes, existia já na época da Independência o gosto literário no Maranhão. Prova-o o apuro com que ali se estudava e escrevia a língua nacional em contraste com o desleixo com que era tratada no resto do Brasil e a parte que ali se dava no mesmo jornalismo político à literatura<sup>28</sup>”.

Essa ideia, cultivada no imaginário maranhense, aumentava ainda mais o abismo escuro em que se perdiam aqueles que queriam viver como homens de letras, os que lamentavam não poder usufruir da herança de uma tradição tão iluminada. O pessimismo que esses letrados demonstravam em relação à situação do Estado, em suas produções, faria com que o grupo fosse adjetivado, posteriormente, como *decadente*. Essa característica não se deve à inércia ou acomodação, por parte de seus representantes, diante das condições pouco favoráveis, pois é durante essa fase que temos a maior movimentação no âmbito das produções e criação de instituições culturais, até então, da capital maranhense. O decadentismo se explicava pela sensação de impotência sempre presente nos trabalhos desses intelectuais, suas posturas propositivas e participativas não descartavam seus lamentos.

Entre as instituições de caráter público e privado que atuaram nesse momento, “na vanguarda do movimento de renovação cultural do Maranhão” destacavam-se o

---

<sup>27</sup> Grupo formado pelos intelectuais que, em sua maioria, eram filhos de grandes senhores rurais do ciclo do algodão (1832 – 1868) e estudaram em Olinda ou Coimbra.

<sup>28</sup> VERÍSSIMO. *História da literatura brasileira*, p. 184.

Liceu Maranhense (1893), a Biblioteca Pública (1898) e o Centro Caixeral fundado em 1890<sup>29</sup>. Nestas, os intelectuais se encontravam para discutir questões as mais diversas e a partir delas é que surgiram tantos outros espaços socialmente mais seletivos, como a Academia Maranhense de Letras (1908), a Faculdade de Direito (1918), a Faculdade de Farmácia e Odontologia (1922) e o Instituto Histórico e Geográfico (1925), todos cumprindo o papel de ajudar a desenvolver o conhecimento literário e científico do Maranhão. Eram todas instituições de saber. Espaços físicos e literários que passaram a fincar concretamente o conhecimento no chão da cidade.

Dentro dessa necessidade, inicialmente, a Academia Maranhense de Letras surgiu muito mais para salvar do esquecimento a tradição literária do Maranhão e garantir um lugar para seus membros do que para desenvolver ações de fomento da educação e das letras na sociedade. “Para os literatos maranhenses do início do século XX, urgia salvaguardar esse passado de glórias que, segundo eles, suplantava o de todas as outras províncias”<sup>30</sup>. Após sua fundação e da solenidade de abertura em 1908 nada mais foi feito até 1916. Os benefícios palpáveis de fazer parte de uma academia de letras, que seria a “segurança profissional desconhecida no cotidiano do trabalho literário”, teriam que esperar<sup>31</sup>.

Ao longo do recorte temporal em que figuraram os neo-atenienses, foram criadas várias associações literárias com o intuito tanto de reanimar a cultura do Maranhão quanto de promover a ação de seus membros. Dentre elas, as que obtiveram maior notoriedade foram a *Oficina dos Novos* (1900) e a *Renascença Literária* (1901). Essas duas agremiações tornaram-se os polos catalisadores da juventude maranhense, seus líderes Antonio Lobo e José do Nascimento Moraes, respectivamente, protagonizaram uma intensa rivalidade através de algumas polêmicas registradas nos jornais dos quais faziam parte, e também incentivaram a produção literária de ambos os grupos inspirando outros jovens ao exercício das letras.

Foram organizados periódicos nas duas agremiações, *Os Novos* e *A Renascença*, para que fossem divulgados os trabalhos de seus membros. Publicizavam livros, versos, breves biografias e contos, ou seja, registravam a produção dos letrados garantindo-lhes notoriedade para que pudessem sonhar com oportunidades maiores. O poeta, cronista e

---

<sup>29</sup> MARTINS. *Operários da Saudade*, p.175-176.

<sup>30</sup> CASTRO. *Academia Maranhense de Letras*, p.60.

<sup>31</sup> EL FAR. *A encenação da imortalidade*, p.29.

contista maranhense Humberto de Campos, em suas *Memórias Inacabadas*, obra póstuma, expressa sua opinião sobre os dois grupos. Ele escreve que:

“Um dia, eu me sentei em uma pedra tosca, na ponta da calçada de nossa casa, na parte que dava par o quintal, tendo à mão dois jornaizinhos literários, publicados em S. Luiz. Intitulava-se um Os Novos, e era órgão da Oficina dos Novos, associação constituída pela geração moça, orientada por Antonio Lobo e Fran Pacheco. Renascença, denominava-se o outro, e reunia uma dissidência combativa e heroica, sob a chefia de Nascimento Moraes. O primeiro era sereno, ponderado, mergulhado em sonho e meditação... O outro periódico era mais variado e mais vivo. Nascimento Moraes, professor de português, criticava a língua d’Os Novos, arremetendo de palmatória em punho contra os rapazes do outro grupo”<sup>32</sup>.

A diferença que Humberto de Campos percebeu entre os dois periódicos era sintoma da condição diversa de seus representantes dentro da ordem social maranhense. Nascimento Moraes integrou o grupo da *Oficina*, mas um ano depois ele e outros desligaram-se para fundar a *Renascença Literária*. E o fato que o próprio Antonio Lobo em seu livro *Novos Atenienses*<sup>33</sup>, superficialmente, cita como uma dissidência para a fundação de outra associação recebe uma explicação um pouco mais detalhada por Moraes. Segundo ele, aquilo que Lobo cita de passagem, assume outro significado, pois:

“Fala o homem no celebrado livro em dissidência literária, e então explica que um grupo de moços se desligou da Oficina para formar a ‘Renascença Literária’, e diz mais que esses homens foram: I. Xavier de Carvalho, Nascimento Moraes, M. George Gronwell, Octavio Galvão, Rodrigues d’Assumpção, Leoncio Rodrigues, Leslie Tavares e Caetano de Souza.

Perguntamos:- que membros ficaram na Oficina dos Novos? Três, apenas: João Quadros, Astolpho Marques e Francisco Serra, porque todos, ao contacto de um estragado que chegava, e que Lobo sem nada ser na Oficina, simples amigo e collega de Francisco Serra, queria impôr como a sabença das sabenças. (...) O que Lobo queria fazer com a Oficina dos Novos, e o que conseguiu depois, era um grupo de rapazes que o apoiasse, que lhe batesse palmas, que lhe glorificasse o nome e o do mano [Fran Paxeco]. Muita gente entrou pr’ali à murro. Quando mal esperava estava acceito sócio, a representar um morto illustre! Muitos não ligavam importância à coisa, mas outros, inexperientes, não tiveram remédio senão engrossar ‘os homens’ com todas as veras”<sup>34</sup>.

---

<sup>32</sup> CAMPOS. *Memórias Inacabadas*, p.126-127.

<sup>33</sup> LOBO. *Os Novos Atenienses*, p.29.

<sup>34</sup> MORAES. *Puxos e Repuxos*, artigo VIII.

O “mano” a que Moraes se refere é o português Manuel Francisco Paxeco, um dos representantes mais proeminentes do movimento literário maranhense no início do século XX. Fran Paxeco, em seu livro *Geografia do Maranhão* (1923), escreve um estudo detalhado sobre as potencialidades da região e as possibilidades de intervenção racional direcionada a reanimação das forças produtivas, materiais e sociais. Além de participar do projeto neo-ateniense, Fran Paxeco, simbolicamente, era visto como o elemento europeu contribuindo para “reanimar as energias combalidas”<sup>35</sup>.

Para Nascimento Moraes, o projeto de Antonio Lobo trazia intenções, não apenas de resgatar as glórias de um passado ateniense perdido, mas de manter e reafirmar valores sociais e raciais que o atingiam (e o excluíam) diretamente. A rivalidade entre os dois transbordou para as páginas dos demais jornais em que eles e seus respectivos companheiros escreviam.

As questões literárias, assim como a tônica do discurso neo-ateniense de reanimação da vida econômica e cultural maranhense, onde a capital, São Luís, acabava representando todo o Estado, compõem o enredo de *Vencidos e Degenerados*. O “discurso da decadência”<sup>36</sup> parece ter sido, na realidade, manipulado por todo o grupo de letrados para se fazerem reconhecer e legitimar como responsáveis pela desejada recuperação, pois não só Antonio Lobo argumentava e buscava afirmação a partir das associações e de seus escritos. Para entender a construção e a difusão desse discurso, nos reportaremos, brevemente, a fins do século XVIII, quando a grande lavoura atinge o apogeu.

Desde a criação da Companhia de Comércio do Grão-Pará e Maranhão, em 1755, até as duas primeiras décadas do século XIX, a economia maranhense viveu um período de grande desenvolvimento. Os investimentos da política pombalina permitiram a organização da lavoura, a introdução de mão-de-obra escrava africana e gerou um alto índice de exportação de algodão e arroz, de tal maneira que o retorno financeiro influenciou o desenvolvimento material e cultural da província. Com o passar dos anos e uma produtividade baseada apenas na quantidade de braços e no tamanho da área

---

<sup>35</sup> MARTINS. *Operários da saudade*, p.75.

<sup>36</sup> ALMEIDA. *A ideologia da decadência*, 1983.

plantada, questões como o combate ao trabalho escravo e as oscilações do mercado internacional afetaram significativamente a agricultura. Ou seja,

“Pouco se cuidou de melhorar a genética da planta [algodão], os tratamentos culturais, os equipamentos utilizados para plantio, colheita e condicionamento, bem como também não foi reformulado o sistema de comercialização e nem obviamente, melhoradas as condições de trabalho do escravo”<sup>37</sup>.

Deste modo, a partir da década de 1820, a exportação do algodão vai diminuindo e entrando num processo de crise que vai desarticulando a lavoura a partir de fatores como ilegalidade do tráfico em 1831, revoltas políticas e sociais como a Balaiada e a concorrência do algodão norte-americano.

Diante dessa situação, o governo provincial e os grandes proprietários rurais tentaram “solucionar” o problema com medidas que apenas protelaram a falência da agroexportação. Dentre essas medidas, as que diziam respeito ao braço escravo foram as que inspiraram mais preocupações aos maranhenses. Como exemplo, o tráfico interprovincial foi uma ação para salvar a economia que adquiriu consequências contraditórias. Em 1850, quando foi extinto o tráfico internacional de escravos, o problema da manutenção da quantidade de braços para a lavoura provocou um alvoroço na economia de todas as regiões. Entretanto, enquanto a lavoura maranhense e de outras províncias rumaram para a decadência, no sul do Brasil o café despontava, necessitando cada vez mais de trabalhadores. O que ocorreu foi uma transferência de mão-de-obra escrava para as áreas em desenvolvimento agrícola.

O comércio interprovincial de escravos atendia à necessidade de capitais dos senhores “nordestinos” para o pagamento de débitos e manutenção de status não mais supridos com sua lavoura, o que se aplica bem no caso do Maranhão. Ou seja, havia uma crise de mão-de-obra que também afetava a economia da província e como estratégia para se evitar a ruína, diminuía-se cada vez mais o número de braços através da venda para regiões que também necessitavam e que dispunham de recursos para adquiri-los. Em 1872, a província do Maranhão tinha uma população escrava estimada em 73.245 peças, reduzida para 49.545 em 1884 e, em 1887 o quantitativo já era de 33.446<sup>38</sup>.

---

<sup>37</sup> FEITOSA. *Tendências da economia mundial e ajustes nacionais e regionais*, p.35.

<sup>38</sup> RIBEIRO. *A Desagregação do Sistema Escravista do Maranhão*, p.80.

Em face dos acontecimentos, a inevitabilidade da decadência da economia maranhense a partir da crise de mão-de-obra torna-se o discurso dominante, principalmente diante da Abolição iminente. Os discursos e relatórios dos presidentes da província entre a década de 1840 e 1880 são unânimes e não apresentam quaisquer mudanças significativas que nos apontem olhares diferentes sobre a situação da lavoura. O presidente da província Antônio Cândido da Cruz Machado, em relatório apresentado à Assembleia Legislativa Provincial em 1856, expressava a fragilidade da economia fundada no uso da mão de obra escrava africana. Referindo-se à substituição da escravidão indígena, ele afirmava que:

“... ao passo que se concedia aos índios desse estado, pela Lei de 06 de junho de 1755, a liberdade de suas pessoas e bens, autorizava-se a introdução em grande escala de escravos da Costa d’África. A base, portanto, em que se assentava a prosperidade nascente da capitania era falsa e não podia ser de longa duração.”<sup>39</sup>.

Consolida-se, então, o “*discurso da decadência*” difundido pelos contemporâneos e incorporado, pelas gerações posteriores, sem crítica e sem uma análise cuidadosa dos fatores que promoveram a crise e as transformações ocorridas a partir dela. Em um estudo significativo sobre a transformação do trabalho no Maranhão, a historiadora Regina Faria<sup>40</sup> nos mostra que nesse período a agricultura familiar vinha se desenvolvendo progressivamente. Suas pesquisas levaram-na a concluir que:

“De fato, o 13 de maio foi o momento final da crise do escravismo e acelerou a crise terminal da agroexportação do Maranhão. Mas foi a grande lavoura que se desagregou; a pequena produção baseada no trabalho familiar, que vinha se ampliando desde meados daquele século, expandiu-se, passando a ser o padrão de produção no setor agrícola. A pequena produção estava nas grandes propriedades, com os ‘moradores’ ou ‘agregados’; nas denominadas ‘terras de santo’, ‘terras de índios’, ‘terras de pretos’ ou nas terras devolutas das áreas de exploração mais recentes, com os chamados ‘posseiros’.”

Essa decadência, porém, acabava sendo transferida da aristocracia escravocrata para todo o conjunto social. Uma ideologia<sup>41</sup> que acabou consolidando a imagem que

---

<sup>39</sup> ALMIEDA. *A ideologia da decadência*, p.85.

<sup>40</sup> FARIA. *A transformação do trabalho nos trópicos*, p.38.

<sup>41</sup> De acordo com o conceito utilizado, a ideologia teria por função consolidar uma imagem construída dentro da organização social a partir de um jogo de luzes que ocultam algumas articulações em favor de outras. DUBY. *História social e ideologias das sociedades*. In: GOFF e NORA. *História: Novos problemas*, 1988.



perpassa e incentiva as ações neo-atenienses. Esse decadentismo incorporado por eles não é, contudo, fruto apenas de uma crise econômica que se alastra para o meio social, mas também é um sentimento reforçado por discussões e questionamentos sobre o progresso da humanidade e o futuro do homem, e que foram colocados em pauta desde o século XVIII quando “se tem uma mudança da visão anterior e otimista do futuro da Europa”<sup>42</sup>. O desenvolvimento da teoria da degeneração e a possibilidade da civilização desaparecer, apesar de suas riquezas, trazem para a intelectualidade maranhense elementos para reforçar esse discurso e legitimar a emergência das ações em prol da reanimação econômica e cultural.

Os maranhenses faziam questão de se manterem informados sobre os temas e as obras em voga nas metrópoles internacionais, muito embora isso ocorresse com algum descompasso dentro da circulação das idéias. Foi pelas mãos do português Manuel de Bittencourt que a juventude de São Luís de finais do século XIX estreitou seu contato com os grandes nomes da literatura brasileira e mundial e das principais teorias científicas da época. Manuel de Jesus Barros Martins ao referir-se a ele escreve que “como professor de filosofia do Liceu Maranhense, essa figura controvertida era considerada um dos intelectuais mais profundos e uma das personagens mais carismáticas de seu tempo”<sup>43</sup>. Foi uma das mentes sobre as quais se apoiaram as iniciativas de revigoração cultural do Maranhão. Incitava as mentes jovens com leituras de Gógol, Tolstói, Dostoievski, o naturalista francês Zola, e também com as obras de Spencer, Comte e Mill<sup>44</sup>.

O exemplo de uma obra de grande influência em fins do século XVIII para a divulgação das ideias sobre a fragilidade e possibilidade de degeneração da civilização foi *As Ruínas* do conde Constantine de Volney, publicada em 1787. É para a análise do pensamento do conde e sobre esse livro especificamente que Nascimento Moraes dedica dois dias na coluna intitulada “*Pedras à Opinião*” no jornal *A Imprensa*, em 1907, para o qual escrevia sob o pseudônimo de *Braz Cubas*. Na realidade, o assunto “rendeu” por causa de uma crítica que Moraes recebeu de um “confrade” ao admitir na primeira crônica que não conhecia a obra do conde Volney e que este lhe era até então um desconhecido, mas que, no entanto, converteu-se em alvo de seus elogios e admiração

---

<sup>42</sup> HERMAN. *A idéia de decadência na história ocidental*, p.35.

<sup>43</sup> MARTINS. *Operários da saudade*, p. 122.

<sup>44</sup> LOBO. *Os Novos Atenienses*, p.18.

por ser “tão profundo na observação dos factos”. Para responder e se “desculpar” com o “confrade” por seu desconhecimento, Moraes foi em busca de todas as informações possíveis sobre o conde e no final da segunda parte de sua crônica-resposta, aproveita para ironizar dizendo:

“Mas o que o meu illustrado confrade e amigo, a quem devo a censura que me trouxe proveitos, talvez não saiba é que o ‘meu illustre desconhecido’, esse homem extraordinário, esse cientista afamado, esse philologo distincto, que tão bons serviços prestou aos sábios, foi acremente insultado por um sábio inglez de grande nomeada, o dr. Prestley, por causa das verdades encerradas nas *Ruínas!* O que, porém, vai fazer o collega dar uma das suas já conhecidas risadas, é dizer-lhe eu, que o dr. Prestley chamou o immortal Volney de... hotentote!!!!... Exgottados todos os recursos, depois de o chamar ignorante, negro!... Sirva isto de exemplo e de lição aos negros cá da terrinha! Sirva-me de escudo a nota do biographo. (...) Nêgro!... Caríssimo confrade eu não pude continuar a leitura, e comecei a rir gostosamente lembrando-me da coisa! (...) Nêgro! Já se viu tão forte mania!” (*Pedras à Opinião*. In : *A Imprensa* 17/04/1907)

O objetivo das crônicas parecia consistir mais em expor a erudição do jornalista que em discutir a questão da fragilidade da civilização. De fato, a gramática e a ostentação de um vasto conhecimento científico e literário eram armas para subjugar o adversário numa batalha de letras. O próprio Moraes em sua coluna semanal intitulada “*Letras e typos*” no jornal *A Campanha*, de 1904, onde fazia a crítica literária das produções lançadas durante a semana, afirmava que “para dar maior realce, para dar melhor brilho a todos os trabalhos artísticos, temos a grammatica” (04/01/1904). Contudo, ainda que a forma absorvesse grande parte do interesse de nossos escritores, podemos notar, no conteúdo dos artigos, que Moraes e seus pares não estavam alheios às obras e às discussões que era feitas na Europa.

O pessimismo romântico europeu do século XIX trouxe para o significado de decadência, que para os antigos era apenas a perda de um padrão, a relação do “declínio dos padrões intelectuais e morais com grandes mudanças sociais e econômicas”<sup>45</sup>. Essa atualização do conceito de decadência foi absorvida pelos intelectuais brasileiros e relacionada ao contexto de intensa mestiçagem e de desorganização política trazida com a proclamação da República<sup>46</sup>. Seguindo essa lógica, os neo-atenienses também

---

<sup>45</sup> HERMAN. *A idéia de decadência na história ocidental*, p.50

<sup>46</sup> VENTURA. *Estilo Tropical*, p.65.

incorporaram e defenderam essa ideia na medida em que o discurso dos intelectuais maranhenses, como veremos adiante, sempre se reporta a uma falta de esforço, tanto civil quanto governamental, para se retomar e se manter o padrão material e cultural da Atenas Brasileira.

O século XIX, com o grande desenvolvimento das ciências e as pesquisas no campo da biologia e da fisiologia, também agregou às discussões sobre civilização e decadência o componente racial. Descender de uma ou outra raça interferia diretamente nas possibilidades de degeneração de uma sociedade. Logo, a história dividia com a biologia a responsabilidade sobre o sucesso de um povo. Do mesmo modo, essa questão da raça torna-se importante para os cientistas brasileiros.

As teorias raciais começam a ser discutidas no Brasil por volta de 1870, período em que temos a organização do movimento republicano, o que implica na discussão, também, de uma nova organização política e civil. Proclamada a República, o argumento racial servirá para justificar as diferenças sociais, assim como os critérios diferenciados de cidadania. Em contrapartida, a forte miscigenação brasileira era um fato que dentro dessas teorias adquiria um tom de problema que deveria ser superado para que a nação se afirmasse. “A originalidade do pensamento racial brasileiro” está na sua adaptação e reelaboração dessas teorias. “Atualizou o que combinava e descartou o que de certa forma era problemático para a construção de um argumento racial no país”<sup>47</sup>. Ou seja, intelectuais de áreas diversas se uniram em prol de um destino satisfatório para a nação. Se a pureza racial era condição necessária para o desenvolvimento de um povo, o que esperar daqueles cuja miscigenação é uma característica marcante? Tanto médicos quanto literatos elaboraram, dentro dos limites permitidos pelos postulados estrangeiros sobre raça e desenvolvimento nacional, discursos e ações que visavam adequar o Brasil para os padrões sanitários da época e também para as diferenças sociais no exercício da cidadania.

No contexto ludovicense, a questão racial é argumento significativo tanto para justificar o atraso em que se encontra o Estado quanto para continuar diferenciando política e socialmente os indivíduos. Durante o processo de transformação do trabalho escravo em trabalho livre a Associação Comercial do Maranhão (ACM), órgão que, após a Abolição, trouxe para si a responsabilidade de informar a população do estado

---

<sup>47</sup> SCHWARCZ. *O Espetáculo das Raças*, p.19.

em que se encontrava a lavoura e apelar tanto ao poder público quanto aos proprietários de terras por ações em prol da imigração, publicava nos jornais as medidas de incentivo adotadas pelo governo para que os lavradores se interessassem em contratar trabalhadores estrangeiros. Ainda que a falta de braços para o trabalho fosse um problema urgente, segundo orientação da mesma comissão organizada pela Associação Comercial para tal fim, a escolha não podia ser aleatória. Impunha-se um tipo de trabalhador ideal: o europeu. A mão de obra necessária neste momento deveria ser aquela que contribuísse para o “*adiantamento*” da raça:

“Não é o imigrante europeu, como o colono chim ou africano, um agente mecânico apreciado pela maior ou menor soma de trabalho que produz. Ele, ao mesmo tempo que avoluma a nossa natalidade na qual se funde, coopera também pela superioridade da inteligência, para o nosso adiantamento em todos os misteres” (*Imigração*. In: *Diário do Maranhão*, 07/01/1889, p.2)

Nascimento Moraes não se furtará a fazer várias referências sobre o assunto e tratar de maneira incisiva esse problema que o afeta diretamente. Podemos ler em seus artigos, em suas críticas literárias ou crônicas e de maneira enfática no romance que escolhemos estudar, o quanto lhe pesava o preconceito e como a República trouxe falsas expectativas em relação à conquista da cidadania pelo indivíduo de cor. João Olivier, um dos personagens principais de *Vencidos e Degenerados*, jornalista mulato e perseguido por uma elite branca, em conversa com um velho amigo também jornalista e professor, Carlos Bento, expõe suas frustrações dizendo que:

“Quando se proclamou a liberdade dos escravos eu tinha a alma cheia de esperanças. Estava até certo ponto convencido de que nos bastaria dar um passo para atingirmos certo grau de prosperidade e começar mos a ser felizes. A Proclamação da República ainda mais esperanças me trouxe. Avigoraram-se-me as crenças e cheguei a sonhar com um Maranhão intelectualmente e moralmente livre, a ascender como um deus! Pois com tristeza lhe digo, bastou que transcorressem dois anos de vida republicana! Logo me persuadi de meu erro e exclamei, no desafogo de minha queixa ao ruir de minhas ilusões, como nosso querido Gonçalves Dias: - Que me enganei, ora vejo!”<sup>48</sup>.

Moraes, deste modo, se engajava, na realidade, em duas lutas: uma em conjunto com sua geração contra a inércia cultural e a outra, pessoal, contra a discriminação racial. A interferência desta última no cotidiano urbano revela-se a partir das

---

<sup>48</sup> MORAES. *Vencidos e Degenerados*, p.76.

possibilidades de aceitação ou exclusão dos indivíduos em espaços específicos devido a sua condição racial. Não só a presença de indivíduos de cor, mas também de raças consideradas inferiores, como os orientais ou mesmo os portugueses, vão direcionar as expectativas de futuro. O diálogo entre os dois personagens segue na discussão sobre os motivos de tamanho atraso e da falta de forças de reação do Estado a esse marasmo econômico e social. Declara o velho Bento:

“há vida próspera em muitos Estados, onde se criam escolas até noturnas, estabelecimentos importantes, como sejam institutos profissionais, nos quais gratuitamente se dá instrução ao povo. O que tu deves registrar é que nós não tivemos elemento exterior para auxiliar-nos, não nos favoreceu uma imigração qualquer, de gente trabalhadora e inteligente, nem, ao menos, uma coloniazinha de meia-dúzia de holandeses diligentes, audazes e altivos. Continuamos com os mesmos hóspedes, os irmãos portugueses, que, *filhos de uma cultura secundária (grifo nosso)*, baldos de uma orientação apreciável, o que fazem é esse comércio de pequena bitola a que se acostumaram e que prejudicialmente ensinam aos filhos e aos caixeiros”<sup>49</sup>.

Dissipou-se a esperança de dias melhores diante das incertezas trazidas pelo novo regime. A ampla maioria da população deveria ser, agora, cidadã e, contraditoriamente, essa ampliação foi diretamente proporcional ao acirramento das diferenças entre os indivíduos. E junto aos diversos fatores sociais e econômicos que persistiram como sinal de distinção, o racial adquiriu novo fôlego.

Muitos intelectuais brasileiros expressaram seu descontentamento com a chegada do novo regime devido às expectativas malogradas em relação ao desenvolvimento sociocultural. Dentre eles, o caso de Lima Barreto é significativo. Para ele, “a força da nova sociedade estava concentrada justamente nos comportamentos mais anti-sociais”<sup>50</sup>. O escritor fluminense com uma literatura que primava mais pela utilidade, pela provocação, que pelos floreios estéticos do texto, criticava essa falta de “solidariedade” social que se apresentava como característica da república brasileira. Entretanto, esse engajamento político da literatura não era característica exclusiva dos escritos de Lima. Muitos escritores, e não só do Rio de Janeiro, defendiam uma literatura que informasse e convidasse o leitor para as discussões do momento.

O programa do novo regime traz uma maior autonomia para os que são, agora, estados, unidades da federação. Essa maior liberdade política reflete-se também em

---

<sup>49</sup> MORAES. *Vencidos e Degenerados*, p. 77-78.

<sup>50</sup> SEVCENKO. *Literatura como missão*, p.225.

outros campos. Brito Broca ao analisar a vida literária no Brasil a partir do despontar do novo século, destaca os movimentos culturais que surgem em diversos estados com o intuito de se colocarem fora da órbita da metrópole carioca<sup>51</sup>. Em relação ao Maranhão, se refere às iniciativas dos Novos Atenienses para retirar o Maranhão do marasmo em que haviam caído suas letras, destacando que estas se deram, principalmente, após uma visita de Coelho Neto à cidade de São Luís em 1899, quando foram promovidas comemorações para recepcioná-lo. Nota-se, com isso, que as atividades dos neo-atenienses figuraram entre as que se destacaram no âmbito nacional, assim como as do Ceará, Bahia, Rio Grande do Sul e tantos outros. As informações dadas por Broca em sua obra estão em conformidade com as registradas por Antonio Lobo em *Os Novos Atenienses*. O historiador Manoel Barros Martins destaca as figuras de Antônio Lobo, Nascimento Moraes e o português Fran Paxeco como “seguramente os expoentes máximos dessa geração”<sup>52</sup>. E foi em volta deles que se reuniu grande parte da juventude letrada da cidade.

É interessante como a busca por um mesmo objetivo se fazia em sentidos opostos. Os neo-atenienses possuíam o mesmo desejo de reviver o passado, eram os “operários da saudade”, como escreveu o historiador Manoel Barros Martins, contudo, encontram-se representados por duas figuras diametralmente opostas. De um lado, Antonio Lobo, jornalista e intelectual que estava atrelado aos interesses de uma elite, branca e tradicional. De outro, Nascimento Moraes, jornalista e intelectual, negro, que via no projeto neo-ateniense uma possibilidade de transformação de valores que o incluíssem no grupo dos “eleitos” para compor a história literária do Maranhão. Esses “projetos pessoais” foram um capítulo à parte dentro das aspirações de sua geração e desembocaram numa disputa intelectual que deu origem a algumas polêmicas e interferiu significativamente na construção da imagem que Moraes criou para si.

---

<sup>51</sup> BROCA. *A vida literária no Brasil-1900*.

<sup>52</sup> MARTINS. *Operários da saudade*, p. 133.

## 1.2. Uma retórica de luta

“Eu sou um lutador”. Esta é a frase inscrita no busto em homenagem a Nascimento Moraes que se encontrava na Praça do Panteon Maranhense<sup>53</sup> ao lado dos grandes nomes da intelectualidade do Estado e com a qual ele tantas vezes definiu sua personalidade. A afirmação que encontra eco em toda sua produção escrita nasce de uma trajetória de enfrentamento, durante um longo período no início de sua carreira literária e jornalística, e direciona o olhar de seus contemporâneos e das gerações que se seguiram para uma imagem construída “a golpes de talento e pela sua bravura moral” como escreveu o deputado maranhense Neiva Moreira no necrológio de Moraes em 1958, na Câmara Federal<sup>54</sup>.

Em 1941, na página nº42 da Revista Athenas foi publicada uma nota em comemoração pela passagem do dia 19 de março, data do aniversário de Moraes. Na época, o jornalista era presidente da Academia Maranhense de Letras, principal redator da revista em questão e chefe da Imprensa Oficial do Estado. Além da colaboração em jornais como o *Imparcial*, folha diária de renome. No texto de felicitação, podemos ler o seguinte: “Nome consagrado em nossa terra... figura de relevo na imprensa do paiz, luctador encanecido nas justas do espírito... intelligencia de escol de escriptor de renome e de muitas láureas na carreira brilhante”<sup>55</sup>. Eis a vitória daquilo que Moraes sempre enfrentou como sendo uma luta e que o fez escrever uma história que ultrapassou seus 76 anos de vida. Teve quatro obras publicadas ao longo de sua carreira jornalístico-literária. São elas: *Puxos e Repuxos* de 1910, artigos do jornal *Correio da Tarde* referentes a uma polêmica literária travada com Antonio Lobo; *Vencidos e Degenerados* de 1915, romance-crônica; *Neurose do Medo* de 1923, um “ensaio de psicologia política” onde ele analisa os desmandos do que ele chama de “um governo autoritário e ofensivo à dignidade humana” referindo-se ao período administrativo do Sr. Raul Machado; e *Contos de Valério Santiago* de 1972, publicação póstuma que reúne os contos escritos na década de 1940 na *Revista Atenas* que era um complemento literário do jornal *O Imparcial*.

---

<sup>53</sup> A Praça do Panteon localiza-se no Centro da capital, São Luís, em frente à Biblioteca Pública Benedito Leite. Os bustos há muito foram removidos para restauração e ainda não foram restituídos.

<sup>54</sup> O discurso do deputado Neiva Moreira consta na apresentação do livro nas 2ª, 3ª e 4ª edições de *Vencidos e Degenerados*.

<sup>55</sup> ATHENAS, Revista do Maranhão - para o Brasil. Ano III, 1941 (janeiro a junho de 1941).

*Vencidos e Degenerados* obteve, até hoje, três reedições. Na primeira edição, de 1915, constava apenas o breve prefácio, *Dois Palavras*, e a dedicatória da obra consagrada ao Sr. Luiz Domingues, que havia sido governador do Estado entre os anos de 1910 e 1914 e para quem Moraes não poupava elogios chamando-o de “benemérito governador (...) que dominado pela mais nobre idéia que um político pode ter, que é dar a sua terra, a terra que hoje administra, uma instrução pública exemplar”<sup>56</sup>. Todas as outras se deram após a morte do autor que foi em 1958. Respectivamente em 1968, 1982 e 2000. As duas primeiras foram feitas pelo Serviço de Imprensa e Obras Gráficas do Estado (SIOGE), a última, uma iniciativa particular do Centro Cultural Nascimento Moraes, instituição organizada pela família, mas que ainda hoje não dispõe de estrutura e pessoal para dar prosseguimento ao objetivo que é o de organizar um espaço de preservação e divulgação da obra do autor.

À segunda edição, foram acrescentados uma apresentação de José Sarney e um agradecimento da família feito por um dos filhos do autor, o também escritor Paulo Augusto Nascimento Moraes, a Reginaldo Teles, diretor do SIOGE, pela publicação e ao governador do Estado, José Sarney. Às demais edições vão sendo acrescentados outros depoimentos de intelectuais e políticos que reforçam um perfil combativo de Moraes em favor das letras e contra o preconceito racial e social.

Ele contava com trinta e um anos quando saiu a primeira publicação, e nos parece que sua escrita foi daquelas em que a pressa, nem de longe se fez presente, afinal, registrava suas impressões à medida que sua realidade lhe afetava tão intimamente que precisava extravasá-la através das letras. Informa-nos que “para os apenas iniciados nas letras não há senão obedecer ao temperamento que predomina em tudo – forma e fundo...”<sup>57</sup>.

Os depoimentos que se encontram nas edições concordam num ponto, além de reforçarem o papel de lutador encarnado por Moraes, falam de uma dívida de reconhecimento da sociedade maranhense para com o autor. Neiva Moreira, em seu discurso de homenagem e lamento pela morte do jornalista ressaltava a:

“tristeza que se abateu sobre a minha terra, com a morte sentida desse notável maranhense, que só dispunha de uma arma, a inteligência, legando-nos o exemplo excepcional de uma vitória

---

<sup>56</sup> MORAES. *Puxos e Repuxos*, artigo VI.

<sup>57</sup> MORAES. *Vencidos e Degenerados*, p. 297.



revolucionária contra o preconceito de cor e da riqueza, num meio onde velhas praxes aristocráticas, herdadas da Colônia e do Império, não permitiu acesso fácil aos que, como Nascimento Moraes, preto e pobre, humilde e sem proteção, tinham que abrir caminho rompendo a floresta a golpes de talento e pela sua bravura moral”<sup>58</sup>.

De fato, muitos foram os obstáculos enfrentados e os silêncios amargados por Moraes ao longo de sua trajetória. Apenas em 1935 foi admitido no quadro de intelectuais da Academia Maranhense de Letras (AML), fundada em 1908. Isso nos dá uma ideia dos problemas que enfrentava por causa de sua “prosa afiada” e também pelo que nosso autor considerava ser perseguição da raça. Na coluna no jornal *A Imprensa*, quando encarnava o incisivo *Braz Cubas*, ele respondia a mais uma tentativa de ofensa por causa de sua condição social e racial. Escreve ele:

“ ‘Aquelle negro...’

Era o diabo que o protegia com suas forças occultas, com as suas magias prodigiosas.

Aquelle negro nasceu pobre, e a pouco e pouco se foi erguendo do pó, do nada, do desconhecido, até chegar a impor numa sociedade de preconceitos, de fidalgas composturas seu nome, que não trazia recommendações de ascendentes nobres e ricos, nem de pais collocados no vértice da pyramide social em que se equilibram os protegidos das facções políticas... O meio apertou-o e elle começou a reagir prodigiosamente... Elle só, com a sua fé, e a sua intelligencia resistia na arena. Era então que explodia dos lábios dos impotentes, essa frase que se tornou distincta: ‘Aquelle negro!...’ aquelle negro se chamou Henrique Dias... Tobias Barreto... Luiz Gama... Gonçalves Dias... Patrocinio... Dias da Cruz... Cruz e Souza... aquelle negro synthetisa uma literatura inteira, uma sciencia preciosissima, uma valentia invencível, uma coragem assombrosa, uma firmeza de opiniões e de ideias, inquebrantável.” (*Pedras à Opinião*. In: *A Imprensa* 03/05/1907, p.01)

Temos aqui um Moraes consciente do seu talento e da grandeza de sua contribuição para a sociedade em que vive. Ele se coloca como aquele que dá prosseguimento à batalha do conhecimento contra o preconceito, ao lado de grandes intelectuais, de cor, para também ressaltar a luta que vinha travando e as vitórias que conquistou durante seu combate contra a “perseguição” que sofria publicamente. Dentro dessa perspectiva, de enfrentamento, de combate, está a organização do primeiro livro do jornalista.

---

<sup>58</sup> MORAES. *Vencidos e Degenerados*, 2000.

A publicação da primeira obra de Nascimento Moraes, *Puxos e Repuxos*, foi uma iniciativa dos operários do *Centro Artístico do Maranhão*, através da *Typografia do Jornal dos Artistas*. No prefácio, também intitulado *Duas Palavras*, como em *Vencidos e Degenerados*, mas que não é assinado por Moraes, consta ser essa publicação a demonstração da “vitória de um ‘negro’ contra muitos ‘brancos’”. Este confronto que era de conhecimento público entre Nascimento Moraes e “muitos brancos” movimentou por um bom tempo o cotidiano da imprensa ludovicense e acabou por se resumir na disputa entre Moraes e Antonio Lobo, consequência dos motivos que geraram a dissidência dentro da *Oficina dos Novos*. A saída de Moraes do grupo para a fundação da *Renascença Literária* justificava-se, segundo o mesmo, por uma tentativa de Lobo de dominar a intelectualidade maranhense. Ele declara que:

“Lobo sonhou dominar para sempre o Maranhão. E o plano que elle traçou, um plano todo ambição; todos luzes; todo cobiça; não poderia ser melhor.

O estatuto aprovado para a execução do plano contém as seguintes cláusulas:

- Que Antonio seria considerado chefe de um grupo de literatos  
Que esses literatos bradassem e escrevessem ser elle o primeiro intellectual do Norte.

Que ninguém mais do grupo o chamaria Lobo, e sim Mestre.

Que à força ir-se-ia arrastando o resto para tal grupo...”<sup>59</sup>.

A partir daí começa, então, uma acirrada “contenda” nas páginas dos jornais. Enquanto Lobo e seus pares escreviam e o atacavam pelas “inedictoreaes” dos jornais *Pacotilha* e do *Diário de São Luís*, nosso jornalista respondia através das páginas do *Correio da Tarde*. A princípio, as críticas feitas por Moraes são sobre os equívocos gramaticais de seus opositores em suas respectivas obras e artigos jornalísticos. Contudo, essa rigidez quanto ao uso da língua revela ao mesmo tempo a tentativa de desqualificar, de colocar em xeque, a capacidade do outro para a vida literária, e também a de se auto promover para usufruir do status de homem de letras. Em uma passagem do Artigo V<sup>60</sup> revela quão severo podia ser Moraes no que se refere ao uso da língua: “Grammatica não é discurso bombástico que se faz com gemma arábica. Grammatica não se inventa, nem se sofisma com facilidade. Quem não na estuda não na pode discutir nem que consulte de momento Herculano e Latino”. Fora dos padrões da elite, ele utilizava sem nenhuma economia o capital de que dispunha para se sobrepor

---

<sup>59</sup> MORAES. *Puxos e Repuxos*, artigo XIII.

<sup>60</sup> MORAES. *Puxos e Repuxos*, 1910.

aos seus adversários, ou, pelo menos, competir de maneira equilibrada: o conhecimento da língua.

Dentre tantas outras questões, erudição e gramática também se tornaram motivos e “desculpas” para muitos letrados começarem ataques aos seus desafetos na “república das letras”<sup>61</sup>. Na Capital Federal, temos o exemplo de Machado de Assis que foi alvo de inúmeras “perseguições” devido à sua posição e prestígio. De acordo com Brito Broca, no quadro da vida literária do início dos anos de 1900, tão variados quanto os motivos são os instrumentos de depreciação utilizados pelos intelectuais. No Brasil, as polêmicas figuraram entre os “costumes literários” a partir da segunda metade do século XIX. O espaço que os intelectuais tinham nos jornais, escrevendo seus contos, crônicas, versos e, principalmente, suas críticas sobre literatura deixava margem para discussões sobre as opiniões que outros tinham de seus escritos. Muitos desentendimentos começavam por uma pequena apreciação negativa a respeito de um verso ou um erro de gramática. Na Capital Federal, temos muitos casos interessantes a respeito, dentre eles, as polêmicas travadas por Sílvio Romero merecem destaque, pelo espírito apaixonado com que o crítico e historiador as conduzia. Em suas críticas, “um dos instrumentos de ataque utilizado a todo instante pelo agressor é o achincalhe do antagonista por meio do apelido... Todos os que provocaram a discussão foram alvos de cognomes depreciativos”<sup>62</sup>.

Em outro artigo de *Puxos e Repuxos*, observamos também que a falta de formação escolar era motivo de investidas rigorosas e questionamento da competência para o labor literário por parte de Moraes, pelo menos quando tratava de seus adversários. Ao referir-se sobre os versos publicados por Corrêa de Araújo<sup>63</sup>, o denuncia e o critica dizendo:

“que taes versos tinham sido sujeitos à nossa correção, porque o Sr. Correa, não tendo feito exame na escola primária, não tendo cursado um estabelecimento do curso secundário aqui na capital, nem no interior, é, sem tirar nem pôr, um analphabeto, e, nestas condições não podia ter consciência do que escrevia,

---

<sup>61</sup> Expressão utilizada por A. L. Machado Neto no seu estudo sociológico sobre a vida literária no Brasil a partir de 1870 quando se começa a questionar o regime monárquico e a se pensar mais efetivamente na modernização do país e num novo regime que pudesse acompanhar essa evolução, ou seja, a República. Ver: MACHADO NETO, Antonio Luís. *A Estrutura Social da República das Letras*, 1973.

<sup>62</sup> BROCA. *A vida literária no Brasil-1900*, p.267.

<sup>63</sup> Raimundo Corrêa de Araújo publicou em 1903 o livro de versos *Harpas de Fogo*. Fez parte da Oficina dos Novos e ocupou a Cadeira de n.16 da Academia Maranhense de Letras, instituição que ajudou a fundar.

nem certos podiam estar seus versos. É claro, é lógico, é mathematico que mãos extranhas passaram e repassaram nos seus versos, e essas mãos foram as nossas e as do distincto poeta dr. Inácio Xavier de Carvalho”<sup>64</sup>.

Podemos perceber a qualificação do homem de letras, baseia-se numa espécie de “oficialização” de sua capacidade, seja por meio de diplomas ou mesmo de reconhecimento da comunidade literária, pois muitos dos ilustres intelectuais eram autodidatas em vários assuntos sobre os quais escreviam. A escassez de universidades no Brasil, na época, contribuía para esse autodidatismo. Muitos possuíam somente o curso secundário e os que possuíam curso superior, na grande maioria, se dividiam entre o Direito e Medicina<sup>65</sup>. Pormenores à parte, o que fica claro nas polêmicas travadas pelos neo-atenienses é que há a clara intenção de “desqualificação” do outro para uma legitimação de sua própria competência literária.

A retórica de Nascimento é construída com referências bem claras que mostram um conhecimento vasto e sólido, mas também, como Sílvio Romero, tenta subjugar o discurso adversário com uma depreciação do trabalho, do comportamento e até do físico de seus opositores utilizando termos com “torto”, “vesgo”, “creaturinha” e até “Antonio Bobo”, “Luiz Macaco” para se referir a eles.

Assim como o ataque aos inimigos, a defesa das habilidades dos letrados possuía o mesmo vigor quando tratava-se dos amigos. Segundo Machado Neto, “essa é a regra número um da estratégia mantida intra muros pela *coteries* literárias na luta pela vigência”<sup>66</sup>. Elogios em prosa e verso, orais ou escritos, eram tecidos nas mais diversas ocasiões. Havia, ainda, aqueles que se batiam em duelo com outros para defender a honra literária de um confrade, como foi o caso dos ataques de Sílvio Romero a José Veríssimo por este ter diminuído a importância de Tobias Barreto e da “Escola do Recife”<sup>67</sup>. Nesse contexto, é interessante a mudança de opinião de Nascimento Moraes em relação a Corrêa de Araújo. O mesmo Nascimento Moraes, como vimos anteriormente, que em 1910 critica a falta de formação e a pouca capacidade de escrever corretamente os versos, é também aquele que em 1906, quando crítico literário no jornal *A Campanha*, faz um grande comentário elogioso à publicação do livro de poesia de

---

<sup>64</sup> MORAES. *Vencidos e Degenerados*, artigo XVIII.

<sup>65</sup> MACHADO NETO. *A Estrutura Social da República das Letras*, p.103.

<sup>66</sup> MACHADO NETO. *A Estrutura Social da República das Letras*, p.137.

<sup>67</sup> BROCA. *A vida literária no Brasil-1900*, p.266.

Corrêa intitulado *Harpas de Fogo*, cujo prefácio foi escrito pelo próprio Moraes. Sobre o livro, escreve ele:

“Já tivemos ocasião de falar do Correa de Araujo. O livro publicado, já havíamos lido, e aguardamo-nos, para depois de sua publicação, apesar de o haveremos prefaciado (...) Na primeira parte admiramos versos lyricos – pomposos. (...) Na segunda parte, há pensamentos grandiosos em sonetos philosophicos, não havendo, porém, doutrina, nem filiação a esta ou aquella eschola. (...) A obra, porém, no todo é soberba. E torna-se ainda mais digna de admiração se attendermos a idade do poeta.”(*Letras e Typos*. In: *A Campanha* 06/07/1903)

Nota-se que as ressalvas feitas pelo crítico, sobre ausência de “doutrina”, “filiação” ou “eschola”, em nada diminui o valor da obra que é “soberba”.

Além dessas questões de gramática, e depreciação pessoal, o significado das polêmicas também perpassa outras necessidades. Em São Luís, por exemplo, no início do século, relacionava-se à construção da imagem de seus promotores e servia também para mostrar quão importante era conseguir o status, e o respeito, de homem de letras. Para isso, contribuía bastante o trabalho nos jornais, tanto quanto os ganhos financeiros que proporcionava. O objetivo era “demarcar” um lugar dentro da literatura da “República Ludovicense”. Roberto Ventura, em *Estilo Tropical*, faz uma análise da frequência e do papel das polêmicas na imprensa brasileira em fins do século XIX a partir dos debates protagonizados por Sílvio Romero, observando que naquele momento a preocupação era a compreensão e definição de um estilo para a literatura nacional. Estilo que envolvia a influência do meio e da raça na construção de um modelo. Segundo ele:

“A cultura brasileira se consolidou no século XIX com a recepção e a transformação de matrizes europeias, que forneceram parâmetros para a reflexão sobre a natureza tropical e as raças brasileiras. A transformação dessas matrizes ocorreu na literatura, na historiografia e no ensaísmo, segundo duas vertentes básicas: o tropicalismo e a ideologia da mestiçagem. (...) A partir de tal ideologia, a ‘síntese’ racial e cultural é vista como traço específico, ou marca de identidade, que funda concepções homogêneas e pouco diferenciadas da cultura. (...) O resultado não foi a formação de uma consciência coletiva, mas a emergência, nos setores letrados, de uma ambivalência psicossocial, em que a identidade cultural é percebida como problema.”<sup>68</sup>

---

<sup>68</sup> VENTURA. *Estilo Tropical*, p.67-68.

A literatura maranhense desenvolve-se discutindo essas mesmas questões. Contudo, a influência do naturalismo, dos conceitos de raça, das teorias climáticas e outras não estavam entre os pontos observados pela crítica literária feita pelos neo-atenienses nos jornais. O objetivo era exaltar o beletismo, a habilidade no trato com as letras e lançar seu autor no rol dos aptos a serem reconhecidos como herdeiro ateniense. O conteúdo era importante, mas a forma era o alvo principal. Era esse o pré-requisito para estar também no grupo responsável pelo revigoramento da Atenas adormecida. Em sua coluna de crítica literária, intitulada *Letras e Typos*, publicada semanalmente no jornal *A Campanha* em 1904, Moraes nos mostra que tipos de observação eram feitas e da atenção dada às publicações:

“N’esta terra é assim. Qualquer analphabeto de lunetas ou sem ellas, acha-se com direito de analisar trabalhos literários ou mesmo científicos. Revestem-se de uma habilidade que não possuem, e em lojas de barbeiro, nas repartições públicas, em portas de botequins, pegam dum soneto e bradam:

- Isto não presta!

Pegam d’outro e gritam:

- Ah! Este é muito bom!

... Nem sabem quantas sylabas tem o trabalho! Nem conhecem o ritmo dos versos! Nesta terra é assim.” (*Letras e Typos*. In: *A Campanha* 15/02/1904).

Instituições, jornais e eventos, que eram os meios utilizados pelo neo-atenienses para alcançar o propósito de devolver a São Luís o lugar de destaque como uma capital que respira literatura, também se convertem em armas no combate por notoriedade dentro do espaço da cidade. Ainda que Nascimento Moraes tenha a competência reconhecida por parte de seus contemporâneos e um lugar em muitos jornais, era Lobo que conseguia inscrever seu nome, e daqueles que faziam parte do seu grupo, de maneira mais objetiva nesse cenário cultural. Ele se fazia presente nas “pontes” oficiais dessa legitimação. Faleceu em 1916, mas sua intensa atuação foi suficiente para registrar seu nome como um dos principais expoentes de sua geração.

O adversário de Moraes dispunha um aparato institucional que garantia a notoriedade de seu nome. Além de ter sido aclamado como a figura de maior destaque na fundação da Academia Maranhense de Letras, conhecida pelo “apelido” de *Casa de Antonio Lobo*; o título de seu livro, publicado em 1909, deu nome à sua geração, sendo também considerado “subsídio” para a história literária do período; foi diretor-chefe da Instrução Pública; da Biblioteca Pública Benedito Leite em 1900; do Liceu Maranhense;

em 1901 fundou e dirigiu junto com Alfredo Teixeira a *Revista do Norte*, “um quinzenário fartamente ilustrado cuja fama e prestígio transpuseram as fronteiras do Maranhão”<sup>69</sup> e foi também oficial de gabinete de vários governadores. A boa relação de Lobo com o Estado é questionada por Moraes e atribuída à falta de seriedade e posicionamento político daquele que, segundo nosso autor, alia-se aos governos apenas para conseguir favores.

O grupo de Lobo possuía articulações políticas desde antes da proclamação da República e com a chegada do novo regime ocorreu apenas uma mudança no cenário, mas os atores do jogo político-administrativo continuaram os mesmos. Não foi difícil para os monarquistas despedirem-se do Império, e o descontentamento pela maneira como a República se organizou no Maranhão, ficou, talvez, com os republicanos históricos, mesmo que a atuação do Partido Republicano tenha sido inexpressiva até então. O único republicano, de fato, no novo governo, era o Dr. Paula Duarte. A reorganização dos partidos Liberal e Conservador, note-se que foi este último que obteve o poder no início do novo regime, se deu com o médico Costa Rodrigues na liderança do Partido Republicano, composto por antigos liberais; e Benedito Leite no comando do Partido Nacional, formado por maioria conservadora (da ala castrista, que durante o Império estavam sob a liderança de Augusto Olímpio Gomes de Castro)<sup>70</sup>. Formados os partidos e definidos seus líderes, o jogo político foi sendo progressivamente controlado pelos conservadores e Benedito Leite montou uma rede de domínio jurídico, político e administrativo sobre os Estado até 1909, ano de seu falecimento.

Mesmo sem apoio político, ao longo das páginas dos jornais, encontramos um Nascimento que reage a todas as tentativas dos “brancos” de tirar seus méritos relativos às ações para a reanimação do meio cultural maranhense e ao boicote ao seu trabalho jornalístico. Mostrando seu esforço, o quanto estudou e fez em prol da educação e da vida literária de São Luís, busca desmascarar Antonio Lobo e seu “plano” de dominar a intelectualidade maranhense. Denuncia todas as ausências propositais da obra *Os Novos Atenienses* de Lobo, que havia sido escrita apenas para elevar figura deste como a de

---

<sup>69</sup> MORAES. *Vida e obra de Antonio Lobo*, p.29.

<sup>70</sup> Sobre a reorganização política no Maranhão nos primeiros anos após a Proclamação da República, ver: FERREIRA. *Decomposição e Recomposição*.

“farol” da sua geração. Neste sentido, é significativa a fala do personagem de *Vencidos e Degenerados*, João Oliver. Num tom de desabafo, ele declara:

“Aqui, há inúmeros homens de merecimento, de incontestável valor. Estes, porém, vivem afastados, vergastados por um desprezo ridículo e mesquinho. Ninguém mais ignora a perseguição política daqui até onde vai. Ou capitula ou morre!... Então você não sabe que nós temos uma literatura oficial? Ignora, porventura, que parte dos homens de letras desta terra vive à custa dos cofres públicos, ou protegidos pelos potentados do mundo oficioso e que a outra parte, vegeta, passa horribéis privações, sem emprego e sem proteção?”<sup>71</sup>.

Antonio Lobo não disfarçava as restrições que possuía em relação a Nascimento Moraes e também o atacava sempre que possível. Na polêmica que deu origem ao livro *Puxos e Repuxos*, de Moraes, os ataques do líder da *Officina do Novos* vinham pelas páginas do jornal a *Pacotilha*, sob o pseudônimo de “o poeta G. Galliza”, utilizava de termos ofensivos sem hesitação, como no exemplo que segue em que escreve: “Antes de tudo, ó besta, convém explicar às formigas que te giram em torno da sordida carcassa, que v., ó negro vil, além de burro e petulante, é pérfido e caluniador” (*Intervenção Pacífica*. In: *Pacotilha* 10/08/1910). De “pacífico” os adjetivos que preenchem as tiras dos jornais não têm nada. E ainda que se elegeisse um lado para assumir o papel de vítima de injúrias e difamações, ambos tinham o mesmo objetivo: alcançar o mais alto degrau do reconhecimento literário maranhense. E para explicar que tais ações indecorosas possam ter partido de homens que pretendem ser intelectualmente superiores, temos a máxima, atribuída a Maquiavel, de que “os fins justificam os meios”.

Nascimento Moraes afirma ter sido o primeiro presidente da *Oficina dos Novos*, informação que, segundo ele, foi deturpada por Lobo em seu livro ao registrar que o primeiro foi Francisco Serra. E sua preocupação é significativa na medida que, no decorrer dos anos, a obra de Lobo tem realmente servido de fonte referencial sobre o tema. Moraes declara que Lobo,

“Quando trata do Francisco Serra diz:

‘Presidente da Officina dos Novos desde a sua fundação’. Mentira, sempre mentira! Fomos nós o primeiro presidente da ‘Officina dos Novos’. Ainda temos os primeiros números do jornal ‘Os Novos’, pelos quaes os leitores poderão chegar à evidência do quanto Lobo mente. Para enaltecer os serviços de

---

<sup>71</sup> MORAES. *Vencidos e Degenerados*, p.65-66.



Serra não é preciso mentir. Sabem todos que elle muito trabalhou e que presidiu a ‘Officina’, mas não é preciso avançar uma mentira cujo fim é fazer que o nosso nome não apareça!!!”<sup>72</sup>.

Foram o intenso trabalho jornalístico e o professorado que compensaram essa ausência do nome de Nascimento nas instituições culturais mais proeminentes, pois além de não pertencer à história da Academia Maranhense de Letras até 1935, ano em que é eleito “imortal”, ele também nunca foi sócio do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão - IHGMA, também conhecido como Casa de Antonio Lopes (vale lembrar, aqui, que Moraes concorreu e ganhou dos irmãos Antonio e Raimundo Lopes em concurso público para cátedra de Geografia do Liceu Maranhense em 1914). Outra ausência significativa do nome de Moraes é num estudo feito por Antonio Lopes sobre a imprensa no Maranhão<sup>73</sup>. Deste modo, são perceptíveis os mecanismos utilizados para se instituir uma história literária e intelectual no Maranhão.

Em *Vencidos e Degenerados*, a cidade das questões e disputas literárias que Moraes nos apresentada é uma cidade habitada por negros e mulatos. Analfabetos ou não, todos se mostram aptos e interessados pelo saber, faltando-lhes apenas o incentivo e os meios para a aquisição e exercício do conhecimento. Contudo, a “velha ordem”, segundo o autor, tolhe as possibilidades de desenvolvimento social pela permanência de antigos costumes e preconceito racial. A perseguição sofrida pelos protagonistas demonstra essa discriminação. João Olivier explica os problemas enfrentados por seu filho adotivo Cláudio dizendo que o motivo de tal perseguição é “a prevenção que há nesta terra contra todo rapaz que não descende das antigas famílias dos ominosos tempos. E é preciso que lhe diga: a minha sombra é quem faz que os perseguidores guardem do pequeno respeitável distância. Outros há que são aberta e francamente fustigados...”<sup>74</sup>.

Também numa tentativa de animar a cena cultural da sua São Luís, o personagem Cláudio Olivier funda uma associação literária com alguns “moços”. O resultado dessa iniciativa foi sutil, porém, muito positivo, pois “como houvesse marasmo literário no Maranhão, dormindo as letras num sono condenador, depois de tantas lutas, e tanta atividade, o Grêmio Gonçalves Dias foi uma nota saliente na vida

---

<sup>72</sup> MORAES, *Puxos e Repuxos*, artigo IX.

<sup>73</sup> LOPES. *História da Imprensa no Maranhão*, 1959: O livro trata da imprensa maranhense de 1821 a 1925.

<sup>74</sup> MORAES. *Vencidos e Degenerados*, p.88.

pacata de São Luís”<sup>75</sup>. A fundação do grêmio e o posterior sucesso de suas reuniões e publicações foi motivo de revolta nas rodas sociais das antigas famílias fidalgas da capital. Eis a opinião de outro personagem, o desembargador Tomás de Brito: “- Vejam o futuro que há de vir por aí! Amanhã os filhos do desembargador Brito serão criados de um Cláudio Olivier, de um Plácido Monteiro, que naturalmente virão ocupar nesta sociedade as mais elevadas e honrosas posições!... (...) Era preciso reagir.”<sup>76</sup>.

Havia, portanto, uma divisão entre “eleitos” e “marginalizados” dentro desse mundo letrado da República Ludovicense. E eram as participações nesses veículos de divulgação, como grêmios, associações, eventos cívicos, apresentação nos salões de festas, jornais e instituições, que acabavam por demarcar esses espaços e afirmar a importância do letrado. A esse respeito, Brito Broca retrata com primor os detalhes que determinavam o sucesso e aceitação dos escritores na capital federal. Quando da fundação da Academia Brasileira de Letras, muitos literatos ficaram de fora por questões pessoais e até mesmo por comportamentos inadequados que nada tinham a ver com falta de talento ou de importância literária, pois “sob o signo de Machado de Assis, a prova de compostura se tornara imprescindível para a admissão no novo grêmio”<sup>77</sup>. O talento também não era condição suficiente para fazer parte dos oficialmente “aceitos” pela Academia ou mesmo pela história literária no Maranhão. Se a AML era uma casa que tinha por finalidade “honrar os sucessos literários maranhenses”, Moraes poderia ter sido eleito para fazer parte do quadro de “imortais” muito antes de 05 de fevereiro de 1935, quando ocorreu sua eleição.

Deste modo, em meio a elogios e desavenças, traçavam-se os caminhos para inclusão ou exclusão dos letrados no cenário da literatura maranhense. As polêmicas entre Lobo e Moraes se deram dentro das tentativas tanto de um quanto de outro de inscreverem seus nomes no processo de “renascimento” da literatura na República Ludovicense, que, mais que isso, almejavam que fosse a República Ateniense. E pelo que podemos inferir, São Luís parecia ser aos nossos polemistas uma cidade pequena demais para tantos talentos. Mesmo a inclusão do nome de Nascimento Moraes n’*Os Novos Atenienses*, não livrou Antonio Lobo das críticas que aquele fez em relação a essa questão. Sobre esse assunto, Moraes declara que “Lobo não se satisfaz com as

---

<sup>75</sup> MORAES. *Vencidos e Degenerados*, p.103.

<sup>76</sup> MORAES. *Vencidos e Degenerados*, p.108.

<sup>77</sup> BROCA. *A vida literária no Brasil-1900*, p.40.

asneiras que escreve; mente também! Mente para negar o valor intelectual de muitos e se collocar em plano superior, o que velhacamente consegue, lançando sobre os que lhe podem borrar a pintura o véu do esquecimento”<sup>78</sup>.

Interessante é notar como se vão construindo os argumentos e dão-se as oportunidades para visibilidade intelectual. Quando Sebastião Sampaio esteve em visita à ilha de São Luís, quando de sua excursão como redator da *Gazeta de Notícias*<sup>79</sup>, e escolheu Antonio Lobo para lhe fornecer informações sobre a história literária do Maranhão, motivou uma reação enérgica por parte de Nascimento Moraes. Essa reação justificou-se porque, mais uma vez, Moraes viu seu nome e de tantos outros não figurarem em suas páginas. E vejamos o que respondeu Lobo às críticas:

“A propósito de minha carta ao Sebastião Sampaio, publicada há dias nesta folha, cae-me na péle, tiranamente, nas editoriais de ‘*O Maranhão*’ de sábado, ‘*Um Maranhense*’, a quem, como sempre, faltou a precisa coragem para pôr o seu nome pó baixo dos desaforos... que escreve. Olhem que já é sina a minha de ter invariavelmente de meter-me em sarrafuscas, todas as vezes que por aqui passam literatos do Sul... (...) Por que motivo me ataca, tão fulinho de raiva, o anônimo das editoriais de ‘*O Maranhão*’? (...) Pedio-me, como se sabe, o Sebastião Sampaio que lhe fornecesse um breve resumo do *movimento literário* do Maranhão atual. – Coiza ligeira, disse-me ele, uma coluna quando muito da ‘*Gazeta de Notícias*’, pois que a minha *enquête* não comportará alongados estudos de detalhe... Vou eu então – e porque se tartava apenas do *movimento literário* – e faço a carta que deu motivo a toda essa rezinga de aldeia. Apontei nessa carta todos os trabalhos de beletrística, de história e crítica literária publicados no Maranhão nestes últimos anos (...). Por assim proceder, não cometi disparate algum, pois que não é preciso ser águia para saber que é a tais gêneros que se dá hoje a designação geral de literatura. (...) Está o homenzinho convencido de que por ‘literatos’ se devem entender os médicos, os advogados, os professores secundários e os jornalistas.” (PACOTILHA, 22/06/1908)

Ora, Moraes era o nome de maior expressão dentro de um dos grêmios literários mais importantes de São Luís, a *Renascença Literária*, e seus versos, contos, crônicas e críticas se espalhavam pelas páginas de jornais da capital desde antes da virada do século. Mesmo a não publicação de um livro, até o momento em questão, que daria maior visibilidade a sua condição de literato, não seria motivo para deixar a ele e tantos outros de fora, já que eram os jornais que garantiam o sustento e eram também os

---

<sup>78</sup> MORAES. *Puxos e Repuxos*, artigo VII.

<sup>79</sup> BROCA. *A vida literária no Brasil-1900*, p.199.

principais meios de divulgação do trabalho de muitos homens de letras tanto do Maranhão quanto do restante do país. Muitos intelectuais só conseguiam condições de sobreviver enquanto homens de letras por que tinham no jornalismo sua única fonte de renda. É certo que a opinião dos letrados se dividia quanto aos efeitos desse jornalismo literário para a literatura do país; entretanto, essa prática jornalística possibilitou, principalmente com as crônicas, uma aproximação da população com a arte literária e acabou por formar um público leitor mais “palpável”<sup>80</sup>. Havia aqueles que alcançaram o sucesso de crítica e o aplauso popular devido ao primoroso trabalho na imprensa. João Paulo Barreto, ou simplesmente “João do Rio”, é um exemplo marcante não só na capital federal, mas para todo o Brasil. Ou seja, é Lobo, por suas diferenças com Nascimento Moraes, querer, forçosamente, classificar um grande grupo de literatos apenas como jornalistas por só terem seu espaço de escrita em jornais.

Diante do exposto, percebe-se que a disputa declarada entre o grupo de Lobo e o de Moraes pelo poder de escrever a história literária do Maranhão republicano. Mesmo que Lobo tivesse larga vantagem no controle dos mecanismos dessa escrita, a presença de Moraes se espalhava diariamente, em páginas de jornais, pela cidade. E se seus adversários insistiam em esconder seu nome da posteridade, excluindo-o das instituições e de seus “subsídios” e manuais de história literária; a cidade o imortalizava no cotidiano, nas varandas onde seus artigos eram tranquilamente lidos; nas esquinas, quitandas e barbearias onde suas crônicas eram calorosamente discutidas; e nos becos e ruas percorridos pelo seu jornalismo.

### **1.3. A literatura nossa de cada dia: o cronista**

A cidade do jornalista Nascimento Moraes, é a cidade do movimento... Comercial, literário, político... A maioria de suas crônicas, das duas primeiras décadas da República, versa sobre a vida letrada e sobre os costumes do dia a dia na capital maranhense; ele elege um personagem ou escolhe uma cena do cotidiano para desfiar-lhe as características. Assim como o moço cronista de *Vencidos e Degenerados*, João Olivier, Moraes possui um trato tranquilo e íntimo com aquilo que era alvo de sua

---

<sup>80</sup> MACHADO NETO. *A Estrutura Social da República das Letras*, p.89-90; BROCA. *A vida literária no Brasil-1900*, p.286.

observação. O tom passional e irônico das críticas literárias, nas crônicas, ganha o requinte dos detalhes. Detalhes descritos não por alguém que de longe observa, mas por quem participa da vida da cidade. A inspiração diária que a cidade lhe causa ganha traços no seu jornalismo literário de todos os dias.

Privilegiaremos neste item o Nascimento Moraes cronista de *A Campanha* de 1902 e 1904, no qual assinava seu nome de batismo; de *A Imprensa* de 1906, onde escreve com o pseudônimo de João Paulo e de 1907, sob a alcunha de Braz Cubas. Em meio a variedade de assuntos e jornais nos quais escrevia, há uma clareza dos desejos e opiniões do jornalista em relação à cidade nos periódicos supracitados.

A crônica tornou-se um gênero muito popular no cenário brasileiro na transição do século XIX para o XX. No Maranhão, assim como no restante do país, principalmente no Rio de Janeiro, o jornalismo literário, além de garantir um meio de subsistência para os letrados, aproximava a sociedade da literatura, ou seja, incentivava a criação de um público leitor. Essa “democratização” das letras tornou-se possível não só pela facilidade de acesso às produções através dos jornais, mas também devido a um processo de efervescência literária causado pela proliferação de revistas e abertura de novas editoras<sup>81</sup>. Além disso, dentro da realidade do novo século e do novo regime, com suas transformações no espaço urbano e no comportamento dos cidadãos, o jornal assumia uma função pedagógica.

Com sua linguagem informal, a crônica informava o leitor sobre os novos costumes e, num tom de conversa entre amigos, deixava-o a par daquilo que considerava importante. Conseqüentemente, a expansão da imprensa durante a República, e no caso de São Luís com o movimento neo-ateniense, traz consigo uma noção de ampliação do espaço público<sup>82</sup>. Uma nova orientação para o uso e relacionamento com esse espaço é difundida pela circulação dos periódicos. As tensões advindas com esse novo projeto de expansão urbana trouxeram consigo uma capacidade, para os diferentes grupos, de criarem e recriarem suas realidades de modo a se adequarem nesse conjunto urbano que se modernizava e seduzia toda a população com seus novos estímulos. Seguindo essa lógica, boa parte das crônicas que preenchiam as páginas dos jornais da capital maranhense, escritas por nossos “operários da

---

<sup>81</sup> BROCA. *Naturalistas, parnasianos e decadistas*, p.115.

<sup>82</sup> SEVCENKO. *O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso*. In: SEVCENKO (org.). *História da Vida Privada no Brasil v.3*.

saudade”, tratava de questões literárias. Isso demonstra não só uma discussão com o objetivo de ganhar um espaço de reconhecimento, por parte dos cronistas, mas de colocar as letras como tema do cotidiano da cidade.

No Recife, no Rio de Janeiro e em outras capitais, como no Maranhão, esses periódicos “formavam um grande batalhão na luta pela modernização dos hábitos, dos valores e da fisionomia”<sup>83</sup> da cidade, davam voz aos anseios e intervinham nas transformações espaciais. Os eventos culturais e as novas oportunidades de lazer no espaço da cidade figuravam entre os assuntos que mais estimulavam essas mudanças de comportamento. Em sua coluna “*Pedras à Opinião*”, Moraes não se furta a cutucar os velhos hábitos da sociedade. Sobre a chegada do Cinematographo, ele escreve:

“Os espectáculos do Cinematographo Hervert, trouxeram a esta cidade pacata, presa aos laços indissolúveis de sua rotina, agarrada aos preceitos que a retrogradam, uma noite, altamente original, genuinamente nova, que tem trazido água à boca dos rapazes, e com especialidade, a de nossas recatadas patricias, que todas as vezes que se trata de se as fazerem exhibir-se em público, oppõe tenaz e invencível resistência” (*Pedras à Opinião*. In: *A Imprensa* 18/03/1907)

Moraes era um homem urbano. Nosso cronista apreciava o fervilhar da vida na cidade, o tumulto das novidades e das disputas pelo poder político e literário. Sempre que opinava sobre os costumes, adotava um tom firme e, às vezes, agressivo. Como ele mesmo escreve:

“Há por ahi quem faça apologia da vida do campo... Eu não. Eu não busco a paz do campo, o conforto da vida silenciosa, o canto da virgem, merencório e tristonho. A viola é um veneno subtil que definha a alma e adoenta o coração... Eu não. Busco, com sangue a ferver, a audácia nos olhos, a coragem na alma, a guerra, a estrondosa e canglorosa guerra... A luta, a guerra, o tumulto! Eis a vida!” (*Altos e Baixos*. In: *A Imprensa* 08/10/1906).

O desejo de se afirmar membro da elite letrada e as dificuldades para se fazer respeitar enquanto tal o moldaram para a luta, não contra a cidade em si, mas contra aqueles que querem excluí-lo de sua “versão” letrada. Percebemos essa intenção declarada de aproximação entre literatura e realidade pelo subtítulo que ele fez questão de salientar em seu romance: “Crônica Maranhense”. A aparente (con) fusão entre os gêneros literários é uma maneira delicada, bem informal, de convidar o leitor a

---

<sup>83</sup> ARRAIS. *Recife, Culturas e Confrontos*, p. 29.

acompanhá-lo pelos problemas dessa São Luís que foi inventada para parecer muito com aquela em que ele habita.

A ideia de apresentar o romance como uma crônica da vida maranhense tem a intenção de fazer com que os personagens e as situações sejam, como ao que conclui Peter Gay na sua análise sobre a literatura realista de Dickens, Flaubert e Mann: “*tão semelhantes à vida quanto possível*”<sup>84</sup>. Com muito mais nuances naturalistas que realistas, *Vencidos e Degenerados* vulgariza as discussões sobre decadência e raça. Traz para a linguagem e para o espaço do cotidiano temas e teorias vindos da Europa e que interferem na avaliação das condições de progresso e desenvolvimento da cidade. Esse “sentimento de realidade”<sup>85</sup> dado à ficção inspira confiança e provoca o leitor, se não a interferir objetivamente, pelo menos a discutir as situações que o autor está levantando.

O olhar que Moraes elabora sobre a cidade, que aparece na sua escrita, é o de uma confiança mútua. Enquanto ele a observa e denuncia as necessidades, ela lhe dá segurança e legitimidade. Podemos, então, perceber que Moraes, do mesmo modo que João Olivier, caminha familiarmente pelas ruas e conhece seus personagens:

“Ele saiu caminhando pela Rua do Trapiche abaixo... Cumprimentavam-no, e ele correspondia, tirando o chapéu, ou dando com a mão num gesto largo. E foi seguindo até a esquina da rua com o beco que vai ter à Rampa Campos Melo. Aí parou, apoiando-se com o chapéu, que a mão direita segurava, e metendo a esquerda no bolso da calça lançou um olhar observador em derredor: bem defronte, na calçada oposta, uma mulata velha vendia doces a caixeiros e populares que passavam...”<sup>86</sup>.

“Aquilo era sempre assim. Do sair do jornal, ou da casa comercial onde era empregado, o cronista parava mais de dez vezes, ora a conversar pelas esquinas, ora em ligeiras visitas a velhos amigos. Não eram poucos os dias que ele chegava à sua moradia depois das sete horas da noite”<sup>87</sup>.

Já sabemos que a aspiração neo-ateniense era solucionar os problemas de ordem material e cultural que afligiam o Maranhão no início da República. Contudo, a ação política necessária para que as transformações começassem a ocorrer não teriam, diretamente, uma ligação com o prestígio literário que os letrados desejavam para sua geração. Sendo assim, das maneiras que tais problemas poderiam ser ditos e discutidos,

---

<sup>84</sup> GAY. *Represálias Selvagens*, p.13.

<sup>85</sup> VERISSIMO. *História da literatura brasileira*, p.243.

<sup>86</sup> MORAES. *Vencidos e Degenerados*, p.58.

<sup>87</sup> MORAES. *Vencidos e Degenerados*, p.88.

a maneira escolhida para problematizar a situação do Estado foi a mesma com a qual o *cameleiro* de Calvino escolheu apresentar Dorotéia a Marco Polo<sup>88</sup>: de forma literária.

As crônicas de *A Campanha*, em 1902, nos apresentam os tipos e comportamentos urbanos de uma cidade cheia de vícios. Temos *O Barbeiro* (27/05/1902), que “quem o vê de navalha em punho, barbeando placidamente, todo concentrado no queixo do freguês”; não imagina que ele “lambe-se de contente” ao saber os fatos do dia para lançar-lhes, ao fregueses, “aumentando alguma coisa por sua conta”. O *Conto de S. João* (23/06/1902) que demonstra os descompassos entre o sagrado e o profano nas festas e dias santos quando o povo não ouve o apelo dos sábios “enfizados e circumspectos” e para comemorar “espalha-se pelos arrabaldes, pelas praias, pelos sítios ou ficam saracoteando pelas ruas, pelas praças...” E ainda *A Peste* (10/10/1902) direcionada aos “pequenos leitores” com a intenção de lhes contar a história de uma velha senhora, denominada Peste, que chega à cidade para matar as pessoas.

Do mesmo modo, como em *Vencidos e Degenerados*, Moraes elabora um olhar, uma significação própria para a cidade que se apresenta a ele e que nos é (re)apresentada por ele literariamente. Sua representação da realidade traz em cada palavra empregada a compreensão das relações sociais, as hierarquias e os conflitos do meio em que vive<sup>89</sup>. E mais que isso. Esse olhar age sobre esse meio e influencia na construção dessa paisagem.

As feições de uma cidade, suas características peculiares, seus movimentos próprios e sua harmonia singular são resultado das suas relações sociais e do conjunto simbólico construído pelos homens que atuam diretamente sobre as intervenções urbanísticas e na representação desse espaço<sup>90</sup>. Nas crônicas que enchem os jornais da capital temos dois temas recorrentes: os problemas socioeconômicos e a literatura. Nossos cronistas, não só Moraes, procuram incansavelmente associar seus nomes às discussões das melhorias para a cidade. O descompasso entre o desejo e as condições de implementação de mudanças efetivas na realidade física não interfere no projeto neo-

---

<sup>88</sup> CALVINO. *As cidades invisíveis*, p. 13.

<sup>89</sup> O trabalho de Greenblatt nos ajuda a pensar sobre a relação entre representação e realidade: ambos se apresentam como sendo diferentes, porém, indissociáveis. Para ele, “uma dada representação não é apenas o reflexo ou o produto de relações sociais, mas também uma relação social em si mesma”. Ver: GREENBLATT. *Possessões Maravilhosas*, p.22.

<sup>90</sup> ARRAIS. *O Pântano e o Riacho*, 2004.



ateniense que é o de uma nova leitura da cidade, na qual eles, os letrados, estão empenhados em inscrever seus nomes. Essa *cidade ideal* está diretamente associada à literatura neo-ateniense, pois entre uma polêmica e outra sobre pormenores gramaticais, estruturas poéticas e erudição, há a referência aos problemas urbanos e aos costumes. Ao escrever sobre a visita de um “ilustre conferencista”, Moraes aproveita para, mais uma vez, denunciar as condições de São Luís num tom de desculpa ao visitante. Escreve ele:

“Nesta cidade onde faltam todos os recursos de uma terra civilizada, onde as dificuldades se multiplicam, sem água potável, sem carne sadia, onde se vende leite puro com água, sem aulas publicas para as crianças pobres, sem forno crematório, sem condições higienicas precisas, illustrado confrade, somente avultam esse ‘precioso amphiteatro de casas brancas, coloridas igrejas e palacetes’”. (*Altos e Baixos*. In: *A Imprensa* 03/12/1906).

Quando Moraes refere-se ao “*precioso amphiteatro*” quer ressaltar o caráter artístico e o potencial cultural que tem a cidade. Deste modo, podemos dizer que temos em São Luís uma elite letrada que ordena e interpreta<sup>91</sup> a cidade conforme sua necessidade, que, no momento, é de parecer responsável pelo melhoramento das péssimas condições a partir do seu discurso diário nos jornais.

O que os neo-atenienses fazem é inscrever signos<sup>92</sup> para demarcar uma ideia de espaço que eles desejam sustentar. Um bom exemplo disso é a proliferação de instituições ligadas à cultura e ao conhecimento no espaço físico da cidade. Escolas, faculdades, instituto, academia de letras, associações e grêmios literários fazem do início da República no Maranhão um período tão fértil nesse sentido quanto o desejo de seus letrados. Interessante é perceber como, a partir daí, esses escritores e cientistas foram literalmente inscritos nas ruas e praças da cidade. Magnólia Sousa Bandeira de Melo<sup>93</sup> faz um levantamento toponímico do Centro Histórico de São Luís e nos mostra como a República reformulou a maior parte da nomenclatura de suas ruas para homenagear seus intelectuais. Temos, então, nas primeiras décadas do século XX, ruas Graça Aranha, Ribeiro do Amaral, Humberto de Campos, Praças João Lisboa, Gonçalves Dias, Odorico Mendes, Fran Paxeco, a praça Antonio Lobo, dentre outras,

---

<sup>91</sup> RAMA. *Cidade das Letras*, p.52-53.

<sup>92</sup> O conceito de signo trabalhado por Rama é a de um objeto que só existe enquanto representação de um outro. Sendo que a ideia que o signo representa subsiste mesmo quando o objeto é destruído, p.30-31.

<sup>93</sup> MELO. *Índice toponímico do Centro Histórico de São Luís*, 1991.

espalhadas pelo centro histórico de São Luís. Com o atraso que já é característico, o nome Nascimento Moraes batizou duas ruas de bairros mais recentes na capital.

O que Nascimento Moraes traz à essa cidade neo-ateniense são os conflitos de ordem social e racial. A cidade que está tanto nas suas crônicas quanto em *Vencidos e Degenerados* apresenta uma imagem a partir do que ele quer perpetuar: seu pertencimento a elite intelectual, a perseguição que ele sofre por ser negro e sua proximidade necessária com o espaço urbano em que vivia e sobre o qual escrevia. Ao polemizar com seus confrades, ele fazia questão de deixar claro esse relacionamento mais próximo. Assim, explica ao poeta Gerson Tavares:

“Eu, pode crer o poeta, que não vivo solitário e nem me poderia acostumar coma solidão, caso tivesse necessidade de abrigar-me nella, eu, que sou perdido por viver nos logares onde se sinta perfeitamente, o palpitar da vida humana, com todo o seu cortejo alegre e triste, feio e bonito, eu, repito, nem que o poeta quizesse, accederia a semelhante convite.” (*Fechando a rôsca*. In: *A Campanha*, [?]/02/1904).

Assim como fazia questão de se mostrar conhecedor do vernáculo, da gramática e dos grandes pensadores antigos e modernos para poder legitimar aquilo que escrevia, Nascimento deixava claro na elaboração do enredo de seus escritos, a intimidade com o dia-a-dia da capital maranhense. Era andando por ela que ele apreendia sua dinâmica para lhe imprimir seu olhar quando a escrevia. Geralmente, escolhia uma cena e a descrevia de maneira que o leitor possa associar aquele quadro ao conjunto dos costumes, condições e características da cidade. Vejamos um exemplo ao opinar em *A Imprensa* sobre a situação da cidade à noite:

“Em noites como a de hontem, tenebrosas e tristes, em que não se distinguem os vultos suspeitos que passam; eu me deixo ficar em casa, satisfeito com o enxuto que me protege da humidade que se extorce doente nos casebres ruins, desolando e matando, de acordo coma fome.

E ouvia vozes que subiam e desciam por necessidade, praguejando contra o destino e contra a natureza, descalços, tropeçando aqui e alli, no calçamento desigual, topando em cheio nas pontas de pedras e esbarrando nas construções. (...) Pelas esquinas vejo brazas accêsas como a que eu mantenho num stender delicioso, e nas janellas das casas vizinhas também as descubro.

Essas brazas, não há negar, protestam, silenciosas, contra o horror da noite, contra essa prisão fechada, a que são obrigados os trabalhadores que esperam, à noite, divertir o espírito abatido, pagar visitas, refastellar pelas praças, em descontos das horas passadas no terrível ganha-pão.

Conversam as das janelas, e conversam as dos cantos. Que dirão estas?  
Que há naturezas humanas incorrigíveis, intransigentes em seus hábitos e em seus desejos.  
Que nada pode contra ellas a falta de carvão no gazômetro, e de policiamento na cidade.” (*Pedras à Opinião*. In: *A Imprensa* 19/04/1907).

Utilizando a conclusão de Sidney Chalhoub em sua análise sobre a História do Brasil reescrita por Machado de Assis em suas histórias, concordamos que a literatura não é um espelho da sociedade que ela descreve e representa, ela é uma maneira de interferir na medida em que “busca a realidade, interpreta e enuncia verdades sobre a sociedade”<sup>94</sup>. Nascimento Moraes “interpreta e enuncia verdades” sobre a São Luís de sua época com a clara intenção de obter o reconhecimento de seu trabalho literário; para isso ajuda a elaborar o discurso de sua geração sobre a responsabilidade desses letrados em reviver a Atenas decadente, em fazer nascer uma nova Atenas, mas também, consegue organizar um outro discurso em benefício próprio: o de uma cidade que só está nessa situação de decadência por ainda permanecer ligada a preconceitos e costumes que já não combinam com a República e os novos valores que ela defende. Ou seja, a capital maranhense precisa se despir dos preconceitos, principalmente o racial, e dar legitimidade e participação a todos os seus cidadãos para, enfim, inaugurar sua República.

Na perspectiva de se adequar aos ideais de modernização e progresso reivindicados pelo novo regime político, o poder público contrata profissionais para a preparação de relatórios sobre as condições urbanas de capital maranhense. Deste modo, tanto nesses relatórios e trabalhos científicos quanto na literatura e na imprensa, leremos os planos para a transformação de São Luís numa cidade limpa, civilizada e bela.

---

<sup>94</sup> CHALHOUB. *Machado de Assis*, p.92.

## Capítulo 2

### O literal e o literário na República ludovicense

*“Cada cidade tem sua linguagem  
nas dobras da linguagem transparente”  
(Carlos Drummond de Andrade. In: Retrato de uma Cidade).*

A arte constrói espaços. Os objetos artísticos configuram e induzem à percepção de uma espacialidade, na medida em que são representações produzidas por quem observa, vive e opera nesse espaço<sup>95</sup>. Ao mesmo tempo em que a obra de arte é resultante do conjunto de valores de uma época, é também difusora deste. Quando o objeto artístico pertence ao universo da literatura, a função de expressar esses valores torna-se ainda mais clara porque o discurso literário possui um caráter avaliador e persuasivo. Ele toma um partido, objetiva despertar um sentimento, uma emoção, buscando o apoio do leitor para o ponto de vista que expõe a partir de mecanismos retóricos. Por isso, a obra literária é um produto histórico e exerce grande influência no nosso entendimento sobre os conflitos existentes na sociedade<sup>96</sup>.

O que transforma o escritor num artesão da palavra não é a habilidade desenvolvida de juntar letras para que se apresentem de modo coerente ou de tramar adequadamente uma história, e sim, a aptidão de modelá-la ao nosso corpo, conseguindo, nele, imprimir-lhe a nuance do seu significado, da sua força ordenadora ou subversiva. Com essa capacidade de conformar o corpo e a palavra, os homens de letras adquiriram, assim, um prestígio especial no contexto da virada do século XIX para o XX.

A República trouxe consigo mudanças de papéis sociais e novas normas de conduta que criaram um ambiente confuso onde as posições dos indivíduos já não eram mais seguras, como no Império, com sua estrutura social fixa e a estabilidade política fundamentada na figura do imperador. A organização desse novo cenário necessitaria de um discurso que pudesse ter uma eficiência qualitativa e quantitativa. Devido a isto, por sua ampla difusão, a imprensa tornou-se um mecanismo eficaz na organização do cenário republicano. E em cada página impressa, a literatura inscrevia-se como a forma

---

<sup>95</sup> ARGAN. *História da Arte como História da Cidade*, 2005.

<sup>96</sup> MORETTI. *Signos e estilos da modernidade*, p.21-26.

cultural mais carismática para a divulgação dos novos valores, comportamentos e modos de sociabilidade. O escritor, então, encontra no jornalismo um meio de subsistência, agora que não é mais “um membro ou cliente virtual da elite monárquica”, e, principalmente, encontra nele uma vitrine para se expor, atrair os olhares para seu talento e conseguir um lugar de destaque dentro da nova estrutura social republicana<sup>97</sup>.

A necessidade de planejar e modernizar o espaço urbano, de acordo com os modelos de racionalização importados da Europa e as necessidades higiênico-sanitárias difundidas no período, tornou-se uma tarefa tanto de médicos e engenheiros quanto de literatos. Estes últimos não têm a prerrogativa de interferência no traçado das ruas e avenidas. Contudo, tomam pra si a tarefa de ordenar esse espaço, a cidade, “no interior de uma outra geografia, simbólica e imaginária”<sup>98</sup>. Entendemos que essas duas intervenções sobre o espaço urbano, a letra dos planos de engenharia e higiene e a letra das obras neo-atenienses se complementam na intenção de construir no papel e fora dele uma cidade que seja sinônimo de beleza e progresso. Consideramos ser essa a combinação entre o “literal” e o literário.

A grande circulação de jornais no contexto da virada do século XX possibilita um maior acesso à informação escrita e aos problemas do dia a dia por eles discutidos e divulgados. O português e neo-ateniense Fran Paxeco faz uma interessante análise sobre a função dos jornais no cotidiano da cidade no início do século XX. Ele escreve que:

“As gazetas representam, nos tempos modernos, o que os sinos em épocas não muito distantes, representavam. Era o seu badalar que chamava os devotos de léguas em redor à missa dominical. Era ele, bimbaleiro, quem convidava a ouvir as sermotas, Tratava-se, então, nas igrejas, de tudo quanto ocorria, de tudo que despertava o comum nos mortais”<sup>99</sup>.

A imprensa, de acordo com a declaração de Paxeco, assumia a função de “guia” para discussões do cotidiano. Ela direciona o cidadão para o caminho da “comunhão” da vida diária. A literatura jornalística adquire, assim, um caráter funcional e o escritor é, agora, um elo entre a comunidade e as sensibilidades e regras do comportamento republicano e moderno.

---

<sup>97</sup> SEVCENKO. *Literatura como missão*, p. 273-276.

<sup>98</sup> GRUNER. *As letras da cidade ou quando a literatura inventa o urbano*, 2010.

<sup>99</sup> PAXECO. *O trabalho maranhense*, p.21.

Em São Luís os homens de ciência e de letras da geração neo-ateniense “escreveram” a cidade, elaboraram um discurso que tentava conciliar a saudade do passado ateniense e o desejo de um presente que queria se ler moderno e civilizado. Ainda que letras não sejam tijolo e concreto, entendemos que os planos, as intenções e os sonhos projetados, posteriormente implementados ou não, fazem parte da história da cidade e é a partir da urbe idealizada que se julgam os problemas do espaço real, sem esquecer, também, que as relações cotidianas de seus moradores com cada pedaço de madeira ou cimento fazem parte da construção desses valores e dessa história. Então, como qualquer objeto de arte, a cidade torna-se representativa dos conceitos que estão plasmados na ordem urbanística. Nessa perspectiva, da saudade e do desejo dos intelectuais, tentaremos articular, neste capítulo, o tijolo e as letras, da literatura e da ciência, para compreender como a cidade é utilizada para tornar-se cúmplice no projeto neo-ateniense de novamente fazer do Maranhão um chão reconhecidamente fértil quando o assunto é o conhecimento.

## **2.1. Com quantas letras se escreve uma República?**

Uma “cidade letrada”. A expressão de Angel Rama cai bem para explicar a São Luís da virada do século. Isso quer dizer que a capital do Maranhão, dentro do contexto de transformações políticas e sociais advindas da Abolição e a proclamação da República, era uma cidade cujo processo de modernização, inicialmente, concentrou-se muito mais no esforço de escrever-se moderna e republicana. Ou seja, podemos dizer que houve, como explica Rama, um desenho urbano prévio mediante as linguagens simbólicas para que, posteriormente, essa ordem social pudesse ser transposta para a realidade física.<sup>100</sup> A geração neo-ateniense demonstrou afinco na elaboração desse novo imaginário. Suas atividades, tanto em jornais quanto nas publicações essencialmente literárias, tinham o propósito de discutir a situação em que se encontrava a cidade e elencar as atitudes necessárias para, não só reviver os áureos tempos da Atenas Brasileira, como, quem sabe, ser agora uma “República Ateniense”.

O movimento republicano não teve muita expressão nas terras maranhenses. A notícia do fim da Monarquia chegou sem maiores alvoroços, porém, com algumas

---

<sup>100</sup> RAMA. *A cidade das letras*, p.27.

curiosidades, como a vaia dada ao Conde d'Eu pelos alunos do Liceu no Largo do Carmo em meio aos gritos de viva à República. Segundo Mário Meireles, a transição oficial do regime se deu na sala de despachos da Câmara do Governo e sem o conhecimento da população em geral, e, como vimos no capítulo anterior, havia apenas um republicano na Junta Provisória e foi o partido Conservador, e não o Liberal, que inicialmente ditou os rumos da política republicana no Maranhão. São Luís, no despojar do século XX, era uma cidade que contava com 36.798 habitantes e não possuía uma condição urbana razoável para uma capital com pretensões de modernização e progresso<sup>101</sup>.

A transição política ocorrida na virada do século XIX para o XX foi tema para uma novela publicada em 1913 sob o título de *A Nova Aurora*, de autoria do neateniense Raul Astolfo Marques. Este autodidata foi um dos fundadores da *Oficina dos Novos* e, posteriormente, da Academia Maranhense de Letras junto com Antonio Lobo. Trabalhou, a princípio, na Biblioteca Pública do Estado na função de contínuo de onde saiu para dedicar-se à literatura. Destacou-se profissionalmente como contista, folhetinista, jornalista e tradutor<sup>102</sup>. Marques elabora um enredo para analisar o processo de adesão do Maranhão ao regime republicano e sua narrativa pontua os conflitos trazidos por esse movimento. A existência de elementos reforçadores da decadência econômica e social, e de outros que impõem a urgência na renovação, fazem de sua novela um documento importante não só para o vislumbre da paisagem urbana configurada por sua geração, como para o significado da chegada da República numa cidade tão apegada a uma grandeza ilusória ligada ao Império.

Assim que abrimos a primeira edição da obra, impressa pela Tipogravura Teixeira, somos saudados por duas dedicatórias: a primeira “à memória dos republicanos históricos”. São eles, Paula Duarte, Souza Andrade, Izaac Martins e Satyro Farias; e a segunda, uma “homenagem à memória dos populares que tomaram mortos, em defesa da causa monárquica”. Poderíamos ironizar essa teimosa predisposição neateniense em unir tendências contrárias, que pode também parecer uma ansiedade em agradar “gregos e troianos”, porém, o que percebemos ao longo de uma narrativa extremamente detalhada de toda a movimentação que terminou com a adesão à República, é a demonstração da função pedagógica do letrado.

---

<sup>101</sup> MEIRELES. *História do Maranhão*, p. 258.

<sup>102</sup> MEIRELES, Mário [et al]. *Antologia da Academia Maranhense de Letras*, p.147.

A trama começa com a apresentação de “Marçal Pedreira”, proprietário da “Aurora”, “chácara de edificação confortável e cuidadosamente higienica” e que localizava-se “num dos extremos da cidade, em bairro dos mais pinturescos, e por entre as ruínas dos ranchos da outrora florecente Fazenda do Medeiros”.<sup>103</sup> Temos, logo de início, duas imagens representativas da convivência entre o decadente e o moderno. A “Aurora” é o mais novo lugar de moradia de Marçal, espaço em que ele vai viver a partir de agora. E esse lugar, mesmo que localizado entre as “ruínas” de um espaço que já foi “florecente”, está obedecendo aos padrões e discursos do progresso, pois é “confortável” e “higienica”.

A *novela maranhense* divide-se em cinco capítulos e o primeiro deles tem um título bastante sugestivo: *A rejeição social*. Aqui temos a deliberada indicação dos propósitos neo-atenienses. Desenrola-se, pois, toda uma discussão sobre os problemas da capital, principalmente os que se referem à economia. Astolfo Marques elege a chegada da República como eixo de sua trama. Contudo, assim como seus pares, não perde de vista a busca pelo reconhecimento do Maranhão como berço de intelectuais. Sempre que reforçam o discurso da decadência econômica e cultural em suas obras, esses escritores da literatura, do jornalismo e da ciência estão, em contrapartida, se colocando como responsáveis pelas transformações que hão de se seguir.

Assim como São Luís era desejada e dita um lugar onde se encontrava homens com a literatura nas veias, a “Aurora” de Marques era ponto de encontro de “*causeurs*”. Lá, eles reuniam-se para passar “a revista homens e coisas locais em vivíssimos comentários”<sup>104</sup>. Entretanto, assim que anunciado o novo regime, e começaram a rondar as incertezas de sua implantação, esses *causeurs* recolheram-se de suas atividades costumeiras na “Aurora” só retornando depois de instalada a República. Uns ficaram em casa “em atilada expectativa ou receiosos de serem colhidos pela onda da refrega, outros, bem de matreiros abispando uma posição em que se viessem encontrar comodamente quando se consumassem os fatos”<sup>105</sup>. A incerteza e o receio sobre o futuro que circulava entre intelectuais nessa transição política fundava-se no

---

<sup>103</sup> MARQUES. *A Nova Aurora*, p.11;14.

<sup>104</sup> MARQUES, *A nova Aurora*, p.18.

<sup>105</sup> MARQUES, *A nova Aurora*, p.69.



mesmo jogo de interesses que fez proliferar no país os republicanos de “16 de Novembro”.

No cenário nacional, para os próceres da campanha republicana, principalmente os intelectuais, a desilusão que se seguiu por terem sido excluídos das posições de poder e comando no novo universo que eles ajudaram a criar era explicada pela falta de programa político, de posições definidas, vazio ideológico e um excesso de incompetência que solapava as bases para o surgimento de uma nação democrática, liberal e civilizada.<sup>106</sup> No Maranhão, as manifestações de decepção com a maneira em que se dava a implementação da República pode ser lida em textos jornalísticos e literários. Um dos republicanos a quem Marques dedica seu livro, Satyro de Farias, assim escreveu:

Hoje, cansado de luctas e ainda mais coberto de soffrimentos e desgostos, que me tem arruinado physica e materialmente; aborrecido e descrente não sei o que farei, pois sou um homem que se embriaga com a cachaça política e um bêbado quando vê um copo, bate-lhe o coração; os olhos querem saltar e a língua pega-se-lhe ao céu da boca! (O Nacional, 20/04/1892)<sup>107</sup>.

Do mesmo modo, Nascimento Moraes declarava, em *Vencidos e Degenerados*, seu desgosto, na fala do jornalista João Olivier, ao dizer que depois do 15 de Novembro chegou “a sonhar com um Maranhão intelectualmente e moralmente livre, a ascender como um deus”, mas que logo se persuadiu do erro, pois, já tendo se passado dois anos de vida republicana, viu que “não abriram escolas ao povo, não procuraram matar o analfabetismo, não foram verdadeiros republicanos os que se apossaram do poder”.<sup>108</sup>

O personagem da trama de Marques, Marçal Pedreira, era monarquista. “Alistou-se” eleitor do Partido Liberal, mas, segundo dizia, não tinha ambições políticas, estava satisfeito com a patente de capitão da Guarda Nacional que recebera do chefe do partido. Mesmo sendo um militante apaixonado, orgulhava-se de sua independência política que o permitia reconhecer as conquistas do partido Conservador. O capitão Pedreira não negava sua alma de monárquico, “por princípio e por gratidão” e abalou-se quando da notícia do Golpe que despachou a família real de volta para a

---

<sup>106</sup> SEVCENKO. *Literatura como missão*, p.107-108.

<sup>107</sup> O NACIONAL apud. FERREIRA. *Revista Outros Tempos*. V.01. São Luís: UEMA.

<sup>108</sup> MORAES. *Vencidos e Degenerados*, p.76-77.

Europa<sup>109</sup>. Seu posicionamento um tanto flexível e desinteressado para um “militante apaixonado”, deixa abertos caminhos para o intento de Marques, qual seja, possibilitar ao personagem a reflexão quanto às possibilidades de desenvolvimento e progresso sob o novo regime.

Seguindo a lógica de persuasão em prol da República contida no livro de Marques, é necessário que haja uma mobilização contra a adesão ao novo regime. Os grupos populares, no amanhecer do dia seguinte à notícia da proclamação juntaram-se no Largo do Carmo, que havia se “convertido em centro de operações”. Os mesmos indivíduos que um ano antes festejavam a extinção da escravidão foram em socorro do trono que por direito seria da “Redentora”, daquela que tinha livrado o país da vergonha de tal instituição: Isabel. Os motivos para repelir à nova ordem não se relacionavam a restrições quanto ao seu programa, pois, o autor deixa claro que estes homens estavam eufóricos e dispostos a baterem-se “por um ideal que não compreendiam com absoluta nitidez”<sup>110</sup>. Percebemos, então, que a trama vai girar em torno de três figuras importantes para que se cumpra, de fato, a função pedagógica do texto: Marçal Pedreira, indivíduo esclarecido, monarquista e de confortável condição econômica; o povo que sem instrução se deixa levar por motivações afetivas; e a terceira figura, que vai trazer os argumentos necessários para que todos se unam em torno de mesmo ideal republicano, o dr. Pedro Belarte.

Dr. Belarte era um letrado. Advogado, jornalista, tribuno eloquente e agitador das massas, possuía “porte fidalgo e irrealizável elegância”, parecia com o “Príncipe de Galles” era o responsável pela direção “do vespertino da dissidência liberal”, *O Globo*, página onde foi publicada a esperada notícia da queda do antigo regime monárquico. Era ele o “genuíno chefe dos republicanos, na Província”. Resistiu às investidas furiosas de um povo “aparentemente reivindicador e idolatra, mas que seguia sem a serenidade reflexiva, impelidos pela sugestão de emocionais argumentos”. Em seguida, após a instalação da Junta Provisória, da qual fez parte como principal representante, conseguiu manter-se imune das acusações de abuso de poder, violência e cerceamento dos direitos democráticos que a Junta impôs a população com a justificativa de ser em

---

<sup>109</sup> MARQUES, *A nova Aurora*, p.69.

<sup>110</sup> MARQUES. *A nova Aurora*, p.54.

nome da manutenção do regime. Passadas as manifestações pró e contra, ao ser questionando, pelo enviado “sulista” que iria dirigir a República no Maranhão, sobre esses desmandos, o dr. Belarte responde com uma pergunta: “- Que queria o doutor, se eu me encontrava entre a espada e a ignorância?! O meu papel, concluía, limitava-se a salvar a gramática, redijindo os decretos e as resoluções.” Dissolvida a primeira Junta, que havia sido organizada pelo comandante do 5º de Infantaria de linha, o coronel Luiz Taveira, foi nomeada uma outra com a permanência do dr. Belarte, três chefes de partidos monárquicos e um poeta republicano chamado Carlos Medrado.

As ações democráticas e civilizadoras prometidas pelo novo regime começaram a ser postas em prática, com especial atenção à instrução pública. Começava, enfim, a tão esperada “rejeneração” dos costumes e do novo Estado. Enquanto isso, a população voltava a sua rotina que, agora, só seria quebrada pelo alvoroço das festividades natalinas, ocasião em que Marçal Pedreira ganha de presente de um amigo, uma placa de bronze onde havia sido cunhada a denominação: A NOVA AURORA. Presenteada com intenção de substituir o antigo nome de sua morada. Marçal, então, sentindo prazer na oferta, agradece louvando “a noite santa... de santo Nascimento, graças ao Senhor que via a sua terra sair ileza, tendo ciozamente amparadas, em todas as suas linhas, as tradições de polidez, de elegância e (porque não?) o senso comercial dos... maiores!”<sup>111</sup>.

A associação feita entre conhecimento e República, na trama de Marques, coloca os letrados numa posição de destaque e de necessidade para o bom funcionamento do regime e a satisfação de seu princípio básico que é transformar o indivíduo em cidadão a partir de seu acesso à cultura. Ele mostra que a falta de “serenidade reflexiva” impede a participação e mina a força popular, que deve ser orientada para que não se perca em lutas vãs. Não adianta ter um novo regime político sem a presença daqueles que têm a capacidade e a prerrogativa de guiar a sociedade rumo ao desenvolvimento e a civilidade. O velho professor e jornalista Carlos Bento, um dos personagens de José do Nascimento Moraes em *Vencidos e Degenerados*, comunga com essa ideia e faz um desabafo revelador nesse sentido:

“Não sei onde afinal de contas vamos parar com isto. Conto que os fatos exigirão, que os homens façam da fraqueza força e que, abandonando a posição censurável em que até hoje se têm

---

<sup>111</sup> MARQUES, *A nova Aurora*, p.146.

mantido, procurem enfim os que podem com energia e competência intelectual, e firmados princípios morais, reconstruir o templo arruinado.”<sup>112</sup>.

No contexto ludovicense, a apatia popular diante do processo de implantação da República registrada pelos historiadores, é, na obra de Astolfo Marques, é utilizada como falta de conhecimento para que o papel do intelectual se sobressaia.

Diferentemente do que argumenta Marques, mas com intenção coerente a de seus contemporâneos, Raimundo Lopes, também neo-ateniense, em seu livro *O Torrão Maranhense*, de cunho científico e publicado originalmente em 1916, depois reeditado com o título de *Uma Região Tropical*, faz um registro interessante sobre o caráter da cidade e de seus habitantes. Segundo ele:

“São Luís nunca foi uma cidade de forte originalidade, uma componente dominadora. Nenhuma luta a encontrou resistente, não teve a iniciativa de uma grande reforma social. Nas lutas nativistas coloniais, como nas revoluções mais recentes, nunca fez sentir o seu influxo no país, nem mesmo no âmbito de sua província. Esta atitude histórica evidencia o caráter de seu povo... As suas mais belas qualidades, a ‘tolerância’ e a ‘ordem’, ou melhor, adaptabilidade, chegam a degenerar em defeitos. Intelectualmente, nota-se a facilidade de idealizar e aprender. É incontestável que estes ‘atenienses’ - permita-se o tradicional epíteto - têm, como os defeitos dos seus protótipos clássicos, uma tradição de cultura literária relativamente notável, e cabe-lhes um lugar de destaque na formação intelectual nacional.”<sup>113</sup>.

Raimundo Lopes da Cunha era professor de História e Geografia, etnólogo e naturalista. Filho de desembargador, bacharelou-se em letras no Liceu Maranhense, era sócio fundador da Academia Maranhense de Letras e membro do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão<sup>114</sup>. Sua obra é uma síntese sobre a geografia física e humana do Estado, destacando seus aspectos e as características de cada região. Assim como os demais, discutiu as causas da crise e apontou providências para resolvê-la. Na parte da obra dedicada à capital, descreve o processo de ocupação e crescimento urbano e verifica que durante a República foram feitos alguns melhoramentos, embora, como veremos, de forma lenta e nem sempre eficiente.

Conhecer a República ludovicense a partir das obras neo-atenienses é ler uma cidade cuja enredo não muda. Uma cidade que quer conciliar o saudosismo de uma

---

<sup>112</sup> MORAES. *Vencidos e Degenerados*, p.76.

<sup>113</sup> LOPES. *Uma região tropical*, p.195-196.

<sup>114</sup> MEIRELES, Mário [et al]. *Antologia da Academia Maranhense de Letras*, p.207.

competência literária e a expectativa de modernização para recuperação do prestígio. Pensar a cidade no início da Primeira República é imaginá-la com esses elementos que dão forma ao espaço e garantam notoriedade aos seus escritores. Ao discurso republicano do progresso são mesclados pedaços de passado no intuito de conceber uma cidade cuja tradição pode ser um sinônimo palpável de civilidade e pode compensar a ausência das reformas, tecnologias e serviços sanitários, sinais concretos do moderno.

## 2.2. A letra (in)formando o moderno

Nenhum neo-ateniense negaria que é lamentável a condição urbana de sua capital. A opinião e a indicação de melhorias para a cidade fazem parte do discurso que é comum a todos os intelectuais daquela geração. Essa, porém, não era uma preocupação expressa apenas em romances, novelas ou páginas de jornal. Os governos republicanos demonstraram suas intenções de transformar São Luís num espaço higienizado, confortável e aformoseado. Para isso, foram estabelecidas leis e posturas, como também foram contratados especialistas em saúde pública e engenharia sanitária para se encarregarem dos planos que trariam os sinais do progresso para o cotidiano da cidade.

O real é sempre o ponto de partida para a ficção. Considerando a afirmação de Franco Moretti sobre o contexto sócio-histórico de uma obra ou gênero literário não ser um “extra” para ficar à margem da análise retórica do texto<sup>115</sup>, entendemos que os argumentos neo-atenienses só fazem sentido se lidos a partir dos referenciais urbanos e políticos presentes em São Luís na virada do século. O discurso elaborado a partir dessa realidade, no caso dos intelectuais maranhenses, está sempre relacionando as transformações para o desenvolvimento da cidade com a necessidade do saber, da cultura e, conseqüentemente, com a participação daqueles que são seus representantes. O próprio Nascimento Moraes sugere que o Estado ainda se encontra nessa calamidade porque “a civilização ainda não penetrou mesmo nas camadas mais adiantadas. Ainda não se banharam nas suas águas lustrais os beneméritos, os escolhidos, os eleitos que encabeçam as primeiras linhas da sociedade, e que se dizem seus diretores”<sup>116</sup>. Podemos, então, perceber que tanto Moraes quanto os demais neo-atenienses “dizem” e

---

<sup>115</sup> MORETTI. *Signos e estilos da modernidade*, p. 22.

<sup>116</sup> MORAES. *Vencidos e Degenerados*, p. 212.

“escrevem” uma cidade a partir de argumentos e de uma ideia que eles desejam perpetuar: seu papel, imprescindível, no desenvolvimento da cidade.

Para analisar os discursos oficial e literário sobre as condições do espaço urbano e as ações propostas para seu melhoramento, vejamos, inicialmente, o que consta na *Collecção de Leis e Resoluções Municipaes* de 1892 a 1909, as primeiras leis republicanas que a municipalidade apresentou à cidade. Dentre os principais itens dispostos no novo Código a maior parte relacionava-se às questões de salubridade, higiene e embelezamento do cenário urbano. As atividades relacionadas ao comércio e manipulação de alimentos, principalmente de carne, assim como limpeza dos rios, procedimentos em relação às águas servidas, depósito de lixos, animais nas ruas e tudo que atentasse contra a saúde pública estariam sujeitos a multas<sup>117</sup>. Os serviços públicos em São Luís, antes da chegada da República, eram precários e atendiam a uma área muito limitada, o que hoje compreende o Centro Histórico e que coincidia com o espaço ocupado pelas elites. A maioria da população convivia com a quase inexistência de serviços sanitários essenciais como abastecimento de água, sistema de captação de esgotos e remoção de lixos, além dos serviços de iluminação e transportes públicos.

Em *Vencidos e Degenerados*, geralmente é João Olivier o porta-voz das denúncias sobre as condições urbanas da capital. Os problemas relacionados aos serviços urbanos vinham à tona, em algum momento, sempre que começava a reclamar sobre algo. Ao se referir às perseguições feitas pela elite a todo aquele que, não pertencendo ao seu círculo, tivesse alguma ambição, aproveita para reclamar também da falta de limpeza pública. Ele diz que tomá-lo como um grande jornalista “é querer que amanhã (lhe) arrastem o nome de rabiscador de jornais de província pelas sarjetas das ruas desta cidade sem higiene!”<sup>118</sup>. A partir de 1889, o Estado passou a se preocupar com a questão da salubridade de maneira que isso não se tornasse um problema ainda mais grave, devido à constância das crises endêmicas e epidêmicas<sup>119</sup>. Com o Código de Posturas Municipais de 1892, a idealização de uma cidade limpa, segura e bela, porém, a disposição para a efetivação de tais referenciais de civilidade e progresso urbano esbarrava em problemas políticos e sociais, como por exemplo, uma educação precária da população e a falta de iniciativa da administração pública.

---

<sup>117</sup> PORTO. *Publicações da Câmara municipal de São Luís*, p.37-55.

<sup>118</sup> MORAES. *Vencidos e Degenerados*, p.62.

<sup>119</sup> PALHANO. *A produção da coisa pública*, p. 141-152.

A República favoreceu a ampliação da participação dos indivíduos, os cidadãos, nas decisões políticas do país. Perceberam-se, entretanto, poucas mudanças nesse sentido. Apesar da supressão do Poder Moderador, e de outras instituições do Império, e da introdução do Federalismo, o aumento da participação política significou “entregar o governo mais diretamente nas mãos dos setores dominantes, tanto rurais quanto urbanos”<sup>120</sup>. O que havia sido até então um empecilho para a atuação desses setores, a centralização do Império, não existia mais. Assim como na Capital Federal, no Maranhão a desilusão dos letrados com os rumos da política republicana e, ainda mais, com os grupos que efetivamente conseguiram participar do poder, era evidente. A esperança de uma transformação política e social feita com e para o povo havia sido vencida. Durante toda a narrativa de *Vencidos e Degenerados*, Nascimento Moraes reforça a ideia de que não se implantou uma verdadeira República, escrevendo que:

“esse trabalho só poderia ser feito por homens educados. Estes fazem parte da corte e está claro que não trabalharão no sentido de dar uma carambola nesta igreja, e os que poderiam trabalhar estão, infelizmente, impossibilitados de tal, porque lhes falta a instrução necessária e precisa, e esta instrução lhes é negada por nossos estabelecimentos de ensino. (...) Esta terra é para duas classes de gente: portugueses comerciantes e descendentes das antigas famílias”<sup>121</sup>.

Se em São Luís não houve grandes mudanças na sua estrutura física, a exemplo das reformas implementadas no Rio de Janeiro por Pereira Passos, houve na República Ludovicense, ao observarmos a priorização das questões urbanas e sanitárias nas pautas dos governos, um aumento de sensibilidade quanto à relevância do problema.

Na primeira década do século XX foram contratados dois especialistas para analisar a situação médica e sanitária da capital e propor as mudanças a fim de resolver os problemas encontrados. Em 1902, a apresentação do relatório intitulado “*Saneamento das Cidades e sua Aplicação à Capital do Maranhão*” pelo engenheiro Palmério de Carvalho Cantanhede, encomendado no ano anterior pelo governador João Gualberto Torreão da Costa, traz um estudo sobre as principais ações implementadas por algumas cidades européias como Paris e Londres para a manutenção da salubridade urbana e uma proposta de aplicação em São Luís, incluindo cálculo de custos. Os capítulos versam sobre os serviços de água, esgoto e remoção de lixo, tudo dentro dos

---

<sup>120</sup> CARVALHO. *Os bestializados*, p. 45-46.

<sup>121</sup> MORAES. *Vencidos e Degenerados*, p.90.

princípios científicos e das teorias sanitárias em vigor na época. O engenheiro também destaca em seu texto a importância da educação e de meios de difusão como os jornais para orientar a população sobre a necessidade da higiene pública e privada. Para ele:

“É preciso imprimir na massa popular a necessidade inadiável de se conformar às exigências da hygiene e mostrar que a insubordinação a esses reclamos se converte em moléstias que definham, quando não victimam. Devido sobretudo à apathia e à indolência, uma parte considerável da população infringe impunemente as regras as mais elementares de hygiene. Se alguém faz uma observação sobre a sordidez da casa em que moram, replicam dizendo que o pobre não tem luxo e essa mania de confundir o luxo com o asseio, mania que está se alastrando, não é mais do que a consequência do desleixo, que encontra, nesse modo de exprimir, uma resposta fácil, atrás da qual se acastellam os poucos assejados”<sup>122</sup>.

Observamos, então, uma intenção não só de reformas sanitárias, mas também medidas educativas para a prevenção de doenças e difusão das “*exigências de hygiene*”. Contudo, muito deveria ser feito em relação à estrutura urbana para que tais medidas pudessem sair do papel. O item sobre o sistema de abastecimento de água revela que a canalização da cidade é antiga, “o consumo não é obrigatório e menos da metade das cascas são canalizadas. O preço é... exorbitante e torna o consumo objecto de parcimônia que atinge a um limite incompatível com a hygiene”<sup>123</sup>. O relatório é taxativo no descaso com o saneamento básico cuja negligência acarretou a existência de um serviço de esgoto e de água restrito e de péssima qualidade. Fora isso, ainda tem o problema das más condições “da limpeza pública, dos logradouros públicos, da iluminação e do serviço de bondes”<sup>124</sup>.

O atraso e a negligência em relação aos melhoramentos urbanos, para João Olivier, estão relacionados à falta de compromisso político dos que estão no poder, que apenas visam o benefício próprio e as articulações de seus interesses. Moraes, então, aproveita a irritação de seu personagem e critica as companhias de abastecimento de água dizendo que são “outras desgraças..., porque, protegidas como são pelo governo, apesar dos maus serviços que prestam, das falhas..., não dão lugar a que outras

---

<sup>122</sup> CANTANHEDE. *Saneamento das Cidades e sua aplicação a capital do Maranhão*, p.183-184.

<sup>123</sup> CANTANHEDE. *Saneamento das Cidades e sua aplicação a capital do Maranhão*, p.06.

<sup>124</sup> PALHANO. *A produção da coisa pública*, p.341.



apareçam, nacionais ou estrangeiras, mas que sejam sérias, úteis, cumpridoras das cláusulas.”<sup>125</sup>

Em 1904, é apresentado um *Relatório sobre a Peste no Maranhão* pelo Dr. Victor Godinho. Este relatório tinha por finalidade regularizar o combate à peste e os serviços de higiene pública sob a determinação do decreto nº33 de 08 de fevereiro de 1904. Segundo seu autor, seu trabalho de organização da higiene pública passaria também por uma regularização das novas construções urbanas da capital, pois que “a ausência de leis tinha feito com que a cidade ficasse eivada de vícios de architectura e de construcções”<sup>126</sup>. Uma das consequências da crise econômica pela qual passava o Maranhão foi a lentidão na ampliação do conjunto urbano que fez proliferar as habitações de baixo padrão na área central da cidade, como cortiços e as conhecidas como “baixos de sobrado”. Essas moradias sofreram sérias regularizações por parte do poder público. Nas *Posturas* de 1892 ficou determinado o fechamento dos cortiços edificadas depois de 24 de Maio de 1890 e os que já existiam antes dessa data, se não oferecessem “as precisas condições hygiênicas”<sup>127</sup>.

Desde sua fundação, São Luís foi crescendo com disposição irregular, demonstrando falta de planejamento das ruas, casas e praças, característica típica da gênese de nossas cidades coloniais<sup>128</sup>. Apesar da preocupação expressa por Jerônimo de Albuquerque, no início da colonização portuguesa, para que os moradores, “boa arrumação das ruas fizessem naquela povoação, senão soberba, ao menos repartida com melhor direção e aparato”<sup>129</sup>, as observações feitas sobre as condições da organização urbana, em fins do século XVIII e início do XIX, eram de que suas ruas seriam intransitáveis, sem calçadas, os terreiros e praças públicas cheias de matos e desigualdade nos terrenos devido “a liberdade que cada qual tem de edificar como lhe parece faz que tudo seja irregular”<sup>130</sup>.

A partir do século XIX, quando a cidade adquire maior desenvolvimento da vida urbana e a vereação melhor se presta a defender a rua como elemento de

---

<sup>125</sup> MORAES. *Vencidos e Degenerados*, p.89.

<sup>126</sup> GODINHO. *A Peste no Maranhão*, p.118.

<sup>127</sup> PORTO. *Publicações da Câmara municipal de São Luís*, p.54.

<sup>128</sup> Sobre o processo de surgimento e organização das cidades no início da colonização, ver: Capítulo *O Semeador e o Ladrilhador*. In: HOLANDA. *Raízes do Brasil*.

<sup>129</sup> MARQUES. *Dicionário histórico-geográfico da província do Maranhão*, p.445.

<sup>130</sup> AMARAL. *O Maranhão histórico*, 2003.

sociabilidade e fator importante de circulação de riquezas, é que o discurso governamental passa a se preocupar efetivamente com a organização desse espaço dentro dos padrões de civilidade através das posturas municipais<sup>131</sup>. Entretanto, somente a partir de 1924 em diante, no governo de Godofredo Viana, que ocorre uma modernização efetiva na infraestrutura sanitária da capital, levando em consideração toda a área urbana e não apenas os bairros habitados pela elite<sup>132</sup>. Até então, a cidade continuava restrita ao mesmo conjunto arquitetônico colonial, e só com a nomeação de um interventor federal para o Maranhão, em 1936, é que começaram as reformas que ampliariam o tecido urbano, sendo executadas obras de alargamento de vias centrais e abertura de avenidas que, no sentido norte-sul, cortaram a cidade pelo Largo do Carmo, demolindo partes de quarteirões seculares e possibilitando a construção de exemplares ecléticos e mesmo protomodernos<sup>133</sup>.

A regulamentação das ruas, calçadas e praças está diretamente ligada a preocupação com a circulação. Preocupação iniciada no século XVIII, na Europa, e ligada ao discurso médico-sanitário que difunde a ideia de que movimento e circulação passam a ser sinônimos de pureza e saúde. A cidade é sede de funções políticas e econômicas e o exercício dessas funções deveria passar pelo controle dos fluxos naturais e humanos. A cidade moderna é aquela com limites fáceis de deslocar<sup>134</sup>.

Entretanto, a circulação de pessoas no espaço público não dependia só de ruas largas e limpas, mas de todo um conjunto que inclui iluminação, transporte e segurança pública. Em São Luís, a falta de um sistema de iluminação eficiente durante à noite limitava consideravelmente o acesso das pessoas a práticas de sociabilidade e lazer, além de ser um grande fator de insegurança. Em uma de suas crônicas, Moraes descreve com atenção essa paisagem e as sensações que ela desperta:

“Chegam-me as oiças os sons da noite, e à proporção que Ella se adianta, negerrima e sombria, mais distintos se os ouve tiros de revolver, berros de embriaguez, atropelias de transeuntes, provocações de insolentes e desatinados... Pelas esquinas vejo brazas acêzas, como a que eu mantenho num stender delicioso, e nas janellas das casas visinhas tambem as descubro... Essas

---

<sup>131</sup> VIEIRA FILHO, Domingos. *Breve História das Ruas de São Luís*. Maranhão, 1962.

<sup>132</sup> PALHANO. *A produção da coisa pública*, p.163

<sup>133</sup> BURNETT. *Além do rio Anil, urbanização e desenvolvimento sustentável*, 2002.

<sup>134</sup> PICON, Antoine. *Racionalidade Técnica e utopia*. In: SALGUEIRO (org.) *Cidades capitais do século XIX*, 2001.

brazas, não há negar, protestam silenciosas, contra o horror da noite, contra essa prisão forçada, a que são obrigados os trabalhadores, que esperam, à noite, divertir o espírito abatido, pagar visitas, refastellar pelas praças, em descontos das horas passadas no terrível ganha-pão... Conversam as das janellas, e conversam as dos cantos. Que dirão estas? Que há naturezas humanas, incorrigíveis, intransigentes em seus hábitos e em seus desejos. Que nada pode contra ellas a falta de carvão no gazometro, e de policiamento na cidade.” (*Pedras à Opinião*. In: *A Imprensa*, 19/04/1907).

Com a mesma atenção, Raimundo Lopes destaca a ação dos governos republicanos no que se refere à melhorias das ruas e jardins públicos sem, entretanto, deixar de criticar a falta de sistema de esgoto e os transtornos causados pela falta de eletrificação na cidade. Ele diz que “infelizmente o sistema de esgotos não foi posto em estado de funcionar. Foi tardia a eletrificação da luz e da viação urbanas, melhoramento tão necessário à expansão e movimento interno da cidade”<sup>135</sup>.

Paradoxalmente, o passado continua a ser a referência e o padrão sonhado pelos neo-atenienses. Mesmo as denúncias sobre o atraso nos melhoramentos urbanos não escapam de um tom saudosista. A ligação entre o passado de fausto e o presente que pretende sair do fastio se revela nos seus escritos. Para Moraes, a noite sem iluminação e, por isso mesmo, sem vida ganha um tom melancólico:

“O luar de hontem era silente e triste, sentimental e doce, ou então eu era quem estava assim, e por isso o luar me pareceu mal e o céu calado e frio (...) Em noites assim, como são as de nossa terra, essa cidade dá a apparencia de uma grande ruína, em que a Celebridade, qual anjo protetor vela, para ao menos guardar-lhe a bellêza antiga, para que de todo não se perca tudo que já foi brilho e que já foi bellêza” (*Altos e Baixos* In: *A Imprensa*, 26/11/1906).

Fran Paxeco, neo-ateniense ligado ao grupo de Antonio Lobo, critica a maneira como a cidade cresce apesar de toda a legislação sobre a importância de manter uma organização quanto ao traçado. O fato de São Luís ser uma das mais antigas cidades do Brasil justificaria a irregularidade da urbanização antiga, contudo, considera inadmissível:

“que as novas ruas sejam ainda mais corcoveantes, do que as existentes há séculos. Verifica-se o mesmo com as povoações que por aí vão se levantando à toa, sem plano e sem gosto, como se vê no tortuoso Anil (...). Os bairros da Currupira, S.

---

<sup>135</sup> LOPES. *Uma região tropical*, p.106-107.

Pantaleão e Apicum, etc., imundos, estreitos e ziguezagueantes, são recentes. E ninguém dirá que não são mil vezes inferiores a cidade propriamente colonial”<sup>136</sup>.

Dentre as obras neo-atenienses é a do português Fran Paxeco, *Geografia do Maranhão*, que mais detalhadamente trata sobre as condições urbanas da capital. Paxeco chegou ao Maranhão em 1900. Sendo jornalista, professor, historiógrafo, geógrafo e diplomata, uniu-se aos intelectuais da Oficina dos Novos e, como eles, assumiu um lugar de destaque tanto na Academia Maranhense de Letras quanto no Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão<sup>137</sup>. Seu livro é uma análise sobre toda a trajetória do estado e foi dividido em três partes que versam sobre aspectos físicos, econômicos e administrativos<sup>138</sup>. Mesmo fazendo parte de toda a movimentação literária e governamental para pensar a respeito da modernização da cidade e das melhorias nos serviços de higiene pública, ele expressa uma opinião pessimista em relação ao problema quando diz que “nunca se devera, por certo, supor que se melhoram as condições salubres de São Luiz, que está, ainda, muito longe de possuir o conforto das terras modernas, deixando à revelia aqueles problemas elementares”<sup>139</sup>.

Diante de tantas carências urbanas, o esforço das letras literárias e governamentais para buscar um ordenamento espacial coerente com os ideais de progresso termina por escrever muito mais um discurso da “falta”, do que falta para que São Luís pudesse se tornar civilizada, que promover a construção de um imaginário positivo acerca das possibilidades concretas da cidade se inserir no rol daquelas cujas reformas garantiram o status de moderna no início do século XX. Contudo, o sucesso dos letrados maranhenses está em terem conseguido ligar seus nomes ao processo de modernização urbana da capital através das medidas propostas em cada uma de suas obras. O saber estava intimamente ligado ao desenvolvimento da cidade, e só ele seria capaz de organizar as bases dessa nova São Luís que desejava tornar-se uma capital verdadeiramente republicana e, mais ainda, literária. Eram a ciência e a literatura que abririam os caminhos para se chegar ao progresso.

---

<sup>136</sup> PAXECO. *Os interesses maranhenses*, p.85.

<sup>137</sup> MEIRELES, Mário [et al]. *Antologia da Academia Maranhense de Letras*, p.139.

<sup>138</sup> MARTINS. *Operários da saudade*, p.76.

<sup>139</sup> PAXECO. *Geografia do Maranhão*, p.107.

### 2.3. Os sentidos do progresso

“Fulôr Rico, era um desses poucos afortunados da vida... Filho da ‘Fazenda Nova’, ahi se creara... Nunca viera sentir na cidade dos prazeres da vida civilisada, nunca seus olhos de matuto se deslumbraram à expectativa irradiante da azafama dos homens que se acotovellam na concurrencia insessante dos centros populosos... Felizardo! Lia pouco, e escrevia menos... Não sabia se vivia num paiz republicano ou monarchico, não sabia mesmo quem mandava chover no Maranhão... Mas oh! o Progresso! Num bello dia, dia fatal e de maus presságios, por traz da ‘Fazenda Nova’, appareceram a turma dos trabalhadores que rompem a matta e cavam a terra, para assentarem os postes do ‘fio que fala’, o telegrapho. Fulôr Rico, ao ouvir falar em semelhante coisa, tomou tamanho susto que adoeceu... foi obrigado a deixar sua fazenda, à procurar um médico... E assim numa tarde formosa e clara chegou a uma cidade... Mas imaginem os leitores o pânico, o terror... quando à noite, a luz elétrica, sallitou, victoriosa nos fios, dando uma bellissima paródia do dia! Ele que viera curar-se, recebe choque duplamente maior...Fulôr não pode resistir. Morreu dias depois de assombrado... Leitor, verte commigo uma lágrima piedosa sobre mais esta victima... do progresso! (*Pedras à Opinião*. In: *A Imprensa*, 21/03/1907)

A crônica de José do Nascimento Moraes provoca o leitor para uma questão importante do início do século XX: o significado do progresso. Levando em consideração o conjunto da população, no Brasil, as ações em prol do desenvolvimento urbano vitimou mais do que agraciou. Várias são as transformações impostas pelo nascimento de uma República que, consentida ou não, chegou cheia de atropelos.

Fulôr Rico, personagem da crônica de Moraes, morre de susto. Um “dos poucos afortunados”, vê, de repente, sua vida ser invadida por algo sobre o qual nunca nem ouviu falar. Não sabia dos rumos políticos de sua cidade, tampouco de seu país. “Lia pouco, escrevia menos ainda”. Fulôr representa a maioria dos “novos” cidadãos brasileiros que veem sua vida, de uma hora pra outra, transformadas em nome do tal progresso. Mas, o que isso significa no cenário ludovicense? No Brasil, a primeira medida, e consequentemente, a primeira dificuldade foi conseguir aglutinar vários grupos sociais diferentes numa única categoria: a de cidadão.

O destaque para a compreensão do significado do ser cidadão neste momento passa não só pelo político, mas principalmente pela organização social na cidade. A cidadania confere uma classificação ao indivíduo, faz uma espécie de diferenciação entre os aptos e não aptos a usufruírem dos direitos da vida na cidade, o que interfere

diretamente no uso do espaço urbano. Maria Cecília Naclério Homem<sup>140</sup> ao tratar das formas de morar da elite cafeeira paulista nos anos iniciais da República, ressalta que a primeira Constituição do novo período político ao restringir a cidadania apenas ao homem alfabetizado, trabalhador e proprietário define bem o papel que cabe a cada um dos indivíduos e reafirma a associação da mulher ao âmbito privado e o homem ao público. Outro ponto de preocupação do regime republicano refere-se ao mundo do trabalho, a transformação do homem livre em trabalhador assalariado. E dentro dessa categoria de homens livres temos também, agora, o ex-escravo. A partir de suas pesquisas, Sidney Chalhoub constata que na cidade do Rio de Janeiro, na Primeira República, o papel do homem de cor apresenta certo continuísmo em relação aos regimes políticos anteriores, pois, mesmo sendo, agora, um homem livre e trabalhador assalariado continua numa posição de subordinação dentro da estrutura social<sup>141</sup>.

No Maranhão, não seria diferente. São as permanências de valores, principalmente os relativos à questão racial, que provocam o tom sentido e agressivo de Nascimento Moraes em muitos de seus escritos jornalísticos e literários. Uma frase, em alguns casos, basta para percebemos a crítica feroz sobre os vícios que atrasam sua terra. Nas páginas finais de *Vencidos e Degenerados*, o autor nos oferece um evento, a narração de uma grande festa no Teatro São Luís em comemoração ao 15 de Novembro. Todos se fazem presentes e assistimos o desfilar dos personagens tomando seus lugares no cenário, que já estão marcados, assim como seus destinos. E eis que surge Zé Catraia, negro liberto com o 13 de Maio, “o mais popular de todos os populares, o mais inteligente”, posicionando-se à entrada do teatro à espera dos que passam para atirar-lhes sua ironia costumeira. Em seguida, um policial coloca-o para fora do pátio e ele protesta: “- Mas é assim que se empurra um cidadão?”<sup>142</sup>.

Ao se questionar sobre quem são os cidadãos de uma cidade, Sandra Jatahy Pesavento esclarece que o conceito de cidadania não é perpassado só pelo político. A questão social também interfere criando uma espécie de cidadãos de segunda classe que só são reconhecidos enquanto tais pela lógica da exclusão<sup>143</sup>. Deste modo, um dos

---

<sup>140</sup> HOMEM. *O palacete paulistano e outras formas urbanas de morar da elite cafeeira*, 1996.

<sup>141</sup> CHALHOUB. *Trabalho, lar e botequim*, p.46 e 88.

<sup>142</sup> MORAES. *Vencidos e Degenerados*, p.280.

<sup>143</sup> PESAVENTO. *Uma outra cidade*, p.15-16.

referenciais de progresso do novo regime político sofreu também ajustes em relação à diferenciações sociais para se adequar à realidade brasileira.

Um dos símbolos do progresso que figuravam na capital maranhense foram as fábricas. O conjunto fabril, ao terminar sua fase de instalação por volta de 1900, trouxe para São Luís uma perspectiva de modernização. A tentativa dos antigos senhores da lavoura em salvar sua riqueza investindo na indústria trouxe transformações não só campo do trabalho como também na organização do espaço urbano com o alargamento de sua área e o surgimento de bairros operários. O surto fabril agudizou uma série de problemas financeiros que perturbavam o Maranhão. Jerônimo de Viveiros, proprietário rural e político maranhense, destaca um relatório feito pela Associação Comercial de 1890 e denuncia que:

“A falta de numerário em nossa praça [São Luís] torna-se cada vez mais sensível, e por motivo tão poderoso tem o comércio restringido suas especulações e lutado com grandes dificuldades, que subirão de ponto no futuro, pois que um dos motivos que mais tem concorrido para esta falta é a retirada de capitais para a criação de fábricas industriais que, conquanto prometam interesses a seus acionistas e ao bem geral, trazem todavia, perturbações no comércio pela imobilização dos capitais”<sup>144</sup>.

Essa “loucura de querer transformar o Maranhão agrícola num Estado industrial”, dizia Viveiros, além de retirar o capital de outros setores, não conseguiu tampouco sustentar suas necessidades<sup>145</sup>. As oscilações do mercado e desvalorização da moeda fizeram crescer as dívidas e duplicaram o preço de pagamento do maquinário fabril forçando as companhias a pedirem empréstimos o que gerou um clima de desconfiança em relação ao setor e afastava “o capital que ainda poderia acudi-las”<sup>146</sup>.

Novamente, Nascimento Moraes utiliza-se de seu personagem, João Olivier, para fazer ouvir sua opinião sobre esse surto industrial e engrossa o coro dos que viram nessa iniciativa de “salvar” o que sobrou da riqueza da grande lavoura maranhense, um golpe desesperado e fatal. Ao reclamar sobre o aumento dos preços e das dificuldades para se sobreviver, o jornalista esbraveja dizendo que: “o Estado a olhos nus define: a

---

<sup>144</sup> VIVEIROS. *História do Comércio do MA (1612-1895)*, p.471.

<sup>145</sup> VIVEIROS. *História do Comércio do MA (1612-1895)*, p.558.

<sup>146</sup> MEIRELES. *História do Maranhão*, p.29.

exportação é uma miséria... As fábricas foram a pior das cafifas que nos podiam vir acagibar. Quanto capital empatado e brevemente perdido! As fábricas!...”<sup>147</sup>.

Um elemento significativo na ampliação do espaço público e que interferiu nas relações sociais foi o bonde. Em 14 de novembro de 1909, saiu no Diário Oficial do Estado a autorização para o Intendente Raul C. Machado contratar novo serviço de viação pública para a cidade substituindo a tração animal pela elétrica. Porém, não foi contratado, pois o bonde elétrico só chegou a São Luís em 1924, no Governo de Godofredo Viana. Mesmo assim, a utilização do bonde de tração animal já garantia uma série de mudanças e conflitos significativos tanto no Maranhão quanto no Brasil. Maria Teresa Chaves Mello nos mostra, através do estudo de crônicas e revistas da época, como o bonde democratizou o espaço público no Rio de Janeiro da década de 1880. Não só o pai de família se utilizava do transporte público para ir ao trabalho, mas também, com a chegada do bonde elétrico, a mãe e as filhas e filhos usavam a novidade para explorar a rua com passeios e compras. Isso mudou consideravelmente a rotina do lar<sup>148</sup>.

A Revista Ilustrada trouxe uma charge que comunicava o feito de 13 de Maio com negros e brancos espremidos num bonde lotado indo para a Festa da Glória<sup>149</sup>. Nascimento Moraes observa bem como era inconveniente, para a elite branca, ter que dividir esse espaço com os negros libertos pela Abolição. Novamente, o personagem Zé Catraia ironiza o cotidiano de sua cidade e denuncia os abusos e hipocrisias da sociedade. Ele conta:

“... Eu tomo um bonde, compreende?... Os figurões vêm e sentam-se ao meu lado. Ora quem está aí? Pensam eles. – É o Zé Catraia, aquele sapateiro que se embriaga. – Eu faço que ronco... Eles começam a conversar... Se aqui houvesse uma casa de correção, a gente estava livre de encontrar no bonde, tipos sujos e indecentes como este desbriado”<sup>150</sup>.

São Luís foi uma das primeiras cidades a utilizar o serviço de bondes de tração animal, em 1872, quase que no mesmo período do Rio de Janeiro que inaugurou as primeiras linhas entre 1868 e 1872<sup>151</sup>. Mesmo com os problemas advindos da deterioração dos veículos, preço das passagens e falta de comodidade, além de que nas

---

<sup>147</sup> MORAES. *Vencidos e Degenerados*, p.89.

<sup>148</sup> MELLO. *A república consentida*, 2007.

<sup>149</sup> MELLO. *A república consentida*, p.66.

<sup>150</sup> MORAES. *Vencidos e Degenerados*, p.146-147.

<sup>151</sup> PAXECO. *Geografia do Maranhão* apud SOUSA. *A cidade em foco*, p. 58.



primeiras décadas do século XX, já não representavam o moderno, permitiam à população cruzar a cidade e ampliar sua área de sociabilidade.

As ações modernizadoras do ambiente urbano iam dando novos sentidos e sentimentos aos espaços públicos. Interferindo significativamente no comportamento e usufruto em relação a esses espaços. Nem sempre essas transformações tinham o apoio dos letrados, como podemos ler nessa crônica de Moraes sobre os efeitos da urbanização do Largo do Carmo:

“ principia hoje a festividade de Santa Filomena, especialmente commemorada na igreja de N. S. do Carmo, onde a santa tem um bonito altar, do lado esquerdo de quem entra. É uma das mais tradicionaes festas religiosas da Ilha de S. Luiz. Como a de N. S. dos Remedios, foi sempre concorrida por todas as classes sociaes, com entusiasmo, assiduidade e capricho. Antigamente se preparavam todos para gastar nellas economia de mezes... Nesse tempo a praça do Carmo, não era ainda de João Lisboa. Apresentava um esplendoroso aspecto na sua simplicidade, com as suas amendoeirias, a sua areia escura... Recordava o passado, dava ideia dos factos históricos que nella se desenrolavam, era fácil de recordar nella pedaços de nossa História politica, as nossas victorias e condemnações sociaes. A egreja... conservava a feitura antiga e o paredão [?] o qual outr’ora os partidos dominantes de nossa terra festejavam grottescamente a nossa independência política. A praça do Carmo era, na verdade, maranhense. A engenharia moderna ainda não a tinha transformado em praça ajardinada e acimentada, para nós leigos na matéria, em completa contraposição com o clima ardente que supportamos e com o ser a parte da praça, adro da egreja de N. S. do Carmo. Não há mais por onde o povo se derrame como outr’ora...” (*Altos e Baixos*. In: *A Imprensa* 10/08/1906).

Mais que um problema de circulação das pessoas pelo ambiente, para Moraes a reforma na praça apagou as lembranças marcadas na antiga paisagem do Largo do Carmo. Palco de tantas manifestações, o Largo sempre foi o principal ponto encontro dos moradores de São Luís, isso, a partir do desejo neo-ateniense de querer reviver as glórias passadas, o transformou num símbolo de ligação entre o passado e o presente. A praça é localiza-se no centro da principal área da cidade e serve de intersecção entre as ruas dos bairros antigos. É lá que a vida urbana é mais representativa e onde seus elementos mais diversos se combinam<sup>152</sup>.

Podemos perceber que, para os neo-atenienses, o futuro da cidade está, ou deve estar, diretamente ligado ao futuro das letras. Eles “escrevem” a cidade de modo a

---

<sup>152</sup> LOPES. *Uma região tropical*, p.106-107.

tornarem-se indispensáveis para seu progresso. A circulação de suas ideias nos jornais em que escreviam, o surgimento das instituições culturais como a Academia Maranhense de Letras e promoção de eventos e festas cívicas, daria visibilidade a essa íntima relação entre as letras e a cidade. Ela deveria ser devolvida ao seu lugar de capital ateniense e a proliferação tanto de seus escritos quanto das instituições culturais demarcam isso no espaço físico, no concreto e, principalmente, no imaginário da população. Eles pretendem, como diríamos com inspiração freyreana, que o corpo do progresso pensado e ordenado para essa cidade tenha uma alma literária<sup>153</sup>. Quanto a Nascimento Moraes, o que ele faz é escrever uma “esplendida reportagem sobre a cidade”<sup>154</sup>. Pois, além de tratar de assuntos que vão de regras gramaticais à política, observa o comportamento das pessoas de sua cidade, mistura-se a elas e aos novos problemas trazidos pelo modo de vida republicano para, enfim, conseguir enxergá-las por dentro. Os olhos de Moraes eram olhos de quem sabia das dores e das delícias dessa nova ordem.

A cidade de *Vencidos e Degenerados* é a configuração do desejo de Nascimento Moraes. Tratados de maneira realista, os sonhos e as decepções do escritor com a sociedade em que vive adquirem um tom ora agressivo, ora resignado. Sua crítica em relação à situação política, econômica, social e cultural em que se encontrava o Maranhão ganha corpo e fala a partir dos personagens que narra. A cidade na qual habitam os *vencidos* é um espaço de permanências que trazem sentimentos de orgulho, como a tradição literária que reforça, e de vergonha, como os preconceitos raciais e sociais, para o autor. Mas, sobretudo, é um espaço de resistência diante da exclusão e de vivências que trazem, para o urbano, ares de progresso e modernização.

---

<sup>153</sup> ARRAIS. *A capital da saudade*, p.85.

<sup>154</sup> PAMUK. *Istambul*, p.238.

## Capítulo 3

### A cidade dos vencidos

*“Eu não sei se você já notou  
Os reflexos do baile  
Desta cidade  
Sobre teus olhos  
Obstinadamente abertos.  
Eu não sei se você já sacou  
Peso pesado  
Deste tempo sobre teus sonhos  
Obstinadamente sonhos”  
(Reflexos do Baile- Petrócio Maia/Abel Silva)*

A investigação da obra *Vencidos e Degenerados* surgiu do desejo de ler a paisagem literária descrita por José do Nascimento Moraes buscando seus vínculos com a cidade. Procuramos, não aqueles que se constroem “naturalmente” pelo encontro obrigatório dos pés com o chão que os sustenta, mas aqueles que se dão no carinho intrínseco às preferências de ir por esta e não por aquela rua, de deixar-se demorar nas esquinas e nos pontos onde a cidade converte-se em espaço de aconchego para as conversas do dia a dia e das maledicências que animam o cotidiano; mas, principalmente, aqueles vínculos que a transformam em cúmplice de um projeto que é pessoal e também de toda uma geração literária.

Esclarecendo nossa intenção, recordamo-nos que, ao contar sobre a Istambul de sua infância e juventude impressa em suas memórias, o romancista turco Orhan Pamuk nos mostra como a memória que temos da cidade em que vivemos e mesmo de nossa vida podem ser modeladas por tantas outras histórias alheias às nossas lembranças, pois “da mesma forma que ficamos sabendo das nossas vidas por intermédio de outros, também deixamos que os outros acabem dando forma à nossa compreensão da cidade em que vivemos”<sup>155</sup>. É a partir dessa compreensão da força que determinadas narrativas têm sobre o tempo, o espaço e as vidas que se propõem lembrar que procuramos conhecer a cidade de São Luís do Maranhão, da virada do século XIX para o XX, que Nascimento Moraes pretende perpetuar com sua obra. Cidade que espelha medos, anseios e sonhos do autor, e que ora destoa, ora compartilha com os demais letrados de sua época.

---

<sup>155</sup> PAMUK. *Istambul*, p.16.

Em *Vencidos e Degenerados*, publicada em 1915 e escrita no período imediatamente anterior, ou seja, nos primeiros anos da República, temos um texto que não é prioritariamente impregnado do discurso médico-higienista norteando a caracterização da cidade. Comumente, neste período, era o olhar do médico e do engenheiro aliado às intervenções políticas de planejamento e reforma que delineavam o espaço urbano<sup>156</sup>. Entretanto, a São Luís do romance de Moraes era uma cidade que, mais que limpa, deveria ser literária. Literária e negra. As tensões e problemas apresentados na narrativa estão relacionados a essas duas condições. Primeiro, temos uma situação de decadência econômica que interfere no plano cultural e leva os neo-atenienses à exposição e problematização da crise maranhense sempre com um saudosismo pela literatura proeminente no século XIX. Isso já implica na adaptação da busca pelo progresso com elementos do passado e num entendimento de que só a literatura tirará o Maranhão da crise. Em segundo, temos em Moraes a apresentação de uma cidade marcada pelo preconceito racial, mas que é explicitamente negra, sendo essas permanências discriminatórias obstáculos para o desenvolvimento da mesma.

A ideia de “reclamação” sugerida no início desta pesquisa, para qualificar a impressão que o texto nos causa, encontra sua justificativa no pouco reconhecimento, tanto da terceira geração literária maranhense no cenário nacional quanto de Nascimento Moraes por sua condição de homem de cor na elite intelectual de sua terra. O autor queixa-se da inércia econômica e cultural e dos vícios e costumes remanescentes do período da Escravidão para, assim, reivindicar a consideração que lhe cabe. O livro é uma descrição e análise pormenorizada desse cotidiano pós Abolição ainda cheio de permanências. Como ratifica Jean-Yves Mérian, especialista na obra de Aluísio Azevedo, ao expressar sua opinião sobre o romance de Moraes na revista literária da Universidade da Alta Bretanha, *Nouvelles Études Luso-Brésiliennes*, cujo fragmento foi publicado nas terceira e quarta edições de *Vencidos e Degenerados* (1982 e 2000):

“graças a um estilo onde a vivacidade dos diálogos permite-nos apreciar certas descrições demasiado longas, o escritor faz-nos descobrir com realismo os mecanismos que animam esta sociedade conservadora, medíocre, impregnada de ideias racistas e de toda sorte de preconceitos. Aos que conheceram *O Mulato* a leitura de *Vencidos e Degenerados* traz a impressão de

---

<sup>156</sup> MATOS. *A cidade, a noite e o cronista*, p. 24.

um mundo já conhecido e também a concepção de um sentimento de impotência de uma cidade decadente que vive da lembrança da época em que era a terceira metrópole do Brasil. Certas passagens desta crônica da vida do Maranhão são verdadeiros documentos sociológicos”.

A cidade, portanto, é aquela que tem sua rotina pensada a partir das expectativas do 13 de Maio, quando a sua população de cor pode, finalmente, sonhar com alguma possibilidade para além do destino do cativo. Atrelado a isto, temos uma cidade que anseia por novamente figurar entre as mais cultas do Brasil. O reconhecimento literário é o objetivo maior de Nascimento Moraes e dos protagonistas da obra. Reconhecimento possível apenas se acompanhado das condições materiais e sociais cabíveis que também permitirão o desenvolvimento do potencial intelectual intrínseco, segundo seu discurso, a todos os maranhenses, independente da cor.

### **3.1. Sobreviventes de um cotidiano inglório**

A cena de abertura de *Vencidos e Degenerados* acontece na manhã de 13 de Maio de 1888. Muitas pessoas esperavam ansiosas pela confirmação da grande notícia da Abolição. Gente de todas as classes sociais, “desde o funcionário público e o homem de letras até artistas, operários livres, não faltando vagabundos e desclassificados”. Vários foram os preparativos que aguardavam apenas os sinais do telégrafo para principiarem as comemorações na casa de José Maria Maranhense. O primeiro personagem da trama “era um dos mais ardorosos e salientes cabos-de-guerra do abolicionismo” e membro do Clube Artístico Abolicionista<sup>157</sup>. A caracterização dos personagens na obra segue, geralmente, um mesmo padrão. Cor, tipo físico, profissão e seu grau de inclinação para o saber e as letras. No caso de Maranhense, que pelo sobrenome já encarna a representação do grosso da sociedade em questão, “era mulato... contava com quarenta e tantos anos, grisalho, gordo e simpático. Marceneiro de profissão e estudante nas horas vagas. Tinha decidido gosto pelas letras, pela ciência, por tudo enfim que fosse do domínio da inteligência”.<sup>158</sup> A falta de tempo para os estudos, o abolicionista compensava cultivando o espírito se relacionando com os literatos.

---

<sup>157</sup> MORAES. *Vencidos e Degenerados*, p. 27.

<sup>158</sup> MORAES. *Vencidos e Degenerados*, p. 32.

Os dois personagens principais, João Olivier e seu filho adotivo Cláudio Olivier, eram jornalistas. João “era mestiço e fora com dificuldade que se colocara na imprensa e se fizera guarda-livros de importante casa comercial. Era um cronista excelente e sustentava no jornal as graças e as louçanias do dizer castiço e vernáculo”.<sup>159</sup> Filho de uma branca, D. Rita, descendente de uma das mais ricas e orgulhosas famílias de Alcântara<sup>160</sup> e de um mulato também de linhagem aristocrática entre os negros daquela cidade, o cronista exaltava-se ao constatar que sua ascendência e sua inteligência pouco pesavam numa cidade cheia de tradicionalismos retrógrados onde a competência não garante espaço numa sociedade que ainda vive sob a égide de velhos costumes e que é marcada por preconceitos tanto sociais quanto raciais. Cláudio fora adotado pela família Olivier, mas era um mulato filho de dois ex-escravos. Herdou o amor às letras de João e seguiu seus passos nas lides jornalísticas e também dava aulas para completar o ordenado mensal.

Os pais biológicos de Cláudio são Domingos Daniel Aranha e Andreza Vital. Esta última ganhou a liberdade com o 13 de Maio. Era uma mulata alta, magra, séria e de atos comedidos. Aranha era um mulato alto de meia idade que trajava calça e camisa branca, chapéu de palha ordinária e não calçava (costume dos tempos de cativo). Todos conheciam-lhe a fama pela bravatas que constantemente praticava. Era capoeira. Inteligente e penetrante de espírito, passara a exercer grande influência sobre o ânimo de seu senhor, um homem covarde de índole má e perversa. Aranha “ria de sua fraqueza, pensava e refletia sobre ela, como quem resolve um problema filosófico”. Recebeu alforria em agradecimento quando aquele estava no leito de morte e não esboçou nenhuma emoção ao saber da notícia da liberdade. Assim que pôde foi para São Luís trabalhar como sapateiro, ofício que aprendera há muito tempo. Encontrou-se, nos caminhos da sobrevivência, com Olímpio Santos, um preto retinto alto e magro que trajava habitualmente fraque e colete preto. Também era sapateiro e trabalhavam, os dois, numa meia-morada da qual Olímpio era proprietário, lugar onde também

---

<sup>159</sup> MORAES. *Vencidos e Degenerados*, p.28.

<sup>160</sup> Alcântara, antiga aldeia de Tapuitapera, recebeu o atual nome ao ser elevada a vila e sede de capitania particular em 1648. “Foi por algum tempo... o segundo centro, e o mais polido e faustoso, da então província. Até meado do século passado (XIX), foi intermediária entre a capital e os municípios que se estendem a oeste do Golfo.” In: LOPES. *Uma região tropical*, p.103-104.

moravam. Era descendente de família *mina*<sup>161</sup> de quem herdara a casa e alguns contos de réis.

Os outros dois personagens de cor que dão vida às intenções de Nascimento Moraes e povoam a cidade de São Luís são Zé Catraia e João da Moda. O primeiro “tinha alguma coisa de orador popular. Quando falava unia a palavra ao gesto, rasgava demoradamente o vocábulo, tinha tons e semitons com que coloria as suas frases, que se não primavam pela pureza e precisão vernácula, não eram também amostras de idiotismo e mau gosto sintático”<sup>162</sup>. Zé Catraia é aquele que encarna o delator dos “vícios” e “maus costumes” da sociedade. Está em vários lugares da cidade, observando e emitindo juízos sobre o comportamento das pessoas. João da Moda era um mestiço que possuía uma casa que servia como ponto de encontro para poetas, músicos e escritores excluídos das rodas oficiais da intelectualidade ludovicense. Era considerado “a musa inspiradora de todos os degenerados e vencidos da vida”<sup>163</sup>.

Completando o elenco, temos o português João Machado, cujo apelido é *Paletó Queimado* devido a um episódio citado, porém, não explicado, dono de uma quitanda no beco conhecido como Travessa do Precipício, mas que, posteriormente, será um capitalista importante, um dos diretores do Banco Comercial e grande amigo de João Olivier desde que foi arrebatado pelas imagens que lhe produziram na alma o discurso deste no dia da Abolição.<sup>164</sup> A outra personagem feminina da obra de Moraes é Armênia Magalhães, filha do falecido Coronel Magalhães, comendador da Rosa e chefe de uma das famílias mais ricas do Maranhão. Sua família foi decaindo de da posição de opulência após a morte do pai, com sua riqueza sendo dissipada pelos irmãos, assim como o respeito que lhe dedicava a sociedade, principalmente os homens, quando, aparentemente indefesa, passou a resistir aos galanteios daqueles que, antes, pareciam ser, para ela, respeitáveis pais de família. Recebeu educação esmerada, era “versada nos autores clássicos e literatura contemporânea, seu espírito tinha cintilações

---

<sup>161</sup> Mina: denominação dada aos escravos procedentes da costa situada a leste do Castelo de São Jorge da Mina, no atual República do Gana, trazidos da região das hoje Repúblicas do Togo, Benin e da Nigéria, que eram conhecidos principalmente como negros mina-jejes e mina-nagôs In: VERGER. *Fluxo e Refluxo do tráfico de escravos entre o Golfo do Benin e a Bahia de Todos os Santos*, p.12.(Fonte:[http://dicionário.sensagent.com/tambor + de + mina /pt-pt/](http://dicionário.sensagent.com/tambor+de+mina/pt-pt/)).

<sup>162</sup> MORAES. *Vencidos e Degenerados*, p.45.

<sup>163</sup> MORAES. *Vencidos e Degenerados*, p.125.

<sup>164</sup> MORAES. *Vencidos e Degenerados*, p.60.

belíssimas”.<sup>165</sup> Escolheu Cláudio Olivier para amante no intuito de afrontar a sociedade que lhe fechou as portas.

É em torno desses personagens e seus coadjuvantes que se constrói o romance de Nascimento Moraes. A discussão deste item preocupa-se em entender a maneira escolhida pelo autor para elaborar a paisagem e problematizar o contexto da São Luís republicana. Observemos que, na obra, as duas mudanças políticas, a Abolição e a proclamação da República são a base para a reorganização do cenário da cidade. Contudo, somente a festa pela Abolição recebe destaque. Só ela é narrada com os pormenores da ansiedade e da comemoração. Depois de narrar os desdobramentos pós festa necessários para o andamento da trama, há um salto temporal para dois anos depois da chegada da República. Tempo suficiente para se perceber os efeitos que os dois fatos poderiam operar no cotidiano da cidade.

A primeira paisagem da cidade republicana, uma cidade já sem o trabalho escravo, de *Vencidos e Degenerados* localiza-se no Centro da cidade, mais precisamente, no bairro da Praia Grande, nas duas horas da tarde de um sábado onde “nota-se algum movimento no bairro comercial, o qual não é característico de vida próspera e feliz, mas clara denúncia de decadência e estagnação de elementos essenciais à atividade do trabalho”.<sup>166</sup> Essa apatia registrada pela literatura foi comum nas páginas dos jornais desde que findou-se a escravidão. Desde a oficialização do fato que os lavradores reclamam que o governo provincial parecia mostrar-se sem o direcionamento preciso para minorar o problema do campo que, conseqüentemente, afetava o comércio urbano. A falta de tais medidas do poder público tornava-se alvo de pedidos e críticas e as publicações nos periódicos da capital expressavam o sentimento dos proprietários:

“Qual é a razão do seu abatimento? Agradeçamo-lo à falta de iniciativas melhores ou medidas acertadas desde que foram desaparecendo da província os braços dos trabalhadores escravos que embarcavam em larga escala para o sul do império e não eram substituídos incontinenti por braços livres...” (Diário do Maranhão, 15/02/1889).

“A falta de leis repressoras da ociosidade e fomentadoras do trabalho e de medidas que deveriam ter precedido ou acompanhado a publicação da lei de 13 de Maio é sem dúvida a causa da desorganização do trabalho agrícola e de outros males, para debelar os quais conjuramos os poderes constituídos a quem cumpre velar pelo bem público e invocamos o auxílio da

---

<sup>165</sup> MORAES. *Vencidos e Degenerados*, p.132-135.

<sup>166</sup> MORAES. *Vencidos e Degenerados*, p.54.



Providência Divina”. (*Diário do Maranhão: Relatório da Associação Comercial, 25/01/1889*).

À falta de organização e iniciativa do governo soma-se o preconceito racial que impediu de elevar o liberto imediatamente à categoria de trabalhador livre qualificado. Esta situação reforçou o desencanto com o novo contexto econômico e social que tantas esperanças alimentou, como podemos perceber na expectativa de João Olivier logo após a libertação dos escravos quando diz que:

“a liberdade dos negros vem contribuir para o desenvolvimento desta terra infeliz, e dar-lhe novas forças, novos elementos, novos aspectos... esta fidalguia barata virá caindo aos poucos e o princípio de confraternidade virá acabar com estas supostas e falsas superioridades do ser, que tem sido um dos mais vis preconceitos da nossa existência política”<sup>167</sup>.

Aos negros libertos, os também posteriormente cidadãos de cor da República, coube o trabalho autônomo, sem vínculos empregatícios, fora dos custos de instrução do Estado, mas dentro das preocupações de ordenamento dos Códigos de Postura (1893) e Sanitário (1904). Aranha, Olímpio e Zé Catraia eram sapateiros, João da Moda, alfaiate, e Andreza trabalhava de aluguel, que consiste em alugar sua força de trabalho para afazeres diversos e, geralmente, domésticos ou de venda na rua. Só os Oliviers, João e Cláudio, com grau de instrução reconhecido oficialmente, eram empregados.

Ao pesquisar sobre a dinâmica do trabalho exercido no espaço da rua, antes e depois da Abolição, pelos negros, Paulo Roberto Pereira Câmara conclui que houve uma ressignificação das práticas sociais relacionadas ao mundo de trabalho ainda que a prática do aluguel de trabalhadores tenha sido uma permanência do período escravista. A grande quantidade de anúncios nos jornais da capital maranhense para a contratação de vendedores de rua demonstra uma alteração das relações entre aqueles que, outrora, eram senhor e escravo, isso porque os negros que antes eram postos para aluguel pelos seus senhores, para a realização de pequenos serviços urbanos, disponibilizavam, agora, a própria mão de obra disputando o mercado com toda a categoria de pobres livres<sup>168</sup>. Observamos que a alteração das relações não quer dizer uma transformação, pois o negro continuou na condição de subordinado de acordo com a afirmação de Sidney Chalhoub em passagem do capítulo anterior. A preocupação do governo agora era como

---

<sup>167</sup> MORAES. *Vencidos e Degenerados*, p.67.

<sup>168</sup> CÂMARA. *Trabalho e Rua*, 2008.

manter o controle social, a inibição do ócio. Isso se daria a partir da difusão do valor do trabalho<sup>169</sup>.

O papel da mulher negra e pobre nesse novo cenário onde se privilegia o uso do espaço público e se discute as resultantes das formas de trabalho, é bem significativo na obra de Nascimento Moraes. Andreza Vital, mãe de Cláudio Olivier, era amásia do Aranha, e também uma mulher livre e desimpedida. Morava de aluguel num cortiço, “no primeiro cubículo do lado direito do Beco do Precipício”. A proliferação de cortiços e habitações nos “baixos dos sobrados” trouxe inquietação para os defensores do padrão de civilidade e modernização característico da República. A convivência íntima dessas moradias de baixo nível com os sobrados que abrigavam as famílias da elite maranhense causava estranheza e preocupações de ordem médica e policial.

O não alargamento do perímetro urbano central gerou um déficit de moradias, situação semelhante à da Capital Federal na segunda metade do século XIX, o que resultou numa aplicação pelos higienistas do termo “cortiço” para designar toda moradia que fosse “imunda e apinhada de gente”<sup>170</sup>. Sobre os habitantes desses cortiços, um jornal maranhense esclarece que “os seus moradores, embora na maior parte representantes do sexo frágil, são de um gênio diabólico, por qualquer coisa chega-lhes a mostarda ao nariz e formam, por desfastio, o maior sarrilho, com todas as formalidades do ritual: palavrões, descomposturas e *tutti quanti*”<sup>171</sup>.

A cidade que Moraes escreve é envolvida por uma aura decadente, ambiente influenciador do destino de seus personagens. Andreza que era “séria e de atos comedidos”, com o tempo “degenerou-se” entregando-se “ao vício da embriaguez” e “dava escândalos amiúde”.<sup>172</sup> Tal situação não limitou-se apenas à mulher, a permanência ou a piora das condições de sobrevivência dos demais homens de cor no romance. Olímpio, o sapateiro com ares de aristocrata, perdeu a visão devido às péssimas condições de iluminação em que trabalhava fazendo serões e teve que vender a casa ao vizinho a quem devia dinheiro por causa dos empréstimos que tinha feito para pagar as décimas urbanas. Morava agora, ele e o Aranha, já alquebrado pelos anos, num “quarto muito úmido e escuro”. João Olivier falecera após voltar de Belém, cidade “para onde fora depois de alguns anos de ostracismo em sua terra”. De lá, sustentava a

---

<sup>169</sup> CHALHOUB. *Trabalho, lar e botequim*, 2001.

<sup>170</sup> CHALHOUB. *Cidade Febril*, p.88.

<sup>171</sup> PACOTILHA, São Luís, 31/01/1890 apud. CORREIA. *Nos fios da trama: quem é essa mulher?*, p.46.

<sup>172</sup> MORAES. *Vencidos e Degenerados*, p. 102.

família, pois, foi bem recebido e obteve o reconhecimento que lhe era negado em São Luís. Conseguiu boa colocação no comércio e na imprensa. Mas depois de um ano, atormentado pelas febres e doenças do fígado, retornou para “sucumbir numa manhã de abril, deixando a família e completa pobreza”<sup>173</sup>. Zé Catraia continuava em seu papel denunciador. A liberdade com a abolição não lhe trouxe maiores vantagens, já que gozava da confiança e do medo de seu senhor devido sua “inteligência pronta” e por conhecer a “vida de todo mundo, dos princípios obscuros de todos”<sup>174</sup>. Continuava a andar pela cidade, observando e criticando seus velhos hábitos, se intrometendo nos espaços que agora lhe eram permitidos para ironizar o desconforto que sua presença causava nos demais cidadãos.

Assim como João Olivier, Cláudio sofreu a perseguição de seus conterrâneos e depois de muito tentar viver de sua pena no torrão natalício teve, enfim, que se render ao destino de emigrado. A segunda geração da literatura maranhense, que tem como representantes Coelho Neto, os irmãos Arthur e Aluísio Azevedo, Graça Aranha, Raimundo Corrêa e outros, “conhecedora dos cenários particulares e das vicissitudes da ambiência provincial, e, ainda, ciente dos processos mais profundos definidores do deslocamento do eixo da consagração das carreiras políticas, acadêmicas, literárias e artísticas para o dinâmico eixo centro-sul”, migraram e souberam se inserir no debate nacional, deixando de assumir uma postura estritamente regional<sup>175</sup>.

Cláudio cumpre, então, o roteiro que lhe garantiria o reconhecimento tão desejado e depois de uma temporada no Amazonas passa por São Luís, para participar das comemorações em homenagem ao 15 de Novembro (já nos momentos finais do romance), indo em seguida em direção ao sul do país. Ainda que Cláudio, e o próprio João Olivier, lamente a falta de espaço na sua terra natal para o desenvolver pleno do seu talento intelectual, nos primeiros anos da República, o “Rio de Janeiro era o fascínio de todos os provincianos cujas condições de pecúnia ou de talento pudessem fundamentar a justa ambição de ver seu nome luzir nas altas rodas mundanas ou nas *cotteries* literárias da Capital”<sup>176</sup>.

A condição de *vencido*, palavra empregada por Moraes para qualificar os habitantes de sua cidade, se estabelece pela derrota das aspirações dos personagens

---

<sup>173</sup> MORAES. *Vencidos e Degenerados*, p.100.

<sup>174</sup> MORAES. *Vencidos e Degenerados*, p.46.

<sup>175</sup> MARTINS. *Operários da Saudade*, p.97-98 e BORRALHO. *A Athenas Equinocial*, 2009.

<sup>176</sup> MACHADO NETO. *A Estrutura Social da República das Letras*, p.62.

diante do horizonte de possibilidades que se abriu com a Abolição e a República. O termo liga-se claramente à adjetivação dos personagens de vida literária e artística, mas estende-se ao conjunto na medida em que sofrem da mesma falta de reconhecimento e preconceito em seu cotidiano. As reuniões na casa de João da Moda, frequentadas por todos os talentos excluídos da oficial intelectualidade maranhense, funcionam como a versão popular dos saraus e bailes das altas rodas sociais onde os poetas e escritores recebiam o batismo da vida literária. Antes de participar de tais reuniões, Cláudio é advertido de que ainda não era um maranhense intelectual, não era “nada, enfim”<sup>177</sup>.

A casa que abrigava as reuniões era, por todos que ali estavam, considerada um “refúgio dos desgraçados, dos perseguidos, dos vencidos da vida”. Discutiam literatura e proferiam discursos apaixonados e regados a vinho e música. Concluía que, embora deixados de fora dos salões da elite, eram adorados pelo povo. É esclarecedora a fala de Neiva, poeta amigo de Cláudio e quem o apresentou às reuniões de João da Moda. Ao referir-se às ruas do Norte, das Crioulas, ao Largo de Santiago, atual Fonte do Bispo, todos pertencentes ao Centro de São Luís, explica que:

“tudo quanto escrevemos, ali se lê e se estima. Arranjam música para os nossos versos e cantam-nos com amor e comoção... Não imaginas como esses rapazes a quem vulgarmente chamam trovadores de esquina, nos interpretam, nos traduzem e nos compreendem... E essas mocinhas pobres com que delicadeza, mesmo com que graça, ferem as cordas do violão, e desferem com o queixume na voz as mágoas de nossas comoções... E é preciso que te diga mais: não há poesia inspirada de nossos líricos moços que não cantem: passam em revista o Gonçalves Dias, o Castro Alves...”<sup>178</sup>

A partir desta passagem, entendemos que Moraes tinha a intenção não só de mostrar, mas de elaborar uma ideia na qual a cidade, na sua trivialidade, no seu cotidiano, no seu pulsar mais simples de sua vida diária era aquela que reconhecia e legitimava o talento de todos os seus literatos. Os limites que separavam as letras dos “eleitos” e dos “marginalizados” nas instituições oficiais desfaziam-se e as confundiam na alma da cidade.

### **3.2. Obrigação e diversão: os espaços e seus usos pelos novos cidadãos**

Tornar-se um cidadão implica na ideia de pertencimento à cidade. Relaciona-se ao uso do direito de pertencer; portanto, de ser ouvido, de opinar, de ter suas

<sup>177</sup> MORAES. *Vencidos e Degenerados*, p.114.

<sup>178</sup> MORAES. *Vencidos e Degenerados*, p.192-193.

necessidades atendidas. A cidadania é constituída perante a existência de um Estado e de uma determinada ordem que viabiliza o cumprimento de deveres e o usufruto de direitos. Contudo, os direitos e deveres não se limitam somente ao campo político. A cidadania também se constrói na esfera social colocando em pauta as condições de um viver bem na cidade. Questões de higiene, salubridade e lazer perpassam a construção da ideia de cidadão. Diante disso, observa-se que nem todos os indivíduos podem exercer essa cidadania, pois a muitos deles é negada a legitimidade no uso do espaço urbano<sup>179</sup>. Ou seja, são excluídos dos benefícios concedidos pelo Estado e das obrigações que ele impõe.

Após a Abolição e a Proclamação da República, os negros libertos passaram a fazer parte de um imenso grupo de livres pobres que figuravam como cidadãos de “segunda classe”. Tal condição representa uma continuidade da inferiorização da qual sofria o negro desde sua escravização e que o coloca sempre como o contraponto para a cidadania plena. Muito dessa representação excludente deveu-se à influência do jornal como meio difusor e construtor das “verdades” de um determinado período. O negro era sempre “o outro”, “o feio”, “o vilão”, “o sujo” na lógica do discurso dos brancos<sup>180</sup>. Sua inserção no mundo do trabalho livre trouxe para o Estado preocupações que adquiriam tons de uma grande “Cruzada”: era necessário livrar a cidade republicana do perigo do liberto sem ocupação. Era necessário que o trabalho ganhasse uma conotação positiva para que se realizasse o objetivo da ordenação, da vigilância, do enquadramento deste indivíduo<sup>181</sup>.

No Maranhão, a inserção do negro no mercado de trabalho também apresenta um caráter ordenador. Desde a Abolição, pode ser lida a preocupação da Associação Comercial e dos lavradores com essa mão de obra, e com o destino da economia do Estado que era sustentada por ela, nas páginas dos jornais da capital. Em São Luís, de acordo com artigo da época:

“... Não deve, portanto, haver a menor dúvida: os braços escravos, passados ao estado livre, será o continuador sustentáculo da lavoura da província... Se eles obedeciam a uma lei formulada pelo homem, a uma lei puramente convencional, que lhes determinava o trabalho, passarão a

---

<sup>179</sup> PESAVENTO. *Uma outra cidade*, 2001.

<sup>180</sup> SCHWARCZ. *Retrato em Branco e negro*, p. 248-249.

<sup>181</sup> CHALHOUB. *Trabalho, lar e botequim*, p. 48.

obedecer a uma outra mais poderosa de esfera superior: a da Natureza, donde precede a da – Fome.” (O PAIZ, 18/05/1888)

Embora existissem os que acreditavam numa imposição “natural” do homem para o trabalho, a grande maioria se desesperava com a transformação que a grande lavoura ia sofrendo e as fortunas que a sua crise ia dissipando devido à falta de braços para o trabalho. Os que não vislumbravam solução com o emprego do negro liberto, e por se considerarem os mais prejudicados com a lei Áurea, tratavam de expor a situação precária em que se encontrava a agricultura maranhense pela ociosidade dos escravos:

“A lavoura está completamente morta; os antigos estabelecimentos agrícolas foram abandonados pelos ‘novos cidadãos’ brasileiros, que vivem em grupos dispersos, praticando depredações por toda a parte em que passam. Não trabalham e nem têm necessidade de trabalhar... Os ex-proprietários de escravos, muitos chefes de numerosas famílias, vivem desgraçadamente pobres...” (*Diário do Maranhão*, 14/02/1889).

A falta de compromisso do Estado com a orientação dos libertos e as tentativas de resolver o problema a partir do incentivo à imigração estrangeira, vislumbrando também a “melhoria” da raça através da miscigenação que levasse ao “branqueamento”, agravou o problema. No Brasil, durante todo o processo abolicionista e, conseqüentemente, de transformação do trabalho, o setor urbano fez essa transição mais rapidamente e mostrou uma melhor tendência na adaptação às novas condições, devido a uma relação mais frequente do trabalhador livre com ofícios urbanos<sup>182</sup>.

Em *Vencidos e Degenerados*, na cidade de Nascimento Moraes, podemos perceber as dificuldades inerentes a essa questão. Como ele afirma em sua obra, a transição do trabalho escravo para o trabalho livre, e todas as mudanças que isso acarreta, deveriam ter ocorrido de maneira diversa, ou seja, significando uma “renovação social”, mas só se “os ex-escravos e seus filhos depressa aprendessem a ler e a escrever e muito cedo percebessem que coisa é essa que se chama direito político. Mas não abriram escolas ao povo, não procuraram matar o analfabetismo...”<sup>183</sup>. Novamente, nosso autor destaca a necessidade do saber como caminho para se alcançar o progresso. Contudo, isso não ocorre, e seus personagens engrossam a massa de trabalhadores livres autônomos que sem uma qualificação “oficial” vão fazendo o que

---

<sup>182</sup> COSTA. *Da Senzala à colônia*, p.189.

<sup>183</sup> MORAES. *Vencidos e Degenerado*, p.77.

sabem e o que podem para sobreviver. É através de Zé Catraia, ao traçar-lhe as linhas do seu trabalho e da sua inteligência, ao admirar sua capacidade de sobrevivente pilheriar a hipocrisia da sociedade em que vive, que o autor faz sua crítica à sorte desses homens:

“No seu abandono, desmerecimento, nada lhe molestava a alma, nem lhe lacerava o amor-próprio. Fazia horas de carregação que vendia aos quitandeiros e, quando, porventura, encontrava quem quisesse calçar bem, e lhe pedia uma obra acabada com gosto, ele que era bom artista, e por isso estava à altura dos tiques do ofício, sabia, como poucos, esmerar-se, e daquele biombo sujo, sem luz e quase sem ar, onde trabalhava e morava em companhia da mais completa desordem, saía uma obra que por dias e dias, andava de mão em mão admirada à farta. E note-se: no fundo escuro da sua miséria e do seu abandono não tinha inveja ao nome mais brilhante da terra, pelo talento ou pelo capital. Porque, hábil também ele o era, e ao capital dava soberanamente o maior desprezo”<sup>184</sup>.

Os anúncios de oferta de trabalho nos jornais permitem a visualização das atividades praticadas pelos cidadãos, de cor ou não. Muitos desses anúncios apresentam formas de trabalho denominadas de “alugada” ou “moleque”, o que, geralmente, se refere às atividades antes praticadas por escravos, havendo assim apenas uma ressignificação do mesmo trabalho para a ordem republicana. É interessante notar que as mudanças nas relações de trabalho após a Abolição não suscitaram no poder público o interesse em promover políticas de instrução e qualificação de todo o contingente de trabalhadores livres disponibilizados para o mercado, e sim a regularização das atividades onde esses indivíduos poderiam se inserir, demonstrando sua preocupação quanto a sujeição desse grupo às leis e à ordem. Temos, então, a aprovação da Lei n. 1467, de 28 de março de 1889, pela Assembleia Legislativa Provincial, que regularizava o serviço doméstico e exigia a matrícula daqueles que assumissem as funções nessa categoria enquadradas. Vejamos:

“Em observância ao disposto nas posturas municipais, (...) manda o exm. sr. Dr. Chefe de policia fazer publico, para conhecimento daquelles a quem possa interessar, que fica marcado o prazo de trinta dias, contados de hoje, para a matricula de todas as pessoas, de um e outro sexo, que tiverem ou tomarem, mediante salário, a occupação de moço de hotel, casa de pasto, hospedaria e botequim, de cozinheiro ou copeiro, cocheiro, hortelão ou de ama de leite, ama secca, lacaio e, em geral, a de qualquer trabalho domestico; cumprindo, portanto, aos que destinarem-se a taes serviços, vir a esta repartição inscrever-se dentro do dito prazo, convenientemente munidos

---

<sup>184</sup> MORAES. *Vencidos e Degenerados*, p.154-155.

da necessária caderneta cuja aquisição farão na secretaria da câmara municipal, onde serão fornecidas por mil réis cada uma”. (*Diário do Maranhão*, 22/05/1889) <sup>185</sup>.

Percebemos, dadas as condições oferecidas e as permanências sociais resultantes da mentalidade escravista, que muitos indivíduos de cor optaram por exercer a mesma atividade que exerciam quando cativos. Só que, a partir de agora, vendendo sua mão de obra. Muitos permaneceram nas atividades autônomas, pois eram a única maneira de sobreviverem. Assim como Zé Catraia, os personagens Aranha e Olímpio também trabalhavam “pelo ofício”, eram sapateiros com condições de trabalho iguais às suas péssimas condições de vida. Contudo, nem todos os trabalhadores da São Luís do romance exerciam suas atividades por necessidade. Havia aqueles que trabalhavam por vaidade. Moraes nos conta que “trabalhar por vaidade é um fato” que ninguém poderia, naqueles tempos, contestar.

“Não é por necessidade, nem por algum princípio de sadia moral que lhe caísse *nalma* e germinasse, como a semente que cai no terreno fértil. Não é nem por isso, nem por aquilo: há quem trabalhe só por vaidade... O indivíduo em geral chega aos dezesseis anos, aproximadamente; percebe com alguma admiração que os homens trabalham... Compreende e vê que os que trabalham são, em parte, recompensados; gastam e gozam certas vantagens na sociedade... e assim vendo e compreendendo, tendo ele pronunciada tendência para a vida que é mais material que de qualquer outra espécie, procura empregar-se conforme as suas tendências, no comércio ou no funcionalismo” <sup>186</sup>.

Os indivíduos dessa categoria de trabalhadores, diz Moraes, são os que pertencem às antigas famílias do Estado, ou seja, são os moços da elite que tratam o trabalho como fator de status, não precisando dele para sobreviver e, por isso mesmo, não o tratam com seriedade, não se empenham para o desenvolvimento pessoal e também da economia da cidade. Estão interessados em gastar o que ganham em festas, namoros e bailes. A outra categoria, a qual se refere na obra, são os que trabalham por necessidade. Estes, serão os “futuros guarda-livros, os empregados de escritórios, os gerentes das grandes casa comerciais”, porque, enquanto aqueles se distraem e deixam os serviço por folguedos, eles “pobres e sacrificados”, “procuram habilitar-se nas aulas noturnas, onde estudam as matérias que são precisas para lhes preparar o espírito para os mais importantes postos de sua profissão”<sup>187</sup>. Os que trabalham por vaidade, em contrapartida, serão os futuros patrões e capitalistas.

---

<sup>185</sup> CÂMARA. *Trabalho e Rua*, p.10.

<sup>186</sup> MORAES. *Vencidos e Degenerados*, p.55.

<sup>187</sup> MORAES. *Vencidos e Degenerados*, p.57.



Moraes, deste modo, critica os vícios de costume que associam a riqueza ao nascimento e não ao merecimento e esforço. Mais uma vez afirma que a única maneira de sair de uma condição de pobreza e sacrifício é o cultivo do conhecimento. Isso serve tanto para o indivíduo quanto para o Estado. E em relação àqueles que na têm nem nome nem instrução... Resta-lhes a sorte de sobreviver, sem perspectiva de futuro, um dia de cada vez. Porque “o operário vive nas trevas. Não há escolas para os filhos dos artistas, não há mesmo um estabelecimento de ensino gratuito para os desvalidos aprenderem as artes e os ofícios! De nada disso cura o governo. O analfabetismo cresce. O operário é ignorante”<sup>188</sup>.

Os ideais de civilidade, modernização e progresso que desde o século XIX inspiraram mudanças no “corpo e na alma”<sup>189</sup> da cidade promoveram uma transformação significativa no papel da mulher na sociedade, principalmente na República. A abertura dos salões para festas e saraus e os passeios públicos colocavam-nas em contato com as ideias e os ares modernos, e a instrução pública ou particular começou a prepará-las cada vez mais par o mundo do trabalho. Somado a isso, em São Luís na virada do século XIX para o XX, a instalação do parque fabril construiu um espaço de trabalho “marcado pela presença feminina”<sup>190</sup>.

Mesmo em contato com todas essas novas ideias, a maior parte das mulheres da elite ainda tinha como prioridade cumprir a missão de “filha, esposa e mãe”. A manutenção do lar e o bem estar da família ainda eram o alvo de sua preocupações. As reportagens das revistas da época reforçam e ilustram esse posicionamento. Vejamos um exemplo:

A mulher na família. A infância da mulher é a mais santa e a mais pura fase de sua existência: é quando ela é **virgem**. [...] Finalmente ela é a mulher, isto é, deixa de ser a virgem para chamar-se ‘**esposa e mãe**’, duplo qualitativo que lhe confere o mais elevado grau no importante ministério que lhe destinou na terra o Criador. (REVISTA ELEGANTE, de 30 de jun. de 1893, n.º 16, ano II)<sup>191</sup>.

---

<sup>188</sup> MORAES. *Vencidos e Degenerados*, p.209.

<sup>189</sup> “Empregamos a metáfora do corpo... para traduzir a estrutura material, as vias urbanas, o conjunto de espaços da cidade; a metáfora da alma, para designar a dimensão social que se diferenciava da materialidade: aquilo que... particularizava os desejos, o pensamento, o domínio da cultura, enfim.” In: ARRAIS [et al]. *O corpo e a alma da cidade*, p.13.

<sup>190</sup> CORREIA. *Nos fios da trama: quem é essa mulher?*, p.273.

<sup>191</sup> SALES. *Mulheres perfeitas*, 2007.

De acordo com Sidney Chalhoub, a principal ocupação das mulheres pobres do período em questão eram as atividades domésticas, seja na sua casa ou na casa de família onde se empregava, ainda que tenha conseguido espaço no comércio e nas fábricas<sup>192</sup>. Em *Vencidos e Degenerados* tece opiniões narra várias imagens desse cotidiano feminino como, por exemplo, a mulher pobre que “vivia numa casinhola de porta e janela, no Beco do Seminário, a engomar para sustentar o filho nos estudos”<sup>193</sup>; a irmã de João Olivier que auxiliava nas despesas de casa com sua costura; e Andreza Vital, com seus aluguéis que também ajudavam a manter a família que lhe criara o filho.

Quando se tratava de diversão, os ludovicenses também usufruíam de novidades. O teatro foi um espaço relevante para se desenvolver o sentimento e os hábitos do moderno em São Luís. As companhias estrangeiras que se apresentavam traziam novos modelos de comportamento, de vestuário que eram observados e interferiam na vida dos ludovicenses. O Teatro São Luiz promoveu novas formas de sociabilidade adequadas aos novos tempos e também incentivou uma maior visibilidade da mulher na vida pública. Nascimento Moraes ressalta a falta que faz a participação feminina na cultura maranhense quando de uma das passagens do Cinematógrafo Hervert pela capital. Na crônica do jornal *A Imprensa* ele escreve:

“Muitos dos festivaes artísticos e literários que nos são tão raros, deixam de ter o brilho e o encanto das que sabemos que fora do nosso meio se realizam, porque a mulher maranhense... não nos abrilhanta e illumina com a bellísimas fulgurações de sua intelligencia... Receiam todos uma coisa pueril e tola, a que chamam entre nós, para ridicularisá-la – crítica. (...) O Cinematógrafo Hervert trouxe uma nota original... fizeram que estreiasse agora... a intelligente senhorita – Mercedes Teixeira, filha do illustrado clínico que é nosso hóspede, dr. Antonio Alves Teixeira. (...) As nossas patrícias olham admiradas para essa alma corajosa de moça, que toca violino em orchestra, calma e serena, desembaraçada dos vexames que os grandes auditorios produzem, do acanhamento natural da idade, como um professor de longa prática. (...) Nossos cumprimentos a d. Mercedes Teixeira, digna certamente de ser imitada pelas nossas gentis e adoráveis patrícias” (*Pedras à Opinião*. In: *A Imprensa* 18/03/1907).

O Cinematógrafo Hervert era um dos cinemas ambulantes que passaram por São Luís entre 1898 e 1909, quando, enfim, foi instalada a primeira sala de cinema fixa da

---

<sup>192</sup> CHALHOUB. *Trabalho, lar e botequim*, p. 204.

<sup>193</sup> MORAES. *Vencidos e Degenerados*, p.104.

capital maranhense: o Cinema São Luiz em 31 de novembro de 1909<sup>194</sup>. Esses aparelhos de cinema ambulantes causavam grande movimentação quando chegavam às cidades. Eles passavam por muitas capitais do país e a euforia estava relacionava-se mais à novidade do “maquinário” que à exibição propriamente. No Recife, o cinematógrafo era, já na segunda metade do século XIX, “um dos mais concorridos meios de diversão das camadas médias”<sup>195</sup>. A apresentação das sessões de cinema em teatros de algumas cidades, como o São Luís e o Santa Isabel, aproximavam as classes mais populares de um ambiente frequentado, geralmente, pela elite.

Na capital maranhense, o Teatro, que nasceu União em 1817 e depois também passou a ser denominado São Luís, assim como o cinema, foi símbolo de refinamento e diferenciação social e tão relevante quanto as intervenções no espaço urbano no que diz respeito às novas práticas de sociabilidade. Hoje, o Teatro deixou de atender pelo nome da cidade foi rebatizado com o nome de Arthur Azevedo, o que demarca, mais uma vez, a íntima relação das letras maranhenses com o seu progresso. E até hoje, este símbolo da tradição cultural da cidade continua de pé, lindo, “podendo ser contemplado por quem caminha pela Rua do Sol, no centro de São Luís”<sup>196</sup>.

Em *Vencidos e Degenerados*, Nascimento Moraes nos permite ler como se movimenta ou como se comporta a cidade em dois espaços e momentos diferentes de festividades. As festas religiosas eram muito interessantes para se compreender a sociedade. Em São Luís, eram inúmeras, havia “para todos os gostos e devoções” e reuniam todos os grupos sociais, dos mais ricos aos mais populares. Era na rua e feita para os elementos que por ela circulavam. Os que não pertencem a esse espaço, ainda que nele estejam, tentam manter uma distância que os diferencie. Manifesta-se, assim, a alegria de experimentar o convívio com o diverso, da convivência com outros grupos sociais, mas também as tensões inerentes a essa diversidade. O Estado é ali representado sempre pela força policial, com a função de ordenar, de inibir e punir alterações, pois, “no cerne e no rastro das festas religiosas, de grande concorrência popular, se moviam,

---

<sup>194</sup> MATOS. *Ecos da modernidade*, p.33.

<sup>195</sup> ARRAIS. *Recife, Culturas e Confrontos*, p. 50.

<sup>196</sup> GOUVEIA NETO. *Ao som de pianos, flautas e rabecas...*, p. 74.

juntamente com as devoções, os perigos da cidade”<sup>197</sup>. Moraes narra com riqueza de detalhes a paisagem e o movimento que desencadeiam essas tensões:

“Domingo de Santa Severa.

Prolongaram-se, pela noite, como de costume, os festejos da tarde, aformoseados com a solene pompa deslumbrante do culto católico de São Pantaleão. Havia iluminação no adro que a mais e mais se enchia de gente – agradável promiscuidade de classe. A vida da festa, ruidosa, intensa, lucrativa e cativante começava a manifestar-se: animava-se a vozeria, movimentavam-se os botequins e as casas de sorte... Os fogos só se tocariam às onze horas, ou mais tarde. Por isso, muitas famílias se retiravam, acabada a reza... Outras, porém... pediam cadeiras nas casas vizinhas e se colocavam na parte superior do adro. Estas não tomam parte da festa, não riem, nem gracejam com todos: fazem rodinhas à porta, com seus conhecidos e como que apreciam a alegria do povo. Conhece-se à primeira vista que não são do bairro, e que ali se acham deslocadas... No adro de São Pantaleão, em dias de festas, não se encontram à ufa os leões da moda, os princípios da elegância e do bom tom. O bairro pode-se dizer que é da pobreza, e por isso é ela que se diverte nesses dias... A polícia é mal vista por lá, a cabroeira dos outros bairros também não é bem recebida e, assim, quando menos se espera, por causa de uma raparigota qualquer... a capoeiragem se desenfreia... Eram oito horas da noite e a enchente continuava. Cláudio passeava no adro (...) Junto a um armarinho em que se davam sortes a cem réis, deparou-se-lhe Andreza, a gritar com desespero pelo seu bilhete... Andreza gritava e insultava os circunstantes, empurrando-lhes violentamente... Aquilo chamou a atenção da ronda de polícia e quando um esbirro se lhe aproximou para a prender... Cláudio atirou-o, de golpe, a cinco passos de distância...”<sup>198</sup>.

Cláudio Olivier é um personagem que transita por todos os espaços da cidade escrita por Moraes. Ele é o filho de ex-escravos que foi adotado por um jornalista e, por causa disso recebeu educação esmerada, estudou e dedicou-se ao jornalismo e às letras. A grande amizade que João Machado nutria por João Olivier, pai adotivo de Cláudio, após sua morte, foi transferida a ele. Por isso, não poderia faltar à festa de aniversário de Doninha, filha de Machado. A festa era da elite, e toda ela esperava ansiosamente pela abertura dos salões da casa do português, como podemos constatar nesta passagem:

“O sobrado, na Rua da Palma, onde já morava Machado, de pesado e barroco estilo, apresentava bonita iluminação: gás a faltar. Candelabros de prata prontos e dispostos em todos os compartimentos principais. Machado era previdente... A aglomeração era extraordinária, à porta do sobrado: famílias,

---

<sup>197</sup> ARRAIS. *Recife, Culturas e Confrontos*, p. 122.

<sup>198</sup> MORAES. *Vencidos e Degenerados*, p. 94-96.

caixeiros, funcionários públicos e estudantes lá estavam em agradabilíssima conversação, formando rodas que se divertiam, a trocar ideias e comentários picantes. Os convidados chegavam pouco a pouco, a maior parte de carro. O pessoal do sereno cortava incessantemente na pele dos que entravam: falavam da moral e do físico, sob todos os aspectos e de todos os modos... Era a sociedade a bater com mão-de-ferro na própria sociedade; a família a despir ali a própria família do artifício e da compostura a si mesma imposta. O Machado não escapava à censura feroz e insaciável... Quando Cláudio se encaminhou para a porta do edifício as vergastadas esfuziaram terrivelmente atiradas... O *filho de Olivier* como lhe chamavam todos comprazia-se em observar os fatos e os vultos. Não lhe escapava um olhar, um sorriso, um incidente, por mais ligeiro e insignificante que fosse. Estudava e aprendia em tudo o que se passava em volta de si. As cenas de namoro e faceirismo, às vezes cheias de muito ridículo, grotescas, divertidas, cômicas, ficavam nítidas no seu espírito profundamente observador... Conhecia todos os que estavam ali e, pacientemente, classificava famílias e indivíduos pelo que representavam na sociedade e pelo que, de fato, valiam... Principia o baile por uma inebriante valsa de *Berger*... Cláudio dirigiu-se para a varanda onde ainda se jantava... Nesta festa, a maior parte dos rapazes do comércio; com alguma dificuldade se descobria um bacharel, um médico ou um engenheiro... o piano soou. Alguém tocava acordes dulcíssimos. Houve um rebuliço, como que alma nova infligira mais vida à sociedade, despertando sensações novas; e correu logo: - O Xavier Ribeiro vai declamar! O Machado pediu... - O Sr. Cláudio Olivier que nos diga alguma coisa! Vejamos se é como seu pai!...Cláudio colocou-se ao lado do piano e principiou com energia... Desconheciam-no. Não era um frequentador assíduo de festas e bailes...

Percebemos que as tensões que perpassam o espaço da elite são outras. Aqui, Moraes aproveita para tecer toda sua crítica aos costumes da sociedade ludovicense. Primeiro, ele deixa bem claro quem são os elementos que compõem ou que têm permissão para participar do seu círculo. Funcionários públicos, bacharéis, letrados, o pessoal do comércio e as famílias tradicionais. Tanta gente educada deveria contrastar com o ambiente de mesquinhas e falatórios, mas o que nosso autor deseja é escancarar-lhe as mazelas. Podemos ver as práticas que denotam elegância e requinte típicos dos salões europeus e das mais adiantadas capitais: a valsa de *Berger*, o piano, os recitais de poesia... Nada disso esconde os maus costumes e a hipocrisia observada atentamente por Cláudio Olivier. A questão da iluminação é um detalhe importante. Tanto na festa no adro de São Pantaleão quanto na casa do Machado, ela aparece como uma espécie de elemento importante para o prolongamento e o bom andamento das

festividades. Isso demonstra a preocupação de Moraes em dizer que tais fatores, como o serviço de iluminação eram necessários para o funcionamento do lazer na cidade.

Nascimento Moraes consegue aglutinar em seu romance aspectos do antigo e do moderno. Segue mantendo com coerência seu objetivo de mostrar os fatores do atraso e os da mudança. Elabora uma narrativa que possibilita a caracterização dos espaços da cidade a partir dos movimentos, dos usos e das relações de seus personagens.

### **3.3. Esquinas e varandas: as relações com os espaços público e privado**

Tanto a República quanto o novo século trouxeram uma série de transformações que vão além das questões relacionadas ao novo regime político e aos elementos de modernização. Entre essas mudanças encontramos uma significativa reorientação do olhar sobre as esferas pública e privada que estavam ligadas às expectativas de ampliação da cidadania que trariam a reboque melhorias na educação e nos serviços urbanos para um grupo maior da população, o que permitiria a circulação dessas pessoas por outros espaços. Com a facilidade na circulação no espaço público dos centros urbanos, como o maranhense, por exemplo, já podemos perceber um ambiente mais dinâmico nas duas primeiras décadas do regime republicano. Devemos observar, entretanto, que os conceitos, sentidos e práticas do público e do privado em relação ao espaço não são universais nem estáveis e, por isso, deve ser uma categoria historicizada na qual levamos em consideração as condições materiais, de experiências e subjetividade dos indivíduos que habitam e interagem nessas espacialidades<sup>199</sup>.

Diante disso, temos em São Luís, como fatores para as novas relações estabelecidas no público e no privado a inserção dos indivíduos libertos com o 13 de Maio numa nova categorização, a de cidadãos, e suas novas condições de trabalho, lazer e moradia, além dos sinais de modernização introduzidos no cenário urbano nesse contexto. Analisaremos as noções de público e privado na obra de Jose do Nascimento Moraes utilizando suas duas categorias correspondentes: a rua e a casa. E dentro dessas categorias, destacaremos dois espaços bem significativos para a discussão sobre significados de público e privado no romance. São elas: a esquina e a varanda.

---

<sup>199</sup> MATOS. *Cotidiano e Cultura*, 2002.

“A rua é generosa”, já escrevia João Paulo Barreto, ou para os íntimos leitores, João do Rio, numa crônica que bem pode ser tomada como um elogio, um canto em louvor desta que é a veia por onde corre a vida, o sangue da cidade. A generosidade da rua bem que poderia ser exaltada por nosso cronista por acolher bons e maus, pobres e ricos. Contudo, e, principalmente, tal louvor se justifica pela ousadia em abrigar e aplaudir o fraco, o infeliz, os “saltimbancos que, sem voz, rouquejam com fome para alegrá-la e para comer”<sup>200</sup>. Encontramos aqui o significado desse espaço tão bem explorado por Nascimento Moraes para o aplauso e a sobrevivência de sua literatura.

Moraes era, assim como João do Rio, um observador atento do seu cotidiano. As poucas transformações urbanas ocorridas no Maranhão nos primeiros anos da República não se tornaram motivo de acomodação para a escrita de nosso jornalista. Suas crônicas sobre literatura, política, sociedade ou simples amenidades representavam com muita atenção e cuidado o cotidiano da cidade e as relações de poder intrínsecas a ele.<sup>201</sup> Do mesmo modo, para a trama de *Vencidos e Degenerados*, recolhia “material” diariamente na cidade em que vivia a partir de sua observação, vivência, intenções e críticas às práticas políticas e sociais de sua época. Por isso é tão clara na leitura do romance a impressão de se estar diante, e daí o subtítulo, de uma “crônica maranhense”. Assim como nós, ele também era um leitor. Um “leitor especial” da cidade<sup>202</sup>. O que conseguimos ler no papel, ele lia nas ruas, nas praças, nas casas, nas conversas, na movimentação urbana. Condensa a experiência vivida “na expressão de uma sensibilidade feita texto”<sup>203</sup>.

O ideal de civilização, baseado no modelo europeu, foi perseguido pela elite imperial brasileira desde o início do século XIX; porém, a intensificação desse processo de transferência de valores e tecnologias se deu a partir da segunda metade dos Oitocentos. Ao chegar à República, com as transformações ocorridas com o fim da monarquia e da escravidão, o país conheceu um período de reacomodação de idéias e de espaços que irão possibilitar a construção de um novo conjunto de significados. Todas essas mudanças orientadas pelos discursos científicos, tanto de higiene pública quanto

---

<sup>200</sup> RIO. *A alma encantadora das ruas*, p. 26.

<sup>201</sup> Compartilhamos aqui a ideia de representação formulada por Chartier que dá atenção às estratégias simbólicas que ordenam a estrutura social e organiza as posições e relações dos indivíduos. CHARTIER. *O mundo como representação*. In: *À Beira da Falésia*, 2002.

<sup>202</sup> PESAVENTO. *Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano* : A historiadora designa como leitores especiais os fotógrafos, poetas, romancistas, cronistas e pintores da cidade.

<sup>203</sup> PESAVENTO. *O imaginário da cidade: versões literárias do urbano*, p.10.

de planejamento urbano passaram a ter prioridade no período republicano e fizeram interferências significativas nas esferas pública e privada. É a República que dá instiga e dá segurança para o homem ir à rua. Esse uso, porém, já era percebido desde o século XIX no Maranhão e em outras províncias do norte. Gilberto Freyre cita uma observação feita sobre o Recife, assim como sobre São Luís, que dizia que os homens viviam quase a tarde inteira na rua, pois os burgueses dos sobrados eram homens de praça, diferentemente da Bahia e do Rio de Janeiro, onde quase não saíam de casa<sup>204</sup>.

O espaço público de São Luís do início do século XX ainda contava com os mesmos elementos de fins do Império. O mesmo traçado das ruas, o bonde de tração animal, a iluminação a gás, o teatro São Luís, os becos e os casarões. São os valores republicanos junto aos novos cidadãos e as fábricas que irão permitir uma nova sensibilidade e uma nova organização em relação ao seu uso. A partir da lógica neo-ateniense de reviver o passado das glórias literárias atribuídas ao Maranhão e da paisagem construída em *Vencidos e Degenerados*, teremos um espaço público preparado para a difusão das letras. Não podemos entender essa cidade sem essa condição. O espaço vai, assim, se confundir com a ordem social, que, no caso específico dos letrados, se baseia na necessidade de institucionalizar e divulgar seu conhecimento.<sup>205</sup> O atraso ainda manifestado em São Luís encontra-se no negligenciamento da opinião e das ideias daqueles que têm a capacidade para pensar de maneira racional e positiva os motivos da crise. Essa ideia é manifestada no romance de maneira bem taxativa quando Moraes escreve que:

“Maranhenses ilustres, conhecedores de sua terra, do seu passado e do seu presente, sentem o estado mórbido dela, veem claramente o erro nunca visto por muita gente e, se a indignação se manifesta em suas palavras e em seus escritos, é por que sentem também o indiferentismo esmagador dos homens da governança, pelos óbices que entrevam as forças ativas de toda coletividade, e o desprezo que lhe votam, igual ao cuidado que egoisticamente se dispensam e aos amigos da grei, beneficiando-os”<sup>206</sup>.

Serão os letrados que, com seu conhecimento literário e científico, os responsáveis pelo fim da crise que se abate sobre o Estado. Além de sair em defesa do saber para a solução dos problemas, na obra, Moraes defendia os benefícios da

---

<sup>204</sup> FREYRE. *Sobrados e mucambos*, p.145.

<sup>205</sup> DaMATTA. *A casa & a rua*, p.28.

<sup>206</sup> MORAES. *Vencidos e Degenerados*, p.80.



mestiçagem. João Olivier bradava com orgulho sua condição apesar das perseguições sofridas dizendo: “Sou mestiço e prouvera Deus quem meu tipo fosse mais perfeito... Está terra é de mestiço”<sup>207</sup>. Vemos aqui, que as teorias sobre a degeneração mulata e a decadência tropical não recebiam reforço<sup>208</sup>. O estado decadente estava diretamente ligado à falta de instrução e à ausência de intelectuais no poder. A crise que ia se abatendo sobre a lavoura de agroexportação à medida que o elemento servil ia ganhando liberdade era resultado também, não da falta de braços, mas sim “porque em grande parte não entendiam de lavoura e de criação os que acudiam aos honrosos qualificativos de lavradores, agricultores e fazendeiros”<sup>209</sup>.

Em defesa da cor e da literatura, Nascimento Moraes narra, então, uma paisagem urbana republicana cuja dinâmica é composta basicamente por esses dois elementos. Enquanto ele se encarrega de mostrar o cidadão de cor, sua importância e suas lutas, nas ruas e casas de uma cidade escrita com intenção de se perpetuar, os neo-atenienses promovem uma demarcação física da ciência e da literatura no espaço urbano através da fundação de instituições e da circulação dos jornais. Como bem nos mostra Roberto DaMatta, essa demarcação do espaço não se dá por mero acaso, mas para estabelecer uma aliança entre o intérprete e o povo e “representa a possibilidade de emoldurar a vida social num sistema fixo de valores e poder”<sup>210</sup>.

As práticas que definem os espaços público e privado na São Luís transbordam as tensões existentes entre o Estado e a sociedade. A normatização dessas práticas, no período estudado, está vinculada prioritariamente às leis que determinam as posturas dos indivíduos e aos jornais que as orientam e denunciam. A imprensa aqui tem um duplo papel: da mesma maneira que “educa” o povo serve também de veículo de “pressão” em relação ao Estado, intermediando as necessidades da população e interferindo nas políticas públicas que aquele deve implementar<sup>211</sup>. O Código de Posturas de 1893, disposto na lei nº8, estabelece medidas que vão desde a proibição de lançar lixo nas ruas (Cap.X, Art.91) até a não permissão para se vagar bêbado pela cidade (Cap.XV, Art.120). Obviamente que pode haver uma eternidade entre o escrito e o praticado e essas intenções em manter a ordem e a limpeza para que o fluxo urbano se

---

<sup>207</sup> MORAES. *Vencidos e Degenerados*, p.93.

<sup>208</sup> VENTURA. *Estilo Tropical*; SCHWARCZ. *Retrato em branco e negro*.

<sup>209</sup> MORAES. *Vencidos e Degenerados*, p.81.

<sup>210</sup> DaMATTÁ. *A casa & a rua*, p.41.

<sup>211</sup> HABERMANS. *Mudança estrutural da esfera pública*, p.213-214.

fizesse sem “incômodos” nem sempre era alcançada. Nascimento Moraes também observava esses descompassos e sua narrativa é povoada de imagens a esse respeito. Ao elogiar a tranquilidade do bairro em que mora seu amigo Bento, Olivier ouve as reclamações do velho professor, pois, segundo ele, durante o dia os “quarteirões abrem apetite à gente, mas, à noite, Deus nos acuda! Esta quitanda aí da esquina põe em rebuliço a quadra! É um ponto de reunião dos peraltas e vagabundos desta cidade”<sup>212</sup>. Encontramos aqui um elemento significativo dentro do universo do espaço público na narrativa de Nascimento Moraes: a esquina. Esse ponto de cruzamento entre ruas serve de cenário para muitas ações dentro do romance.

Já sabemos do tipo de ampliação que sofreu o espaço público no começo do século XX, pela introdução de tecnologias e idéias que aumentaram as possibilidades de convívio cultural, de deslocamento e pela expansão crescente da imprensa. Isso não significa, entretanto, que o usufruto de tais possibilidades fosse estendido a toda a população<sup>213</sup>. O padrão de civilização importado pelas cidades brasileiras, muito mais que classificar os indivíduos entre ricos e pobres, os dividia entre desejados e indesejados para viver na cidade moderna, limpa e civilizada. As tensões advindas com esse novo projeto de expansão urbana trouxeram consigo uma capacidade para os diferentes grupos de criarem e recriarem suas realidades de modo a adequarem-se nesse conjunto urbano que se modernizava e seduzia toda a população com seus novos estímulos.

A rua passa a ser vista como sinônimo de liberdade, mas também de perigo. O anonimato que lhe permite agir dentro de sua própria lógica a partir dos caminhos que lhe são oferecidos, o deixa exposto à tensão e aos perigos dessas escolhas. O anonimato, a falta de uma identidade individual, por sua vez, mistura os indivíduos que passam a ser classificados por estereótipos sociais ou raciais que os homogeneízam. Em contrapartida, a casa passa a ser vista como ponto de referência do homem no mundo, lugar no qual o indivíduo experimenta sensação de paz e segurança, e ganha uma identidade<sup>214</sup>. Desde o século XIX alimenta-se, no Brasil essa relação da rua com o perigo. Viajantes estrangeiros relatavam suas impressões sobre como a falta de ação da polícia deixava um número grande de vagabundos perambularem pelas ruas e “todas as

---

<sup>212</sup> MORAES. *Vencidos e Degenerados*, p.86.

<sup>213</sup> SEVCENKO. *O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso*, p.30.

<sup>214</sup> BOLLNOW. *O homem e o espaço*, 2008.

espécies de indigentes faziam ponto”. Ainda hoje relacionamos à rua esse movimento tenso e ameaçador, um “local onde as pessoas podem ser confundidas com indigentes e tomadas pelo que não são”. As pessoas não querem ficar à mercê da sensação de “ninguém ser de ninguém” que a rua oferece<sup>215</sup>. Com as melhorias urbanas e a ampliação do uso do espaço público, e a presença dos novos cidadãos, as pessoas que antes se restringiam ao espaço doméstico, da casa, querem, agora, entrar em contato com as novidades das largas avenidas, dos passeios públicos, dos bondes, das praças iluminadas, mas sentem, porém, a necessidade de se construírem barreiras que não permitam que as pessoas elegantes se misturem com a gentilha.

A esquina é mostrada como o ponto de observação preferido de Moraes. Lá, seus personagens se “abrigam” para observar a vida que segue seu curso, discutir a vida alheia e apontar seus defeitos. Assim gostava de fazer nosso ilustre João Olivier: “Ele saiu caminhando pela Rua do Trapiche abaixo... E foi seguindo até a esquina da rua com o beco que vai ter à Rampa Campos Melo. Aí parou, apoiando-se com o chapéu, que a mão direita segurava, e metendo a esquerda no bolso da calça lançou um olhar observador em derredor...”<sup>216</sup>. Zé Catraia utilizava-se deste “ponto estratégico” para conhecer os pormenores do cotidiano ludovicense, assim contava a Cláudio Olivier:

“- Pois bem, eu sou Zé Catraia. Sabe disso? Ora, quem dá importância ao Zé Catraia? Ninguém! Um bêbado que anda escorado pelas esquinas... um pobre diabo... como dizem os senhores que conhecem os termos da língua. Mas ah! É puro engano!... Eu tenho uma cabeça... Sabe o que me falta? É cultura... Mas... como eu ia lhe dizendo... Eu me encosto à esquina e ouço a conversa dos cabeçudos...”<sup>217</sup>.

Nosso ilustre orador popular do romance de Moraes, ao mesmo tempo que critica a inferiorização social que lhe é atribuída, tira proveito dela para munir-se de informações sobre as mazelas da sociedade em que vive. A associação do espaço público com a ameaça, não se trata apenas do risco do indivíduo sofrer constrangimentos físicos, mas também de estar sujeito a tudo aquilo que o violento em sua imagem e em sua moral, pois “o espaço externo é o espaço da atividade no mundo,

---

<sup>215</sup> DaMATTÁ. *A casa & a rua*, p. 54-55.

<sup>216</sup> MORAES. *Vencidos e Degenerados*, p.58.

<sup>217</sup> MORAES. *Vencidos e Degenerados*, p. 146.

em que se tem constantemente de superar resistências, e armar-se diante do oponente; é o espaço do desabrigo, dos perigos e da exposição”<sup>218</sup>.

A esquina tornava-se a própria ameaça para os transeuntes. Ou melhor, as pessoas que nela se postavam transformavam-se em “inquisidores” dos que por ela passavam. Risos, pilhérias ou simples olhares curiosos dos que as habitavam momentaneamente podiam significar toda sorte de constrangimentos para os que por ali passavam. Logo no início da trama vislumbramos seu destino, já que “nas esquinas com a Rua do Monteiro, em frente da casa de Maranhense, populares comentavam os boatos e notavam os que entravam e os que saíam daquela formidável assembleia em que se reuniam tão variados elementos”<sup>219</sup>. O próprio Zé Catraia confessa o uso preferido que faz deste espaço, ele, “um tipo muito ébrio... Vendo o coronel [que estava à janela], pára bem na esquina... num cumprimento rasgado: - Coronel Barreiros! Respeitável capitalista... O coronel Barreiros, rápido, sai da janela... Zé Catraia ficara no canto, a resmungar quase entre dentes: - Se tu não corres, eu te dizia duas verdades e meia”<sup>220</sup>. Estes são exemplos interessantes da apropriação, dos diferentes significados que as práticas imprimem aos espaços.

Na cidade de *Vencidos de Degenerados*, a iluminação pública a gás trouxe uma modificação nas noções de tempo e no uso dos espaços durante a noite. As festas prolongavam-se noite adentro e as praças e ruas viam movimento até mais tarde. E as esquinas, cenário público que destacamos aqui, de dia ou de noite, é utilizado por personagens de todos os grupos com uma liberdade e intimidade interessantes. O ponto onde ocorrem mais encontros, discussões ou apenas um deixar-se ficar, sozinho, para observação. Imagens que reforçam nosso entendimento sobre a vida de nosso autor com seus passeios diários pelas ruas da capital maranhense que o colocavam em contato com os problemas e costumes de sua época, e seus escritos literários e jornalísticos são frutos dessa relação.

A sensação de abrigo, o ato de habitar, atribuída à casa, passa pela proteção confiável que esta proporciona tanto no que diz respeito às intempéries da natureza quanto à aproximação de pessoas estranhas que interrompam essa tranquilidade construída na relação com esse espaço. Observamos que, ao tratar do cotidiano de

---

<sup>218</sup> BOLLNOW. *O homem e o espaço*, p. 139.

<sup>219</sup> MORAES. *Vencidos e Degenerados*, p. 28.

<sup>220</sup> MORAES. *Vencidos e Degenerados*, p.155.

grupos mais populares, o texto de Moraes deixa claro o uso da moradia tanto para o descanso quanto para o trabalho. Para começar a ilustrar nossa discussão sobre o âmbito privado, peçamos a ajuda ao português João Machado, de *Vencidos e Degenerados*, no tempo ainda não se importava que o chamassem de Paletó Queimado e possuía uma taverna no Beco do Precipício:

“... E lembrando-se de fechar a taverna, o que começou a fazer pela porta em que se achava [disse, referindo-se aos negros que estavam bêbados]: - Antes que voltem com arrelia, o melhor é que me vá... E dá-se-lhe! Nem a patrulha do costume nem nada!...

O taverneiro se domiciliara mesmo no estabelecimento. A pedaço esmurravam-lhe a valer as portas; bradavam-lhe o nome e inúmeros apelidos e obscenidades. Ele saboreando um amarelo cigarro muito ordinário e barato, deitado numa rede... aplicara o ouvido para não perder um som, uma palavra. Só se levantaria se lhe pusessem as portas adentro.”<sup>221</sup>.

Essa falta de tranquilidade vivenciada pelo taverneiro dentro da própria “casa” também era compartilhada pelos grupos mais carentes de várias cidades, tensões impostas inclusive pelo poder público. Nicolau Sevcenko analisa o processo de urbanização no Rio de Janeiro, à época da chamada Regeneração, ou seja, das reformas urbanas implementadas por Pereira Passos, no início do século XX, e mostra como o espaço privado dessas camadas mais baixas foi sendo retraído devido à nova política urbana, pois “os expunha à intromissão abrupta e ameaçadora da autoridade a qualquer hora e em qualquer lugar”<sup>222</sup>. A Revolta da Vacina foi um episódio que exemplifica bem a reação dos populares ao projeto civilizatório que “empurrava” os indesejados para fora dos círculos “saudáveis” da cidade e os arrancava de dentro de seus lares. Tanto no romance de Moraes quanto na Capital Federal, a “insegurança” do ambiente privado se instalava em nome dos valores dos novos tempos.

Como bem explica Roberto DaMatta, “ser posto pra fora de casa” traz um sentimento de desamparo sem consolo, pois significa que estamos “sendo privados de um tipo de espaço marcado pela familiaridade e hospitalidade perpétuas que tipificam aquilo que chamamos de ‘amor’”<sup>223</sup>. As situações que se estabelecem em casa tem por princípio a harmonização das relações. E no contexto da São Luís de Moraes, o espaço a que mais se atribui esse sentimento de “carinho” e “consideração” é a varanda.

---

<sup>221</sup> MORAES. *Vencidos e Degenerados*, p.44.

<sup>222</sup> SEVCENKO. *A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio*, p.544.

<sup>223</sup> DaMATTA, *A casa & a rua*, p.50.

As transformações da arquitetura urbana ocorrida durante o século XIX, principalmente após a vinda da Família Real Portuguesa para o Brasil, trouxeram mudanças no estilo e nos hábitos da vida doméstica. A presença da Corte imbuiu uma preocupação em relação ao comportamento em público e a curiosidade das pessoas diminuiu, mesmo que de modo sutil, a distância entre a casa e a rua. Um elemento da arquitetura que sofreu alteração e que também contribuiu para essa aproximação foi a varanda. A substituição das rótulas por vidro, aliada aos melhoramentos urbanos, diminuiu o sentimento de hostilidade causado pela rua. Há, contudo, dois tipos de varanda, uma voltada para o lado de fora, uma sacada que assume a condição de posto de vigília ou de exposição da família, um espaço de transição entre o público e o privado; e outra que é voltada para o lado de dentro da casa, para o quintal, que é uma espécie de sala para o viver íntimo da família. Nas casas térreas havia apenas a varanda voltada para o quintal e essa área assumia um caráter ainda mais privativo, pois muitas vezes os espaços da frente eram reservados ao comércio<sup>224</sup>.

Maria Cecília Homem (1996) distinguiu as habitações paulistanas pela superposição ou especialização de funções num ambiente. As casas da população de baixa renda ficavam num extremo da escala e o palacete em outro, tendo, este último, um espaço para cada função. Em São Luís do Maranhão, a varanda do lado de dentro da casa assume, geralmente, a função de sala de jantar. Esse ambiente que denota intimidade, tranquilidade e aconchego se faz presente durante toda a narrativa de *Vencidos e Degenerados*, não apenas ilustrando os espaços das casas dos personagens, mas identificando os tipos de relações que se estabelecem entre eles. Ou seja, é um cômodo cujo uso demonstra bem as práticas que garantem privacidade e uma sociabilidade íntima no contexto ludovicense. Assim como no palacete e na casa média em São Paulo, a sala de jantar assume a função aglutinadora do viver familiar das camadas média e alta também de São Luís. Vejamos dois exemplos de como esse espaço aparece no romance:

[João Machado] “tornou-se mais íntimo e a família acostumou-se àquela cara e, por último, já lhe não era preciso bater palmas, ele ia varando corredor adentro, com um simples - com licença - que não esperava resposta. Deixou de ser recebido na sala e passou a ser amigo da varanda. Era como se pertencesse à família”<sup>225</sup>.

---

<sup>224</sup> BRANDÃO [et al]. *O modo de vida oito-novecentista visto da varanda*, 2008.

<sup>225</sup> MORAES. *Vencidos e Degenerados*, p.69.

“Pagas as dívidas, ainda lhe sobrariam boas pelegas para acudir algumas compras necessárias.

– Um horror esta vida! – exclamou ele [João Olivier] em casa, fazendo as contas na varanda, depois do jantar, cercado dos seus”<sup>226</sup>.

O ato de receber na varanda denotava intimidade e confiança para com o visitante, e mesmo em dias de festa, este espaço servia de qualificador dos convivas presentes. Roger-Henri Guerrand<sup>227</sup> mostra a utilização da sala de jantar, em Paris, como um espaço importante para a sociabilidade familiar, mas que durante o século XIX vai perdendo seu caráter íntimo e torna-se muito mais um local para o oferecimento de espetáculos que demonstrem o requinte da família para a sociedade. Nascimento Moraes descreve a sala como um ambiente intermediário entre a rua e os espaços mais íntimos da casa e que somente as camadas médias e a elite conseguiam construir as relações de tranquilidade permitidas pela divisão espacial da casa. A população pobre e os negros libertos viviam em cortiços e cubículos apertados que, muitas das vezes, as funções exercidas neles tinham por separação apenas o horário.

Se a casa não se torna sinônimo de privacidade, a vida privada desses grupos adquire outro significado. Antoine Prost<sup>228</sup> analisa essa flexibilidade da noção de privado no período inicial do século XX, na França, quando as fronteiras que o separam do público impõem-se mais significativamente. Ressaltando, contudo, que, se inicialmente, a vida privada era um privilégio da classe burguesa, as camadas populares construía uma privacidade que ultrapassava barreiras físicas.

Pensar o espaço dentro da sociedade, a partir de seus movimentos, de sua subjetividade, do domínio do simbólico, torna o processo de construção do saber histórico muito mais dinâmico e rico. Quando Bernard Lepetit, em seus trabalhos retira um pouco a análise da cidade moderna de dentro de categorias ou estruturas já estabelecidas nos ajuda a perceber as mudanças a partir das ações dos atores sociais e entender os espaços dentro dos significados que adquirem com esse movimento, com essa subjetividade<sup>229</sup>. O sentido é dado pelas práticas. Por isso, trabalhamos na perspectiva de uma modernização do espaço urbano ludovicense, ainda que suas

---

<sup>226</sup> MORAES. *Vencidos e Degenerados*, p.89.

<sup>227</sup> GUERRAND. *Espaços Privados*, 1991.

<sup>228</sup> PROST. *Fronteiras e espaços do privado*, 1992.

<sup>229</sup> LEPETIT. *Por uma nova história urbana*, 2001.

estruturas físicas não sofram alterações significativas para o ideal concretizado com as reformas urbanas de muitas capitais na transição do século XIX para o XX, a partir dessa mudança de atitude diante do urbano. É principalmente a renovação dos códigos de comportamento que trazem o progresso para a capital maranhense.

O que nos chama atenção na obra de Nascimento Moraes é que as transformações trazidas pela República, as ideias, as aspirações e os valores compartilhados pelos intelectuais de seu tempo são diluídos num discurso que tem o objetivo claro de denunciar as mazelas sociais de sua gente. Os vencidos a que ele se refere são os que sofreram a derrota das expectativas, aqueles que não conseguiram “ganhar” com as mudanças do novo regime, ou seja, todos aqueles que não puderam usufruir das promessas feitas pelos porta-vozes do progresso. O autor nos mostra uma modernização pensada, sonhada para sua terra através do discurso científico e literário, com a presença daqueles que representam esse saber. Elabora uma problematização apurada das “faltas” para mostrar o caminho a ser seguido.

O personagem Cláudio Olivier, com uma percepção tão apurada quanto a de seu pai adotivo, o ilustre jornalista João Olivier, sintetiza a situação de crise econômica e atraso cultural quando, num canto, observa o comportamento dessa sociedade. E assim reflete:

“ o que se passava nos bailes, princípios de rotina, nos quais se prendia a sociedade em que ele vivia; antigos defeitos de educação, vícios e hábitos inveterados de um meio que não se modifica, os quais, a despeito da transformação de caráter radical que vai se operando em todo o país, persistem e resistem à ação do progresso e da civilização”<sup>230</sup>

Esse não desligamento em relação ao passado, essa atmosfera de decadência econômica, assim como a precariedade dos serviços urbanos, essa falta de educação para a maioria da população, denunciadas em *Vencidos e Degenerados*, convivem com as transformações sutis que os novos tempos trouxeram e que interferem diretamente no comportamento dos indivíduos.

---

<sup>230</sup> MORAES. *Vencidos e Degenerados*, p.159.



## Considerações Finais

*“Era uma cidade coalhada com as ruínas da grande queda, mas era a cidade deles...”*  
(Orhan Pamuk. In: *Istambul*).

Nas mil e uma vezes que folheamos nosso exemplar de *Vencidos e Degenerados* em busca de respostas sobre a cidade de São Luís do Maranhão nas Primeira República, dentre todos os questionamentos sobre espaços públicos, privados, de lazer, de trabalho, de saudade, de desejos... Uma questão nunca deixou de assombrar as possíveis “verdades” que gostaríamos de coerentemente sugerir: Qual a verdade do texto de Moraes? A pergunta referia-se aos sentimentos que se misturavam às letras e ao ato da escrita enquanto Moraes o redigia. Aqueles sentimentos que impregnam o texto de silêncios grávidos de quererem que precedem cada palavra. As possibilidades de respostas são infinitas. Diante da questão, uma coisa sempre soubemos certa: enquanto líamos *Vencidos e Degenerados*, o autor estava lá, sempre à espreita, seja nas alegrias que sentíamos ao tomar contato com a prosa animada, seja nas dificuldades da leitura daquilo que queríamos enxergar naquelas linhas. E neste momento, neste em que a leitura é compartilhada e que poderá ser incansavelmente retomada, é que o autor adquire a sonhada imortalidade. Para isso serve a Literatura, assim como a História. E o que Nascimento Moraes e os neo-atenienses queriam era, que a partir da primeira, pudessem fazer parte desta última.

A cidade de *Vencidos e Degenerados* é o cenário que abriga as opiniões e verdades de Moraes, mas também é um personagem. Personagem para o qual cria todo um conjunto de vivências e relações para que lhe façam companhia, pois ao final é a cidade que responde às suas expectativas. E foi tentando ler os sentidos do corpo e da alma desse espaço-personagem criado pela narrativa do autor, que pudemos perceber toda a movimentação de desejos e ideias que nele foram inseridos. O desejo de Moraes é o mesmo dos demais intelectuais de sua geração: reconhecimento. Ao tomar parte no projeto dos Novos Atenienses, ele espera conseguir “salvar” o Maranhão da letargia econômica e cultural que parece condená-lo, e aos que lá estão, ao esquecimento.

O período em que são tomadas as iniciativas para fazer brilhar, novamente, a Atenas Brasileira, é o início da República e coincide com a fase de implementação de grandes projetos urbanísticos por todo o país sob a inspiração do Rio de Janeiro de

Pereira Passos. Os letrados neo-atenienses começam a trabalhar em métodos científicos e narrativas literárias que ajudem a discutir e solucionar os problemas do Estado e da capital maranhense. É nesse contexto que veio à luz *Vencidos e Degenerados*.

Assim como todos de sua geração, Moraes possuía um desejo de ver sua terra prosperar, para que seu discurso ganhasse autoridade quando o Maranhão voltasse a ser rico e fértil. Por isso, a ideia de decadência econômica e cultural é o primeiro elemento a ser discutido e os neo-atenienses irão reafirmar esse discurso para que se façam notar. Almejam a responsabilidade, com suas ações e seus estudos, pelo fim da crise. E nosso autor irá reforçar essa ideia de decadência escrevendo um romance sobre uma cidade povoada de vencidos e degenerados. Ele conduz o leitor pelas mazelas sociais e pela competência literária da capital em que vivem seus personagens.

Somados às intenções neo-atenienses, teremos as medidas do governo do Estado para adequar a cidade aos padrões de higiene e saúde. A contratação de um engenheiro e um médico para a elaboração de relatórios sobre as condições da estrutura sanitária urbana vai reforçar o discurso de modernização e aumentar as esperanças, porém, pouco saiu do papel, pouco foi feito em relação a rede de esgotos, distribuição de água e sobre a limpeza pública. A maior parte desses serviços restringia-se aos bairros ocupados pelas camadas mais ricas da sociedade.

Ainda que as reformas tenham sido tímidas, durante o recorte temporal desta pesquisa, muitos foram os elementos fomentadores de novo hábitos: o melhoramento nos passeios públicos, os bondes puxado a burro, o teatro, os cinematógrafos e o cinema. Estes recursos da vida urbana convidavam as pessoas a sair de casa, a circular e permanecer mais tempo na rua. Essas novas sociabilidades tiveram influência significativa na educação e no comportamento feminino. Os jornais e revistas também assumiam uma função educativa no que se refere aos novos valores. Percebemos que Nascimento Moraes estava atento a essas novidades, seus efeitos na cidade e as tensões provocadas por elas quando classes sociais diferentes se encontravam dividindo um mesmo espaço.

Ao observarmos os elementos que o autor privilegiou em seu texto, percebemos que ele quer que a cidade reconheça a importância de se comemorar o melhor dos direitos, ou seja, a liberdade. É nela e a partir dela que se fundamentam todas as esperanças de progresso material e social. Contudo, com o decorrer da narrativa, as

possibilidades de desenvolvimento do indivíduo livre esbarram em antigos preconceitos que não conseguiram morrer com o Império. Como seguir em frente quando se está preso ao passado? Nascimento Moraes consegue dar resposta a essa questão. Em sua narrativa ele constrói uma cidade que convive com a saudade do passado, do passado que lhe convém, o das glórias literárias, e que só reconhece um futuro promissor se de acordo com as novas ideias de progresso e, principalmente, a partir do cultivo do saber.

A história do autor se confunde com a da obra, pois as querelas literárias nas quais se envolvia e o preconceito contra o qual lutava por ser negro perpassa toda a trama do romance. A primeira questão a ser destacada é que a cidade de *Vencidos e Degenerados* é uma cidade de negros. Moraes os diferencia social e culturalmente, mas os aproxima naquilo que é o objetivo de seu discurso: todos sofrem preconceitos por sua condição racial. E se no final da trama o cenário de crise urbana e social ainda é o mesmo, isto se deve ao fato de que não se consegue alcançar as portas do progresso cultivando vícios, maus costumes e preconceitos. As relações que esses personagens estabelecem entre si e com os espaços da cidade nos permite perceber que, ainda que livres, estão atrelados a situações de exclusão semelhantes as que viviam quando cativos.

Cada um deles sofre às discriminações próprias ao seu círculo de vivência. São eles os moradores dos cortiços, os que trabalham no mesmo espaço em que moram e que participam de festas onde a presença do Estado se faz por meio da força policial, para prender e punir. Não estudam porque o poder público não implementa ações nesse sentido. Quando têm a oportunidade de estudar e demonstram talento e ambição, sofrem a perseguição daqueles que ainda representam o poder e o preconceito. Mas, o mais interessante, todos são caracterizados com predisposição para o conhecimento e cultivo das letras. Se não conseguem se desenvolver e, conseqüentemente, se a cidade também não, é porque não lhes são proporcionadas condições. Podemos ver que Moraes problematiza em seu romance tanto as razões que legam à cidade seu estado de decadência, quanto elabora um discurso que legitima o negro enquanto ser apto a fazer parte dessa cidade literária.

A segunda questão destacada no romance é a literária. Durante o período de atuação dos neo-atenienses, São Luís pôde viver uma intensa efervescência literária e cultural. Inauguração de instituições de conhecimento, proliferação de jornais e

promoção de eventos movimentaram bastante o início da República. Os letrados reuniam-se em grêmios e, às vezes, as rivalidades geravam polêmicas que animavam as páginas dos jornais da capital maranhense. Os meios e as práticas que os neo-atenienses utilizavam para devolver São Luís a um lugar de destaque no cenário da literatura nacional eram os mesmos pelos quais disputavam notoriedade dentro da cidade. Moraes sofria as consequências dessas polêmicas e tivera durante boa parte da Primeira República seu nome silenciado ou excluído desses meios de divulgação. Na imprensa, entretanto, possuía uma carreira consolidada e foi através dela que espalhou seu nome pela cidade. A possibilidade de divulgar ideias de maneira mais rápida e com maior alcance, aproximou Moraes do público leitor e compensou sua ausência em muitas instituições na época, como a Academia Maranhense de Letras, por exemplo.

Nascimento Moraes, então, escreve um romance que mostra as práticas diárias que movimentam uma cidade herdeira de grande tradição literária e cujos habitantes demonstram forte predisposição para o conhecimento e para as letras. Contudo, essa cidade se degenera por causa do descaso do poder público, de seus vícios e preconceitos contra seus cidadãos e, ao longo da narrativa, todos vão se deixando vencer ou pelas precárias condições de sobrevivência ou por se submeterem às regras da elite branca e tradicional.

## Referências Bibliográficas

### Bibliografia :

ALBUQUERQUE Jr. Durval Muniz. História: a arte de inventar o passado. Ensaios de teoria da História. Bauru, SP: EDUSC, 2007.

ALMEIDA, Alfredo W. B. de. A ideologia da decadência. São Luís: IPES, 1983.

AMARAL, José Ribeiro do. O Maranhão histórico: Artigos de Jornal (1911-1912). São Luís: GEIA, 2003.

ARGAN, Giulio Carlo. História da Arte como História da Cidade. 5 ed. São Paulo: Martins Editora, 2005.

ARRAIS, Raimundo Pereira Alencar [et al]. O corpo e a alma da cidade: Natal entre 1900 e 1930. Natal, RN: EDURFN, 2008.

ARRAIS, Raimundo Pereira Alencar. Escrevendo e cartografando a cidade do Recife na passagem para o século XX. Cahiers des Amériques Latines 48-49. Université de La Sorbonne nouvelle – Paris III.

\_\_\_\_\_. Recife, Culturas e Confrontos: as camadas urbanas na Campanha Salvacionista de 1911. Natal: EDUFRN, 1998.

\_\_\_\_\_. O Pântano e o Riacho: a formação do espaço público no Recife do séc. XIX. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2004.

\_\_\_\_\_. A capital da saudade: destruição e reconstrução do Recife em Freyre, Bandeira, Cardozo e Austragésilo. Recife: Ed. Bagaço, 2006.

BLANCHOT, Maurice. Espaço Literário. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1987.

BOLLNOW, Otto Friedrich. O homem e o espaço. Curitiba: Editora da UFPR, 2008.

BORRALHO. José Henrique de Paula. A Athenas Equinocial: a fundação de um Maranhão no Império brasileiro. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2009. (Tese)

BRANDÃO, Helena Câmara Lacé; MARTINS, Angela Maria Moreira. O modo de vida oito-novecentista visto da varanda. Rio de Janeiro: Revista19&20, v. III, n. 4, out. 2008.

BROCA, Brito. A vida literária no Brasil-1900. Rio de Janeiro: José Olympio: ABL, 2005.

BROCA, Brito. Naturalistas, parnasianos e decadistas: vida literária do realismo ao pré-modernismo. Campinas: Editora da UNICAMP, 1991.

BURNETT, Carlos Frederico Lago. Além do rio Anil, urbanização e desenvolvimento sustentável: estudo sobre a sustentabilidade dos tipos de urbanização na cidade de São Luís do Maranhão. 2002. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Urbano). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2002.

CALVINO, Ítalo. As cidades invisíveis. São Paulo: Companhia das letras, 1990.

CÂMARA, Paulo Roberto Pereira. Trabalho e Rua: dinâmicas do trabalho no mundo da rua. Revista Outros Tempos. UEMA: Vol. 5, n. 6, dez. 2008 (Dossie Religião e

CAMPOS, Humberto de. Memórias Inacabadas (Obra Póstuma). W.M. Jackson Inc. Editores, 1937.

CARVALHO, José Murilo de. Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

CASTRO, Ana Caroline Neres. Academia Maranhense de Letras: um século inventando tradições (1908-2008). Revista Outros Tempos (Dossiê História da América) v.5. São Luís:UEMA, 2008.

CERTEAU, Michel de. A Invenção do Cotidiano 1: Artes de Fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

CHALHOUB, Sidney. Cidade Febril: cortiços e epidemias na Corte imperial. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

\_\_\_\_\_. Machado de Assis: Historiador. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

\_\_\_\_\_. Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores do Rio de Janeiro da belle époque. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 2001.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. In: À Beira da Falésia. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

CORRÊA, Rossini. Atenas Brasileira: a cultura maranhense na civilização nacional. Brasília: Thesaurus; Corrêa & Corrêa, 2001.

CORREIA, Maria da Glória Guimarães. Nos fios da trama: quem é essa mulher? Cotidiano e trabalho no operariado feminino em São Luís na virada do século XX. São Luís: EDUFMA, 2006.

COSTA, Emília Viotti da. Da Senzala à colônia. São Paulo: Ed. UNESP, 1998.

DaMATTA, Roberto. A casa & a rua. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DUBY, Georges. História social e ideologias das sociedades. In: GOFF e NORA. História: Novos problemas. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

ECO, Umberto. Seis passeios pelos bosques da ficção. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

EL FAR, Alessandra. A encenação da imortalidade: uma análise da Academia Brasileira de Letras nos primeiros anos da República (1897-1924). Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

FARIA, Regina Helena Martins de. A transformação do trabalho nos trópicos: propostas e realizações. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História, UFPE, 2001.

FERREIRA, Luiz Alberto. Decomposição e Recomposição: Querelas e intrigas nas tramas dos novos partidos no Maranhão (1889-1894). Revista Outros Tempos. V.01. São Luís: UEMA.

FREYRE, Gilberto. Sobrados e mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento urbano, São Paulo, Global, 2003.

GAY, Peter. Represálias Selvagens: realidade e ficção na literatura de Charles Dickens, Gustave Flaubert e Thomas Mann. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GOUVEIA NETO, João Costa. AO SOM DE PIANOS, FLAUTAS E RABECAS... : Estudo das vivências musicais das elites na São Luís da segunda metade do século XIX. UFPI, 2010.

GREENBLATT, Stephen. Possessões Maravilhosas: o deslumbramento do Novo Mundo. São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1996.

GRUNER, Clóvis. As letras da cidade ou quando a literatura inventa o urbano – leitura e sensibilidade moderna na Curitiba da Primeira República. Estudos Históricos: Rio de Janeiro, vol. 23, n. 45, p. 51-70, janeiro-junho de 2010.

GUERRAND, Roger-Henri. Espaços Privados. In: PERROT, Michelle (org.). História da vida privada v. 4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

HABERMANS, Jurgen. Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

HARTOG, François. O Espelho de Heródoto. Ensaio sobre a representação do outro. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

HERMAN, Arthur. A idéia de decadência na história ocidental. RJ/SP: Ed. Record, 1999.

HOLANDA, Sérgio B. de. Raízes do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOMEM, Maria Cecília Naclério. O palacete paulistano e outras formas urbanas de morar da elite cafeeira. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

HUNT, Lynn. Apresentação: história, cultura e texto. In: A Nova História Cultural. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LEPETIT, Bernard. Por uma nova história urbana. (Seleção de textos, revisão crítica e apresentação Heliana Angotti Salgueiro). São Paulo: EDUSP, 2001.

LIMA, Luiz Costa. História. Ficção. Literatura. São Paulo: Cia das Letras, 2006.

MACHADO NETO, Antonio Luís. A Estrutura Social da República das Letras: sociologia da vida intelectual brasileira (1870-1930). São Paulo: Grijalbo, Ed. da Universidade de São Paulo, 1973.

MACHADO, Nauro. Esferas Lineares: 4 Estudos Maranhenses. São Luís: SECMA, 1996.

MAGALHÃES. Tucídides: A inquirição da verdade e a latência do heroico. In: JOLY, Fábio Duarte (org.). História e Retórica: ensaios sobre a historiografia antiga. SP: Alameda, 2007.

MARQUES, César Augusto. Dicionário histórico-geográfico da província do Maranhão. Rio de Janeiro: Ed. FON-FON e Seleta, 1970.

MARTINS, Manoel Barros. Operários da Saudade: Os Novos Atenienses e a Invenção do Maranhão. São Luís: Edufma, 2006.

MATOS, Marcos Fábio Belo. Ecos da modernidade: uma análise do discurso sobre o cinema ambulante em São Luís. Universidade Estadual Paulista, Faculdades de Ciências e Letras, Campus de Araraquara, 2010. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa).

MATOS, Maria Izilda Santos de. A cidade, a noite e o cronista: São Paulo e Adoniran Barbosa. Bauru, SP: EDUSC, 2007.

\_\_\_\_\_. Cotidiano e Cultura: história, cidade e trabalho. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

MEIRELES, Mário [et al]. Antologia da Academia Maranhense de Letras (1909-1958). Ed. Fac. Similar. São Luís: AML Ed. do Centenário, 2008.

MEIRELES, Mário. História do Maranhão. Imperatriz: Ed. Ética, 2008.

MELLO, Maria Tereza Chaves. A república consentida. Rio de Janeiro, 2007.

MELO, Magnólia Sousa Bandeira de. Índice toponímico do Centro Histórico de São Luís. São Luís: Ed. UFMA, 1991.

MELO, Maria Cristina Pereira de. O bater dos panos: um estudo das relações de trabalho na indústria têxtil do Maranhão (1940-1960). São Luís: SIOGE, 1990.



- MORAES, Jomar. Vida e obra de Antonio Lobo. São Luís: Revista Legenda Editora, 1969.
- MORETTI, Franco. Signos e estilos da modernidade: ensaio sobre a sociologia das formas literárias. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2007.
- PALHANO, Raimundo Nonato Silva. A produção da coisa pública: serviços e cidadania na Primeira República: República Ludovicense. São Luís: IPES, 1988.
- PAMUK, Orhan. Istambul: memória e cidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- PESAVENTO, Sandra J. Uma outra cidade: o mundo dos excluídos no final do século XIX. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001.
- \_\_\_\_\_. O imaginário da cidade: versões literárias do urbano – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. Porto Alegre: UFRGS, 1999.
- \_\_\_\_\_. Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.08, n.16, 1995.
- PICON, Antoine. Racionalidade Técnica e utopia: a gênese da haussmannização. In: SALGUEIRO, Heliana. A. (org.) Cidades capitais do século XIX– Racionalidade, Cosmopolitismo e Transferência de Modelos. São Paulo: Ed. Edusp, 2001.
- PROST, Antoine. Fronteiras e espaços do privado. In:PROST, Antoine e VINCENT, Gérard. História da Vida Privada. vol.5: da Primeira Guerra aos nossos dias. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- RAMA, Angel. Cidade das Letras. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- RIBEIRO Jr, José Reinaldo Barros. Formação do espaço urbano de São Luís: 1612-1991. São Luís: edições FUNC, 1999.
- RIBEIRO, Jalila Ayoub Jorge. A Desagregação do Sistema Escravista do Maranhão: 1850 – 1888. São Luis: SIOGE, 1990.
- RIO, João do. A alma encantadora das ruas. São Paulo: Martin Claret, 2007.
- SALES, Tatiane da Silva. Mulheres perfeitas: condição social e instrução feminina em São Luís (1900-1930). Revista Outros Tempos, v.4. São Luís: UEMA, 2007.
- SANTOS, Joel Rufino. Quem ama literatura não estuda literatura: ensaios indisciplinados. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.
- SCHAMA, Simon. Paisagem e Memória. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- SCHWARCZ, Lília Moritz. O Espetáculo das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870- 1930). São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

\_\_\_\_\_. Retrato em branco e negro: jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: \_\_\_\_\_. História da Vida Privada no Brasil vol.3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

\_\_\_\_\_. Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

\_\_\_\_\_. O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso. In: \_\_\_\_\_. História da Vida Privada no Brasil v.3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SOUSA, Carmem de J. R. de. A cidade em foco: imagens visuais e escritas das condições urbanas de São Luís na Primeira República. São Luís: UEMA, 2006 (Monografia).

VENTURA, Roberto. Estilo Tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil, 1870-1914. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

VERGER, Pierre. 1987. Fluxo e Refluxo do tráfico de escravos entre o Golfo do Benin e a Bahia de Todos os Santos. Salvador: Currupio,1987

VERÍSSIMO, José. História da literatura brasileira. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1981.

VIEIRA FILHO, Domingos. Breve História das Ruas de São Luís. Maranhão, 1962.

VIVEIROS, Jerônimo de. História do Comércio do MA (1612-1895) vol.2. Reedição Fac-Similar. São Luís, 1992, p.471.

### **Fontes:**

ATHENAS, Revista do Maranhão - para o Brasil. Ano III,1941(janeiro a junho de 1941).

CANTANHEDE, Palmério. Saneamento das Cidades e sua aplicação a capital do Maranhão. Relatório apresentado ao Exm. Sr. Dr. João Gualberto Torreão da Costa, Governador do Estado. Maranhão: Typ. Frias, 1902.

CUNHA, Gaudêncio. *Maranhão 1908*. São Luis: Edições AML, 2008.

GODINHO, Victor. A Peste no Maranhão. Relatório apresentado ao Exm. Sr. Coronel Alexandre Collares Moreira Junior, Governador do Estado. Maranhão: Typogravura Teixeira, 1904.

LOBO, Antonio. Os Novos Atenienses (Subsídio para a História Literária do Maranhão). São Luís: AML, 1970.

LOPES, Antonio. História da Imprensa no Maranhão. Rio de Janeiro: DASP, 1959.

LOPES, Raimundo. Uma região tropical. Rio de Janeiro: Ed. Fon Fon e Seleta, 1970.

MARQUES, Astolfo. A Nova Aurora (novela maranhense). Maranhão: Tip. Teixeira, 1913.

MORAES, José do Nascimento. Vencidos e Degenerados (chronica maranhense). Maranhão: Typographia Ramos d'Almeida & Comp. Sucessores, 1915.

\_\_\_\_\_. Vencidos e Degenerados – romance (crônica maranhense). São Luís: SIOGE, 1968. 2ª Ed.

\_\_\_\_\_. Vencidos e Degenerados. São Luís: Centro Cultural Nascimento Moraes, 2000. 4ª Ed.

\_\_\_\_\_. Puxos e Repuxos. São Luís: Typ. dos Artistas, 1910.

PAXECO, Fran. O trabalho maranhense. S. Luiz do Maranhão: Imprensa Oficial, 1916.

\_\_\_\_\_. Os interesses maranhenses. São Luís: Imprensa Oficial, 1904.

PORTO, Augusto (org). Publicações da Câmara municipal de São Luís: coleção de leis e resoluções municipais (1892-1909). Maranhão: Typ. do Diário do Maranhão, 1910.

#### **Jornais:**

- O PAIZ (1888)
- DIÁRIO DO MARANHÃO (1889)
- A CAMPANHA (1902; 1903; 1904)
- A IMPRENSA (1906; 1907)
- PACOTILHA (1908; 1910)

## ANEXOS

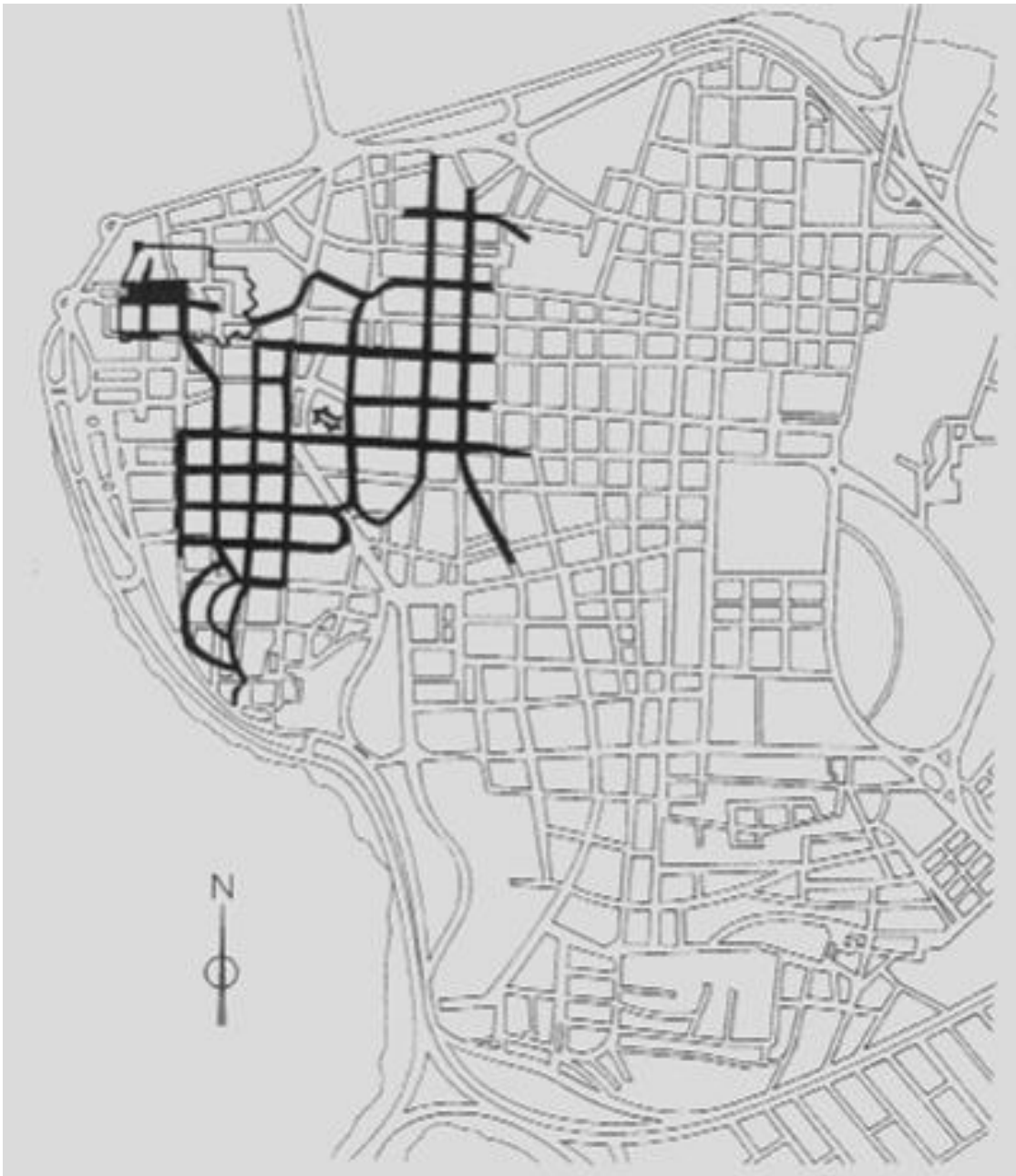


Imagem 1: Sobreposição da planta atual do Centro Histórico sobre o traçado atribuído a Frias de Mesquita de 1640.

Fonte: SILVA FILHO, Olavo Pereira da, 1998.



Imagem 2: Planta de São Luís em 1912: a ocupação de áreas periféricas centrais.  
Fonte: BURNETT, Carlos Frederico Lago. *Além do rio Anil, urbanização e desenvolvimento sustentável*, 2002.

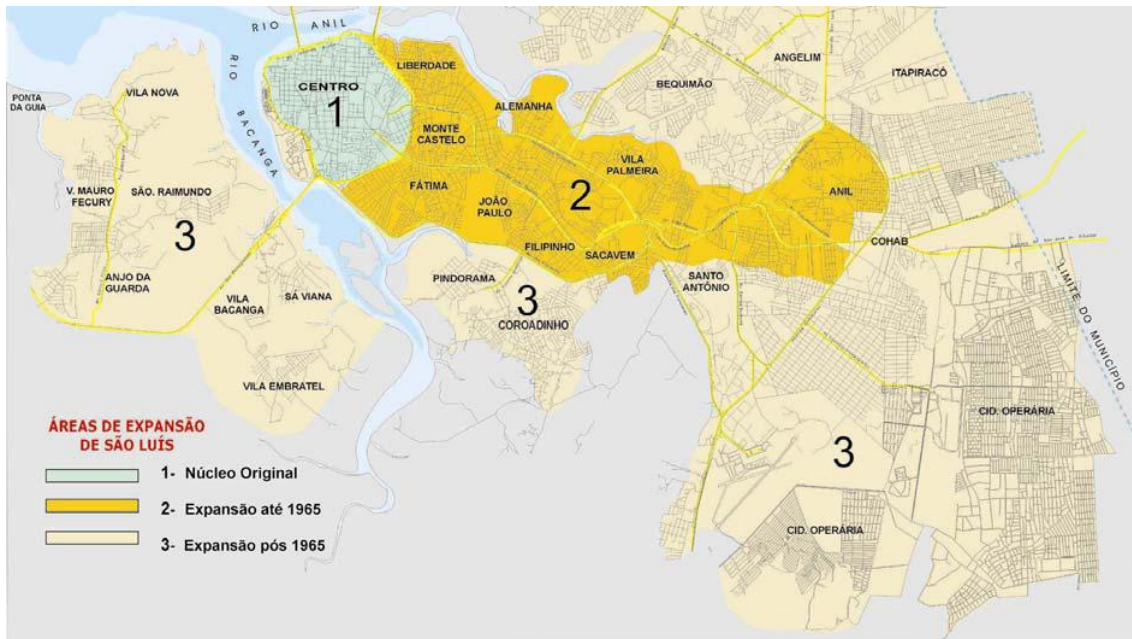


Imagem 3: Planta do Município de São Luís em 1997, com a área contínua da urbanização tradicional na faixa central e as expansões fragmentadas da urbanização modernista.

Fonte: BURNETT, Carlos Frederico Lago. *Além do rio Anil, urbanização e desenvolvimento sustentável*, 2002.

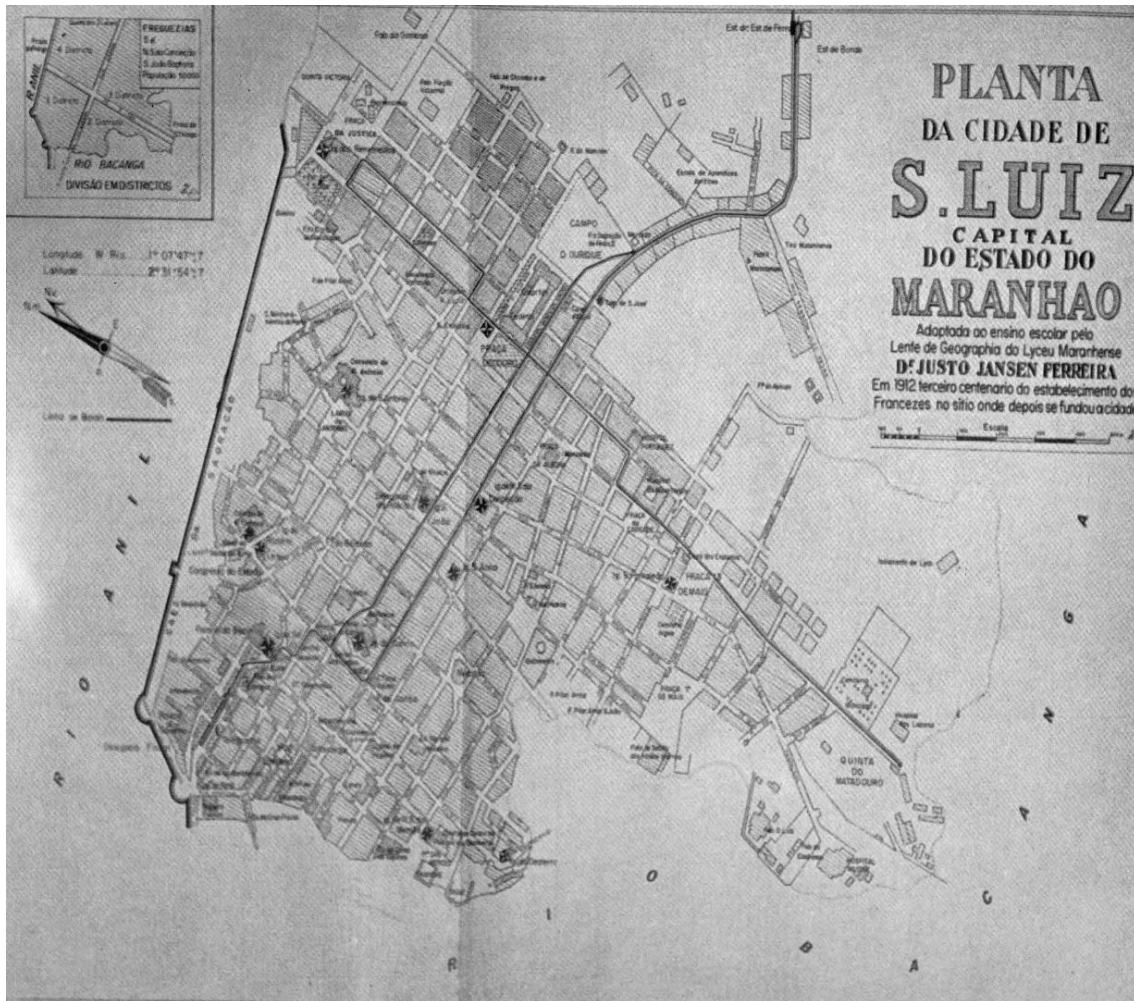


Imagem 4: Planta da cidade de São Luís 1912  
Fonte: PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO LUÍS, Secretaria Municipal de Urbanismo. *Rua Grande: um passeio no tempo*. São Luís: Prefeitura Municipal; São Paulo: Pancron, 1992.





Imagem 5: Praça João Lisboa

Fonte: CUNHA, Gaudêncio. *Maranhão 1908*. São Luís: Edições AML, 2008.





Imagem 6: Rua do Sol  
Fonte: CUNHA, Gaudêncio. *Maranhão 1908*. São Luís: Edições AML, 2008.



Imagem 7: Teatro São Luís. Interior.  
Fonte: CUNHA, Gaudêncio. *Maranhão 1908*. São Luis: Edições AML, 2008.



Imagem 8: Largo do Carmo

Fonte: CUNHA, Gaudêncio. *Maranhão 1908*. São Luís: Edições AML, 2008.



Imagem 9: Um trecho da Praça Deodoro da Fonseca - S. Luís.  
Fonte: CUNHA, Gaudêncio. *Maranhão 1908*. São Luís: Edições AML, 2008.



Imagem 10: Rua da Estrela – Largo do Comércio  
Fonte: CUNHA, Gaudêncio. *Maranhão 1908*. São Luis: Edições AML, 2008.





Imagem 11: Praça Benedito Leite.

Fonte: CUNHA, Gaudêncio. *Maranhão 1908*. São Luís: Edições AML, 2008.